VIAGENS

NO

SYSTEMA PLANETARIO

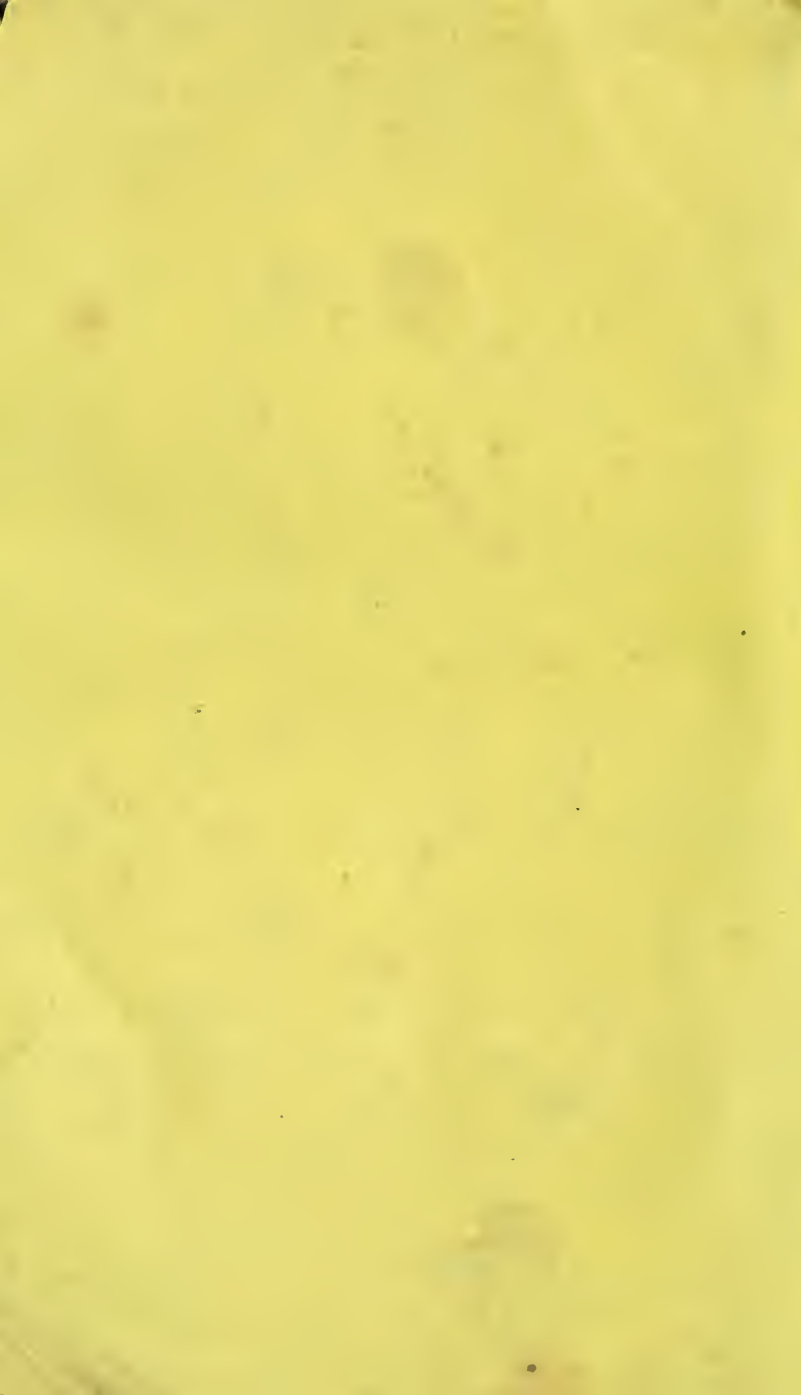
POEMA SATYRICO

PELO

DR. PATROCINIO DA COSTA

COIMBRA
IMPRENSA LITTERARIA
1876

VIAGENS

NO

SYSTEMA PLANETARIO

POEMA SATYRICO

EM

DOZE CANTOS

PELO

Dr. PATROCINIO DA COSTA

Segunda edição

COIMBRA

IMPRENSA LITTERARIA

1876

Homens, homens de bem, não tenhais susto,
Que eu vil quadrilha... zurzo,
E Impostores hypocritas, e Aulicos,
Que as lettras, a razão, e a Patria aviltam.

MACEDO. *Os Burros*. Canto 1.º

ADVERTENCIA PRELIMINAR

Nobres e amaveis, virtuosas damas,
O auctor d'estas viagens vos supplica
Lhe perdoeis frisantes epigrammas
Vibrados á venal ou impudica
Que em seus infames, criminosos tramas,
A ambição, avareza, sacrifica
De um credulo mancebo a dignidade
P'ra alimentar seus luxos e vaidade.

Mas vós, damas honestas, generosas,
De uma alma bem formada e dirigida,
Mer'ceis as homenagens mais honrosas,
O encanto e adorno sois da humana vida.
Só vós sois ternas mães, dignas esposas,
Nobre estima e attenção vos é devida;
Sempre, ó bellas, vos tenho respeitado,
Nem por mim tal dever será quebrado.

Da satyra que é feita ao sexo forte
Perdões, desculpas que pedir não tenho;
Nos vicios dar não posso fundo corte,
Mas viciosos, malvados expor venho
Do publico á irrisão de toda a sorte.
De esses cães c'o a matilha bem me avenho;
Trago sempre um poder executivo
Que poderá fazer serviço activo.

ARGUMENTO

1.º CANTO

Á fonte do Cidral indo em passeio
O auctor, appareceu-lhe o poeta Dante;
Este o convida a viagens de recreio
E de instrucção tambem; no mesmo instante
Foi a proposta acceite. O ethereo meio
Percorrendo admirado o viajante,
Pousa na Lua, e mostra o florentino
De alguns doidos o fim triste e mofino.

2.º CANTO

Conta Dante de alguns ladrões famosos
Aos seus delictos punição devida,
Vão depois os poetas pressurosos
Temporada passar bem divertida
Em Venus. De Guismonda os luctuosos
Amores se figuram, e em seguida
Em casa de notavel, nobre dama
Encontra o auctor pessoas de honra e fama.

3.º CANTO

Raio do Mundo, o perfido malaio,
Em ridicula scena se figura;

Declara o proprio bebado frei Raio
Ser borracha e devassa creatura.
Olympia, que em Coimbra amara o Gaio,
Instructora vae ser, guia segura
Do doutor: são de Lysia os deputados
De preguiça e outros vicios accusados.

4.º Canto

Mostram-se os sanguinarios habitantes
Que no planeta Marte são punidos;
Do papa Bonifacio e outros tratantes
São os enormes crimes referidos;
Numerosos carlistas e birbantes,
Miguelistas, malvados desabridos,
Estão tambem n'este orbe de tormento
A ser de feras bravas alimento.

5.º Canto

Narra Olympia ao doutor, por quaes viventes
Sendo o planeta Lethes habitado,
P'ra punição de tão infames gentes
Foi depois em pedaços fracturado.
Chegam a Vesta, e vêem ás impudentes
Marafonas castigo destinado;
Conta o negro feitor da bolonhesa
Beatriz a luxuria e vil sperteza.

6.º Canto

De Menelau e Paris se descreve
O duello famoso e decantado,
E de algumas *vestaes* que o mundo teve
O castigo se mostra apropriado;
A historia das taes damas, longa ou breve,
É feita pelo guarda encarregado
Da punição de aquellas creaturas,
Amantes infieis, 'sposas perjuras.

7.º Canto

Diz o auctor o motivo que o levara
A escrever digressão tão admiravel;
A do bom Galileo vida preclara
Para conversa é assumpto aproveitavel.
N'uma lua de Jove, amena e clara,
Pousando os dois, em companhia amavel
De Dante e alguns doutores são narradas
De Coelho e Falcão as tratantadas.

8.º Canto

Em Portugal do secundario ensino
Mostra-se a progressiva decadencia;
Para explicar o calculo mais fino
Faz-se ver de Raymundo a incompetencia;
Conta partidas o doutor Rufino
De Zé Pedro, o ratão por excellencia;
N'um scapharmonio os bons amigos nove
Linda viagem fazem até Jove.

9.º Canto

Dom Morgado defende absolutismos,
E Barrete a feição republicana,
Boas razões em pró dos monarchismos
Consti'cionaes allega um ratazana;
Faz-se honrosa menção dos heroismos
De uma famosa e varonil serrana,
E do *Raio Vector* a brutidade
É lembrada tambem á post'ridade.

10.º Canto

O Rodin jesuita á falla chega,
Confessa da ordem sua a iniquidade;
Zé Monteiro da Rocha a um seu collega
Expulsar conseguiu da faculdade;

A causa o *honesto* Yago diz e allega
De usar aleivosia e falsidade;
Narra-se de Goulão a furia insana,
Contra o bedel puxando da catana.

11.º Canto

Com solidas razões justificando
Da meiga Olympia a sabia companhia,
Diz o auctor como fôra viajando
Té o Reino da Asneira, e como via
Andar no commum senso couces dando
A gente que em tal reino residia;
Conta Sarmento a infame ingratidão
Dos doutores Coelho e Zé Falcão.

12.º Canto

Em Neptuno o doutor chega á cidade
Que é chamada *dos grandes almirantes;*
Lá viu um maganão da antiguidade
E mais outros distinctos navegantes;
Do navio pimpão a heroicidade
É celebrada em rimas consoantes;
Vê de uns biltres pintadas as imagens,
E no Cidral termina estas viagens.

CANTO PRIMEIRO

INTRODUCÇÃO; VIAGEM Á LUA

I

Era noite de março amena e linda,
E a lua os claros raios espalhava,
Prateando de Coimbra alegres sitios.
Dos filhos de Minerva aos seus estudos
Eram muitos entregues; meus discipulos
Iam p'ra suas casas, preparados
Co'a licção que eu lhes dera, e que devia
O *honrado* doutor Coelho previamente
Haver-lhes explicado. Abuso antigo,
Introduzido em certa faculdade,
Dos leccionistas a moderna industria (1)
Em Coimbra fez nascer. Ia eu dizendo
Que para as casas suas regressavam
Meus amigos discipulos co'os calculos
Escriptos da licção; e eu fatigado
De tanta *função xis*, p'ra distrair-me,
Ao passeio quiz ir, mesmo sosinho.
Do jardim á alameda me dirijo,
E, chegando ao penedo da saudade,
Sentei-me e a reflexões varias me entrego.

II

Aqui (disse comigo) algumas vezes
Se reuniu do *raio* a synagoga,

De um prelado tyranno urdindo a queda (2);
Mas hoje os principaes chefes d'aquella
Secreta associação são mais tyrannos,
Mais injustos, soberbos e impostores
Que o reitor contra quem se conspiravam.
Não são novas taes phases; na politica
Mais alta as mesmas coisas se praticam.
Os habeis publicistas que na lucta
Se distinguiram contra o cabralismo,
Do Conde de Thomar oppressões duras
E crueis despotismos combatendo,
Hoje, feitos poder, seu ministerio
Só com trampolinices, tyrannias
E sophismas da lei têm prolongado.
Eleições, eleições, que grande burla! (3)
Amor á liberdade, que impostura!
Sociedades secretas, que intrujisse!

III

Para não 'star parado, ávante sigo
Passeando onde é largo e bem composto
O caminho e de assentos guarnecido.
Um me trouxe á memoria algumas tardes
Da vida de estudante; a companhia
Da linda Maria Amalia por acaso
Uma d'ellas ornou, quando no dia
Em que fiz de botanica o meu acto
Com dois ou tres amigos lá me achava.
Agradecida e meiga a rapariga
O contraste e epigramma era de muitas
Senhoras, ditas nobres e illustradas.
Em quanto umas, ladinas, 'spertalhonas,
N'esta roda chamada sociedade
Respeitadas por todos, muitas vezes
Dignas filhas da Angot se manifestam,
Amisade leal, sincera estima,
Eu e os meus tres amigos encontraramos

Sempre n'aquella boa companheira.
Amores, galanteios... lindo assumpto
Para fazer comedias e romances!
E a sociedade injusta em grande estima
E por honradas tem finorias damas
Que sabem affectar paixão, carinho
Por mancebo que é rico (e pagar pode,
Desposando-as, caricias mentirosas),
Ao passo que ao despreso vota muitas
Infelizes que o mundo rebaixára,
Mas que por vezes sabem elevar-se,
Em brios e amisade, onde senhoras
Havidas por honradas nunca chegam!

IV

No *High Life*, ou grande mundo, ou como queiram,
Intrujões e intrujonas taes se encontram,
Que um Faustino Novaes, um Tolentino,
A verberar com satyras picantes,
Mas mer'cidas, fieis, aquelles biltres,
Mal podiam bastar para obra tanta.
Se Juvenal vivesse, ou se o proscripto
Poeta de Florença os conhecera,
Novo poema do inferno em muitos cantos
Teria de appar'cer. Mas quem ha de hoje
Acreditar que pode um viajante,
Guiado por uma alma do outro mundo,
Ir percorrer do inferno os varios circulos?

V

Taes coisas meditando, p'ra mais vasta
Divagação nocturna me sentia
Fortemente animado; e a meiga lua
De noites mais felizes as lembranças
Me par'cia avivar. Tomo outro rumo
E do Cidral á fonte vou sentar-me

Onde, terceiranista e quartanista,
Tantas vezes já fôra; o ameno sitio
Ao socego e repouso convidava.

Um pouco a descançar sentado fico,
Meditabundo sempre... Eis se não quando
Na mão trazendo um album de retratos
Vejo ante mim um vulto venerando.

VULTO

Que fazes ahi sosinho?

O AUCTOR

Porque o perguntas? Quem és?

VULTO

Fui homem, por ti me int'resso,
E vejo o que tu não vês.

O AUCTOR

Eu o que vejo é toldada
A noite que era tão linda;
Ouço trovões, de ir p'ra casa
Diz', ó vulto, é tempo ainda?

VULTO

Se te queres da tormenta
Por algum tempo abrigar,
P'ra chamar-te onde eu habito
Aqui te vim convidar.

Acceitas?

O AUCTOR

'Stá dicto; vamos.

VULTO

Á minha capa te afferra,
Nem te assuste o irmos voando
P'ra muito longe da terra.

VI

Assim disse o meu guia e eu promptamente
A capa lhe tomei; logo voamos
Ambos junctos mais rapidos que a frecha
Que o arco sacudira, ou do que a bala
Pelo ignivomo bronze projectada.
Se és Asmodeu, lhe digo, não me leves
Como outro Dom Cleofas; ir não quero
No terraço pousar do observatorio
Que, tendo quasi um seculo, um planeta,
Um sosinho p'ra amostra, ainda não dera
Á sciencia astronomica! (4) Os seus sabios
Tão uteis ao paiz, á humanidade,
Mostrar se têm sabido! Não precisas,
Tão pouco, destelhar de Coimbra as casas;
Das miserias da terra sei bastantes. —
Socega, me tornava, que mais longe,
Muito longe d'aqui vou conduzir-te.
O sol já vês? Da Terra estamos fóra,
E na Lua pousar vamos primeiro.—
Disse; e em breve chegamos ao satellite
Que á terra anda ligado firmemente
Por da gravitação leis immutaveis.
Perguntou-me elle então: não me conheces?
E eu: por essa côr morena, e ainda
Pela c'rôa de louros que circunda
Tua fronte immortal, por esse adunco
Aquilino nariz, que és Allighieri,
O vate florentino, me parece.

— Acertas-te, doutor, me torna o poeta;
Mas informar-te vou por que motivo
Na fonte do Cidral fui procurar-te.

VII

Quando a minha penosa e triste vida
Ao seu termo chegou, deixando o corpo
Nas terras de Ravenna, correu prestes
Meu 'spirito apressado a apresentar-se
Ante Aquelle que os mundos rege e cria.
Em attenção a tantos soffrimentos,
Um exilio cruel, revezes varios,
Por expiados foram logo havidos
Todos os meus peccados, e de Jupiter
Sobre o vasto espheroide a residencia
Designada me foi, permissão tendo
De poder viajar nos outros orbes.
Já a maior parte tenho visitado
Dos restantes planetas, mas com tudo
No orbe de Jove passo o mais do tempo
Do *anno jovial*, e só no estio
Faço uma digressão até Neptuno,
Como vós habitantes lá de baixo
Ides ás praias de Figueira ou 'Spinho.
— E Jupiter que tal? É boa terra? —
Muito boa, doutor; ha la de tudo
Em abundancia e bom. Temos theatros
Melhores que San Carlos ou Trindade,
Jardins como os de Armida, ou fada Alcina,
Quaes meus collegas Tasso e Ariosto
Tão bellamente imaginar souberam.
É na arte culinaria tão perfeita
A minha cozinheira como a Emilia
Do hotel Viriato (5); as fontes deitam
Vinhos melhores que Madeira ou Porto,
Ha chafarizes de café, licores...

— E Beatriz 'stá comtigo? — Isso era asneira;
Temos coisa melhor, meu caro amigo.
É lá desconhecido o platonismo,
E muitas circassianas compartilham
Nosso amor e venturas; é pequena
A superficie do planeta Venus
Para contel-as todas. Mas passava-me
Por alto o revelar-te qual motivo
Me levara a chamar-te a esta viagam.

VIII

De Ninon de Lenclos na festa de annos
Eu 'stava com Shakspear' conversando
Sobre a escóla romantica, e apressado
Vejo chegar doutor Thomaz d'Aquino (6).
Amigo Dante, diz-me o mathematico,
Por que gostas do ensino e és grande mestre
Do teu gosto um favor venho pedir-te.
— Falla, lhe digo. — O nosso Patrocinio
Teve uma discussão co'o Zeferino (7)
Sobre a 'stabilidade planetaria,
E com o Bettencourt, doutor theologo,
Tambem tivera uma outra, defendendo,
Com maior extensão e ornatos muitos,
De Figuier theorias romanescas.
Bem que a revelação não seja usada
Em sciencias naturaes, façamos hoje
Por elle uma excepção; vae convidal-o
A seguir-te e explica-lhe essas coisas
Que os successores meus por certo ignoram,
Ou pelo menos ensinar não querem.
Eu mesmo iria áquelle meu collega
Convidar a tão util conferencia,
Mas da Cunha o Anastacio (8) não me deixa;
P'ra o jogo á carambola quer parceiro
Que seja de igual força. — Eu disse logo:
Do doutor Patrocinio é que se tracta?

Co' esse me entendo bem, que certamente
Não deixará perder o beneficio,
N'um poema didactico explicando
As doutrinas sublimes que hão de ao calculo
Ficar sempre rebeldes, refractarias.
Fui pois buscar-te, e agora principio
Da theoria da Lua a revelar-te
Coisas que os teus astronomos não sabem.

IX

Assim disse o poeta, e logo fomos
As praças percorrendo e as varias ruas
Aonde são guardados os *lunaticos*.
Dizeis vós os viventes (continuava
O meu bom companheiro) que com tolos
Nem no céu 'star convém; por tal motivo,
Em vez de um hospital de Rilhafolles,
O espheroide da Lua é destinado
A receber as almas dos malucos.
As manias que em vida os dominavam
Conservam inda aqui; mas olha e escuta.—
De uma calçada no alto então avisto
O Antoninho das Almas, que em Coimbra
Tão conhecido foi, prégando ás turbas
Os sermões do costume. Ávante andamos
E vimos nas esquinas affixadas
Muitas proclamações, chamando á urna
Os cidadãos da Lua. Aqui não falta
(Diz-me o poeta) um só dos eleitores
A ir na urna lançar a sua cedula;
Mas nenhum lê ao menos em quem vota,
Que isso importa bem pouco a esta gente.
Mas, se queres ver coisas engraçadas,
Entremos n'esta igreja; os missionarios
Vem hoje aqui prégar. Entramos ambos,
Mas foi subindo ao côro, pois em baixo,
Té na capella mór, tudo era cheio

De mulherio e beaterio immenso.
Perguntei: e os beatos não concorrem?
Dante me respondeu: n'esta metade
Da Lua que p'ra a terra anda voltada
Vivem só *simples tolos*, por que os outros
Que são *totos e maus* na outra metade
Que a terra nunca viu ficam guardados
Com sentinella á vista, e cada dia
Têm ração de chicote ministrada
Pelas mãos vigorosas de gigantes.
Beatos *simples tolos* ha cá poucos,
Se vós não tendes muitos...; e por isso
Dos *beatos hypocritas* o gremio
Mais tarde mostrarei. — Porém responde-me
Têm aqui residencia os missionarios? —
Não têm, me torna o mestre; mas em épochas
Mais ou menos incertas, de Mercurio
De esses maraus vem uma caravana
Fazer o seu officio, e logo voltam
Áquelle seu logar de eternas penas
Onde, com usurarios e preguistas,
São grilhados ao fogo do hydrogenio.
Têm mais por companheiros as patroas
Das casas toleradas, e outros muitos
Ejusdem furf'ris etiamque forraginis.
— Mas para ouvir sermões d'esses velhacos
Não vale a pena aqui 'sperdiçar tempo.
Ha mais que ver? — Repara, me diz elle.
Olhei; vi as mulheres dando campo,
E um conego a fugir sob as pancadas
De rijo e forte baculo, zurzidas
Pelas mãos de um prelado furioso.
— Conheces este bispo? — E eu disse logo:
É talvez Dom Lourenço, que não poupa
O misero deão, nem lhe perdoa
Inda aqui mesmo aquella picuinha
De lhe não offertar o bento hyssope.
— É esse mesmo. Mas é tempo agora
De ir ao outro hemispherio onde os gigantes
Fazem nos tolos maus o seu serviço.

X

Partimos, e chegado inda não tinhamos
Á linha divisoria das duas faces
Do 'spheroide lunar, quando horrorosos
Ouviamos já gritos d'esses homens
Que o *knout* e o azorrague verberava.
Depois, quando a fronteira transpozemos,
Vi alguns militares, muitos padres,
Alguns homens de toga, outros de murça,
Outros de manto e c'roa, e finalmente
De bonifrates turba innumeravel.
Entre os homens de murça destacava-se
Um vaidoso pedante; na cabeça,
Semelhando uma mitra, tinha posto
De papel um barrete desconforme.
Um gigante membrudo o perseguia
Atiçando-lhe rijas vergalhadas;
O pobre condemnado ia gemendo,
E, apenas me avistou, 'scondeu de prompto
Dentro do tal barrete o magro rosto.
— O marau conheceu-te — diz-me o poeta.
— Mas tarde quiz 'sconder o vil focinho
(Disse eu); conheço-o bem. Um prebendado
Era elle do cabido viziense (9);
Francisco Antonio Nunes Vasconcellos
Foi nome d'esse biltre, que á vaidade,
Á philaucia e soberba tanto culto
Prestou em vida, que, por ser depôsto
Do cargo que occupar nunca devera
(Mas coisas de politica e vinganças
Collocaram esse asno em tal altura!)
Se tornou macambuzio e inda mais tolo
Do que fôra até ali. Padre devasso
E vil calumniador, morreu pateta,
Por toda a honrada gente despresado.
Mas quem é aquelle de cabeça baixa,
Braços em cruz, com cara de homem santo?

'Spera abrandar a furia dos verdugos
Com aquelles seus modos de humildade?—
Responde-me Allighieri: esse é Tartufo,
O marau, cuja mascara rasgara
O chistoso Moliere. Mas, com tudo,
Dos taes a confraria não se extingue,
E até p'ra um teu collega reservado
Já cá 'stá seu logar; por que o capello
Um talisman não é que livre um sonso
Hypocrita manhoso do castigo
Que merece por suas vilanias.
Has de em Marte e Saturno ver tormentos
A que estão alguns lentes condemnados,
Como o Sanches Goulão, que ensinou physica,
E Monteiro da Rocha, o jesuita.
Mas vamo-nos d'aqui; se te parece,
Deixemos de ver mais *tolos malvados*.

Fim do canto primeiro.

NOTAS

AO

CANTO PRIMEIRO

(1)

Os estatutos da Universidade determinam que os professores dividam em duas partes o tempo da aula; uma é destinada á prelecção que os lentes devem fazer, explicando a doutrina que seus discipulos têm de estudar para o dia seguinte, na outra devem chamar um ou mais dos mesmos discipulos a dar conta do estudo e aproveitamento que fizeram sobre as doutrinas da prelecção antecedente. Esta prescripção dos estatutos é lettra morta na Faculdade de Mathematica, e por contagio já o abuso se tem estendido a outras faculdades.

Não se póde dizer com verdade que em mathematica é inutil ou inconveniente a fiel observação d'aquella determinação dos estatutos. Tal observação se pratica na Escóla Polytechnica; e em março de 1875, visitando esta escóla, teve o auctor a honra de assistir na aula de physica á prelecção do sr. Pina Vidal, e na da 1.ª cadeira de mathematica á do sr. Mariano Ghira, sobre a transformação de coordenadas em geometria analytica a tres dimensões. S. ex.ª, tendo escripto no quadro as formulas de transformação e a respectiva figura, as dis-

cutia e comparava com toda a clareza, tractando as differentes hypotheses, etc.

Os lentes de mathematica em Coimbra deixam de cumprir esta sua obrigação, e ha já muitos annos que os estudantes pagam á sua custa licções particulares, procurando explicadores que lhes ensinam na vespera as materias da lição do dia seguinte.

---

(2)

Em 1862 havia em Coimbra uma sociedade secreta, denominada *raio*, cujo fim era uma conspiração contra o reitor da Universidade, o sr. Visconde de S. Jeronymo, promovendo por algum modo a sua exoneração. Conseguiram isso os conspiradores, desconsiderando publicamente s. ex.ª por occasião da solemnidade da distribuição dos premios no dia 8 de dezembro. Saiu depois publicado um manifesto ao paiz assignado por muitos estudantes, accusando s. ex.ª de tyranno, soberbo e jesuita; alguns d'esses signatarios (e dos mais graduados na ordem!) mostraram depois, já como estudantes, já na vida publica, quem é que era mais dominado pela soberba e orgulho.

---

(3)

Sendo as eleições a base fundamental do systema representativo, é muito e muito para lamentar que a *pratica* forneça aos amadores da antiga fórma de governo o mais forte argumento em seu favor. Na verdade, o povo, o paiz não escolhe os seus legisladores; essa escolha é feita por influentes, *medalhões* (governamentaes ou opposicionistas), os quaes substituem de algum modo os antigos capitães mores e os senhores feudaes. O povo mudou de

oppressor, como o burro da fabula mudou de dono.

Para se formar ideia da miseria e impudencia a que se tem chegado nos ultimos tempos, basta apresentar poucos factos: não nos chegava o tempo nem a paciencia para narrar todas as tropelias praticadas, quer pelos homens dos governos, quer pelos das opposições.

As vinganças praticadas sobre os eleitores do circulo de Vizeu em 1874, por ter a opposição feito sair eleito deputado o sr. Luiz de Campos; pelo mesmo tempo as prevaricações das auctoridades judiciaes e administrativas no circulo de Vianna do Castello; finalmente o emprego de caceteiros por parte dos agentes governamentaes, em agosto de 1875, para obstar á eleição do sr. Conde de Bertiandos para deputado por Braga, são prova sufficiente do que asseveramos.

Mas para melhor se conhecer o fim para que alguns afilhados dos *mandões* pretendem a nomeação tribunicia, offerecemos o facto seguinte:

Em 23 de dezembro de 1874, na secretaria da Universidade, o sr. Dr. Alfredo Filgueiras da Rocha Peixoto, deputado eleito por Vianna do Castello, declarou impudentemente perante os srs. Silva e D. Sebastião, officiaes da mesma secretaria, que só havia de deixar de ser deputado, resignando em seu pae, quando a este competisse a promoção a juiz de 2.ª instancia; e que o fim da cedencia era para seu pae não ter de ir para a Relação dos Açores, e ficar sempre na familia a influencia politica.

Este mesmo legislador, sendo oppositor a uma substituição na Faculdade de Mathematica, no Collegio Academico dirigido pelo sr. Dr. Zeferino, perante este sr. director e o sr. padre Liz Teixeira, professor interno do mesmo collegio, em outubro ou novembro d'esse anno, declarou que havia mais de quatro annos que não satisfazia aos preceitos da igreja. Disse mais que, para o seu concurso, se viu

em difficuldades para apresentar attestado de bom comportamento passado pelo parocho; mas que sempre achou um que lhe passou o attestado exigido, e que, em agradecimento, elle deputado governamental lhe obtivera um habito da ordem de Christo!

---

(4)

Das observações astronomicas feitas no observatorio da Universidade de Coimbra não sabemos que tenha resultado para a sciencia alguma utilídade. Conta-se (mas não acreditamos) que desde a sua fundação até hoje os seus observadores fizeram apenas duas descobertas... uns ratos na lua e um planeta nos arcos de S. Sebastião!

---

(5)

Allude-se a uma creada, muito boa cozinheira, do sr. Francisco Rodrigues Vianna, proprietario do hotel Viriato em Vizeu. Este hospedeiro emprega todos os meios de melhor servir, estimar e agradar aos seus hospedes; e, ainda não satisfeito com isso, é na mesa o primeiro a animar a conversação e a alegria, estimulando os hospedes a comer bem e beber melhor.

Um tão amavel hospedeiro não podia deixar de empregar cozinheiras perfeitas na sua arte, como é a sr.ª Emilia.

---

(6)

O Dr. Thomaz d'Aquino de Carvalho foi lente de mechanica celeste, e depois jubilado e director do

observatorio astronomico. Sabia muito de astronomia theorica, e era eximio jogador de bilhar.

---

(7)

O sr. Dr. Antonio Zeferino Candido da Piedade defendeu theses em mathematica em junho, e tomou capello em julho de 1875. O seu acto de conclusões magnas foi brilhantissimo e presenciado por um publico numeroso.

A *honesta* Faculdade de Mathematica houve por bem nas informações conferir-lhe apenas a classificação de *bom* com 15 valores!

---

(8)

O Dr. José Anastacio da Cunha, official de artilheria, foi pelo Marquez de Pombal nomeado lente de mathematica e mandado graduar e incorporar na Faculdade. Não só pelos seus trabalhos scientificos foi um dos maiores mathematicos que fazem honra a Portugal, mas ainda ha d'elle producções litterarias de muito merecimento.

Pouco tempo porém teve a Universidade de Coimbra a honra de o possuir no seu gremio. Intrigado pelo P.e José Monteiro da Rocha, seu collega e a quem fazia sombra, foi demittido no fim de quatro annos e mettido em processo pela Inquisição. O miseravel jesuita até o accusava de fazer versos e vestir farda militar!

---

(9)

Francisco Antonio Nunes de Vasconcellos, co-

nego da Sé de Vizeu e arcediago de Pindello, foi tambem professor jubilado do lyceu da mesma cidade. Soberbo, vaidoso e pedante, deveu ao seu servilismo politico a nomeação para commissario dos estudos, cargo para o qual era incapaz e que serviu pessimamente, e para o obter pouco lhe importou commetter uma revoltante ingratidão contra o seu antecessor, o sr. Com.or Antonio Corrêa de Sousa Montenegro, a quem o mesmo arcediago devia importantissimos favores! Este cavalheiro, que por espaço de dez annos fizera bom serviço n'aquella commissão, sem motivo algum plausivel foi demittido para que o conego infatuado conquistasse o *penacho*.

Nomeado commissario dos estudos e reitor do lyceu de Vizeu em outubro de 1872, Francisco Antonio Nunes de Vasconcellos comportou-se tão infamemente com a corporação a que presidia, intrigando e calumniando os professores do lyceu, suspendendo um professor primario por auxiliar a candidatura de um deputado opposicionista, pretendendo nos exames finaes obrigar o sr. Dr. Viegas, presidente de mathematica, a admittir, com uma certidão falsa de doença, a novo exame um estudante que tinha desistido, etc., que em dezembro de 1874 o Governo se viu na necessidade de lhe dar a exoneração.

Por occasião da posse do seu successor, o sr. Manoel Joaquim Teixeira, em janeiro de 1875 foi proposto em conselho e approvado unanimemente o seguinte voto de censura:

29 de janeiro de 1875.

«Acta da sessão do conselho do lyceu nacional de Vizeu, sob a presidencia do sr. reitor Manoel Joaquim Teixeira».

«—E por esta occasião foi apresentado ao conselho do lyceu um voto de censura ao ex-reitor Nunes de Vasconcellos, assignado pelos professores — Montenegro, Eugenio, Macedo, P.e Sousa,

David, Pereira, e Simões Dias, — que é do teor seguinte: — «Constando extra-officialmente aos professores do lyceu, que assignam este protesto, que o ex-reitor arcediago Francisco Antonio Nunes de Vasconcellos os denunciára falsamente ao governo de Sua Magestade, protestam em nome de sua justiça e dignidade contra aquelle acto, que por ser calumnioso não póde justificar-se; bem como protestam contra a menos lealdade das expressões, de que usou o ex-reitor, quando se despediu dos professores reunidos; aos quaes declarou, que d'elles não levava o menor motivo de queixa; que se despedia com saudade dos professores, os quaes lhe não deram o menor desgosto; e que a todos agradecia a boa camaradagem, que lhe fizeram».

«E, não havendo mais nada a tractar, o sr. reitor levantou a sessão, etc.».

CANTO SEGUNDO

HISTORIA DE ALGUNS LADRÕES FAMOSOS PUNIDOS NO PLANETA MERCURIO; VIAGEM A VENUS

I

Tens vontade e coragem, diz-me o poeta,
Para seguir caminho mais extenso?
Como Cellas de Coimbra, assim a Lua
Arrabalde é da Terra. Agora vamos
Procurar outros orbes, mas devemos
Ir visitar primeiro os inf'riores
Planetas antes de ir aos mais longinquos.
— A Mercurio não vou, lhe digo eu logo.
Ha por lá, me disseste, entre outra gente
Que viveu de explorar a humanidade,
Muitos homens preguistas; tenho medo
De ficar sem relogio, e da camisa
Té os poucos botões deixar lá posso.
Lembra-me bem, quando era quintanista
Tive de pôr no prego a abotuadura
Para comprar papel e umas fitinhas
Azues e brancas, namorando um premio
Co'uma dissertação composta *ad hoc*
Por conselho do lente; em paga deram-me
Um impresso bonito e lisongeiro,
Mas que não tinha a bella qualidade
De enfeitar os peitilhos das camisas.
Nada, não quero ir lá; de esses tormentos

A que estão condemnadas de Mercurio
As almas habitantes chegaria,
Por certo, a horrorisar-me, e a condoer-me
Dos tristes peccadores. Saber basta
Para a minha instrucção que o tal planeta
P'ra inferno dos ladrões é destinado.
Podes porém contar-me d'alguns d'esses
Mais celebrados a famosa historia.—

II

Não vamos lá? Pois seja. Mas sabendo
Deves ficar que tem entre os primeiros
E maiores ladrões logar um papa;
Clemente quinto é elle, e companhia
Lhe faz Philippe o Bello, rei de França,
Ambos estes malvados se ligaram
P'ra roubar dos templarios as riquezas;
Urdindo p'ra tal fim calumnia infame,
Fizeram processar os desgraçados
Que a culpa tinham só de serem ricos,
Faccioso tribunal organisaram
P'ra disfarçar o roubo e assassinato,
E da ord' o grão mestre co' outros muitos
Cavalleiros ao fogo condemnaram.
Mas a voz da verdade e da justiça
D'entre as chammas fallou. Foi intimado
A compar'cer no tribunal divino
Um d'aquelles sicarios coroados
Dentro em quarenta dias; prazo de anno
Ao outro foi marcado. Agora unidos
Estão na mesma grelha, onde recebem
Juros e capital do antigo emprestimo.—
E onde ficam, pergunto, da terrivel
Inquisição os barbaros ministros
Que tambem condemnavam ás fogueiras
Infelizes sem conto, p'ra roubar-lhes
Fortunas e riqueza? — Formam cerco,

Me responde o meu guia, aos dois malvados;
Apreciam agora a *caridade*
A que o seu *christão zelo* os animava.
Perto d'estes, em grelha mais estreita,
Um ministro do Duque de Bragança,
Joaquim Antonio d'Aguiar (chamado
Tambem o *Mata-frades*) recompensa
Bem mer'cida recebe de haver posto
Fóra das suas casas e fazendas
Os frades dos conventos portuguezes.
Se as ordens parasitas extinguisse,
Ou inda a dos bernardos, não diria
Que um erro commettesse; mas dos bentos
E dos cruzios as ordens não deviam
Ser comp'rendidas no famoso *ukase*.
Trabalhadores eram estes frades
E os conegos regrantes; seus escriptos
Nas sciencias e nas lettras nos revelam
Bem-merecer da patria. O seu trabalho
Util e proveitoso garantia-lhes
Para existir direito incontestavel.
Nas ordens illustradas ministrava-se
Ensino intenso e solido nos mancebos,
E tão profundamente nunca foram
Ensinadas do Lacio e Grecia as linguas,
Historia e litt'ratura. Os lyceus d'hoje
Muito mal satisfazem; as reformas,
De cada vez peores, a tal ponto
Têm desgraçado o ensino secundario,
Que proveito maior teria a patria
Se os mandasse fechar. Vá a carapuça
Sómente a quem pertence (1); a instrucção publica
Em Portugal semelha o caranguejo.

III

Mas voltando a fallar dos inquilinos
Do planeta Mercurio, entre outros muitos

O celebre *Fra Diavolo* se encontra;
O legendario Chuço (2), que na vida
Fôra o terror das Beiras, tem seu leito
Juncto de este bandido. O judeu Shylock (3)
Tem com Jacques Ferrand (4) a mesma grelha;
Aos gritos dolorosos d'estes homens
Ricos e miseraveis fazem coro
De usurarios menores turba immensa,
Muitos negreiros, muitos commissarios
De grande companhia alliciadora
De colonos p'ra America, e egualmente
De industria mais infame os correctores
Que do Brazil fornecem aos prostibulos
Innumeraveis victimas. A credula
Gente do povo deixa a taes vampiros
Sugar-lhes todo o sangue; asp'ros trabalhos,
Maus tratamentos, a miseria, a morte
São as *grandes riquezas* destinadas
Aos pobres illudidos. E os malvados
'Speculadores da miseria humana
Gozam folgadamente das riquezas
Que custa tanto sangue e tantas lagrimas;
Terão porém em tempo mais remoto
O castigo mer'cido por taes crimes.
Tambem de muitos bancos, companhias,
Hão de mais tarde alguns dos directores
Ou socios fundadores recebidos
No gremio ser de tão honrada gente.
Mas tempo me parece que já vamos
De Venus visitar os habitantes. —

IV

Disse, e de novo o vôo desprendemos
Em demanda do lucido planeta
Que, uns poucos mezes antes, para os sabios,
A fim de precisar a parallaxe
Do nosso astro central, o mesmo fôra

Que para os caçadores ave rara
E de caça difficil. Montaria
De todas as nações mais illustradas
Fizeram ao phenomeno os astronomos.
Commissões numerosas os governos
Dos diversos paizes enviaram
Para pontos diversos; mas do nosso
Illustre Portugal julgou-se improprio
Gastar dinheiro em coisa tão pequena.
P'la rapida mudança dos planetas
Em relação ás 'strellas, conhecia
Ser muito mais veloz esta revoada
Do que fôra a primeira; e o florentino
Meu bom amigo e mestre, compr'endendo
As minhas reflexões, me diz: nós outros
Ad libitum podemos estes vôos
Fazer lentos ou rapidos; a formula
Dê xis sobre dê tê para os ditosos
É *zero sobre zero* (5). Não te admires
Da maior rapidez n'esta viagem;
Sei que és bom amador do theatro lyrico,
E precisamos ir com mais presteza
P'ra chegar ao principio do espectaculo
Que na *Cidade dos Amantes Tragicos*
Hoje é levado á scena.

V

A sociedade
Que de Venus prova a superficie
É de almas bem formadas, que por isso
Tal morada por premio conseguiram.
Ha lá muitos pintores, muitos musicos,
Muitos poetas tambem. Uns conquistaram
No pantheon dos homens benemeritos,
Por sabias producções, logar distincto;
Outros, se não firmaram p'ra seu nome
Perduravel memoria, nem por isso

Deixaram de ser uteis mais ou menos.
Mas todos tinham alma apaixonada,
Da virtude e belleza sendo sempre
Fieis e dedicados sacerdotes.
Tambem formosas damas, por bondade
Innata da alma sua, ou por notavel
Sacrificio d'amor; jovens illustres
Que de amor infeliz victimas foram,
E ainda outros mancebos, cujos nomes
A historia não conserva; todos elles
O premio estão gozando de tão nobre
E honroso sentimento que nutriram.
Mansão de almas ditosas o planeta
(Que já vemos de perto) em abundancia
As riquezas tem todas que tem Jupiter;
E os seus habitadores organisam,
Para passar o tempo, festas, bailes,
Danças, concertos e saraus poeticos.
Mas já vamos pousar, e sem demora
Passas a conhecer tal paraiso. —

VI

N'um recinto mais bello que o Rocio
Ou Terreiro do Paço nos achamos.
Tinha no centro um obelisco altissimo
Todo de ouro maciço, supportando
Um circulo de prata onde se lia
Em lettras de rubim: *aqui é a praça*
De Heloisa e Abailard. — Se te appetece,
Disse-me o cicerone, algum *quod-ore*,
Visitamos primeiro o restaurante,
Antes de ir p'ra o theatro.—É bem lembrado,
Lhe respondo, ir provar do vinho fino
Que este paiz produz. — Seguimos logo,
E n'uma sala 'splendida, adornada
Das flores mais vistosas e odoriferas,
Com bom prato de bifes milanezes

Nos foi servido um vinho delicioso
Em copos de azas duas. Eram de ouro
Tão trabalhado (os copos) como aquelle
Com que Vulcano ministrava o nectar
Do Olympo aos maganões, quando altercavam,
Quaes regateiras, Jove e sua 'sposa;
Mas o bom manquitó co' a pingoleta
Soube apagar a tempo aquella rixa
Entre Jupiter, pai d'homens e deuses,
E Juno recostada em throno de ouro
(P'ra não dizer *auri-thronada Juno*).
Depois do beberete uns dois charutos
De Manilha accendemos, e em seguida
O meu bom, previdente companheiro
A mudar de vestidos convidou-me
Para ir devidamente apresentar-me
E no theatro occupar um camarote.

VII

Quem poderá contar as maravilhas
Do theatro *Ignez de Castro?* A architetura,
O luxo das cadeiras, camarotes,
Os diamantes dos lustres, a brilhante
Decoração das scenas, vestuarios,
Eram tão sumptuosos, que de Ariosto
Inventados palacios, ou das celebres
Mil e uma noites fabulosos paços
Egualar inda assim mal poderiam
Tanta riqueza e ornato com que fôra
Fundado aquelle theatro em homenagem
De Dom Pedro á famosa, infeliz 'sposa.
Só da arte por amor, e nao por lucro,
De canto a companhia se formara;
Bellini era o regente, e d'este mestre
Ia uma opera nova ser cantada
Por notaveis, distinctos *dilettanti*.
Era o baixo absoluto Frei Lourenço,

Romeo tenor; sua terna o meiga esposa,
A formosa Julieta, era o soprano.
Eram Paulo e Virginia secundarias
Personagens na peça: por contralto
Entrava a joven dama das Antilhas,
Seu fiel namorado era o barytono.
No serviço do palco os contra-regras
Eram Bandello e o bom Luiz do Porto;
E até Felix Romani, o libretista,
A ser ponto prestou-se de bom grado.
Á porta n'um cartaz em lettras gordas
Fomos lêr nós: GUISMONDA, *opera nova*
De Vicente Bellini. — Eu já conheço,
Disse para o meu mestre e sabio guia,
O assumpto d'esta peça, e agora estimo
Na scena theatral ir aprecial-o (6).
Quero ver como é bem desempenhado
O papel da princeza; ha de ser bello
Ver Frei Lourenço e a sua protegida,
Julieta tão amavel, n'um duetto
(Figurando um Tancredo, outra Guismonda)
Queixas amargas, repr'ensões severas
Jogaram entre si.—Pois sim, mas vamos
Occupar, que é já tempo, o logar nosso —
Me tornou Dante, e entramos para dentro.

VIII

Depois de uma brilhante symphonia,
De abertura chamada, começava
Um côro de fidalgos, precedendo
Do principe Trancredo a cavatina.
Ouvida uma só vez, não posso agora,
Parte por parte, analysar a peça;
Mas do enredo o summario em poucas phrases
Deverei relatar. Aquelle principe,
Monarcha de Salerno, á filha sua
Adoravel Guismonda, já viuva

E joven inda muito, não cuidava
De novamente procurar marido.
Mas os annos corriam, e a princeza,
Que da vida a estação mais agradavel
Bem aproveitadinha ver queria,
E tendo-lhe o primeiro casamento
De um segundo a vontade estimulado,
Lembrou-se de emendar do pai a incuria.
  Muitos varões illustres concorriam
De Tancredo na côrte, mas Guismonda
Poz os seus pensamentos n'um mancebo
Dos de mais baixo estado. Era formoso
E amavel muito o joven; preteridos
Foram senhores de elevada esphera.
Perdida a timidez, receio ou pejo,
Com fé no sentimento que os olhares
Do mancebo feliz lhe revelavam,
Soube Guismonda com manhosa industria
O seu bem informar de occulta via
Pela qual da princeza aos aposentos
Ir podia em momentos ajustados.
Guiscardo, o amante bello e cuidadoso,
Não perdeu tal ventura; e muito tempo
De estes amores e engenhosa astucia
Nem suspeitas sequer haver podia.
Mas um funesto acaso, por desdita,
Fez que o monarcha com seus proprios olhos,
Escondido no quarto da princeza,
O effeito presenciasse do descuido
De não ter novo genro procurado.
  Ardendo nos desejos de vingança,
Reprimiu todavia os seus furores,
E no dia seguinte fez ser preso
Guiscardo, que de nada inda sabia
E p'ra nova entrevista caminhava.
Em seguida á viuva, infeliz filha
Foi dirigir doestos e censuras;
Com dignidade e brio a nobre dama
Aquelle erro ligeiro abonar soube,
Mas de Tancredo a obstinação terrivel

Nem por isso é menor. N'esta passagem
De um brilhante duetto me recordo.

TANCREDO

Filial amor, respeito,
Filha ingrata, me devias;
Não 'sperei que descerias
A uma tal degradação.
Mas, se á chamma criminosa
Acceder por fim quizesses,
Pelo menos escolhesses
Homem de outra posição.

GUISMONDA

Que honra e brio! Essa vergonha
Pelo meu procedimento
Tem por *nobre* fundamento
De Guiscardo a condição!
Sabe, ó pai desnaturado,
Que a nobreza mais brilhante
Tem meu bello e pobre amante
Em seu terno coração.

Continuemos porem. Não desistindo
O monarcha cruel do seu proposito,
Matar ordena o misero Guiscardo,
E o coração do desgraçado amante
Dentro de um copo de ouro entregar manda
Á desditosa filha co' estas phrases
Que da alma os seios intimos 'spedaçam:
Por saber que te é caro, amada filha,
Este brinde te envio p'ra teu gosto;
Prazer egual te possa dar, qual deste
Ao velho pai que a honra presa e estima.
Mas a nobre Guismonda preperada

'Stava p'ra toda a dor, e ao mensageiro
Fallou sem lagrimar: *Podeis ao principe,*
Meu nobre e honrado pai, dizer que acceito
O seu rico presente como prova
Do desvelo, cuidado e amor paterno.
Depois um soliloquio... Inda me lembro
Da *romanza* cantada por Julieta:

GUISMONDA

Co' os olhos do meu rosto,
Ai tristo, não 'sperava
Poder-te ver; bastava
Saber tua affeição.
Caricias do amor nosso
Do teu sincero affecto
Aos olhos do intellecto
Traziam convicção.

O principe irritado
Offende lei, natura;
Mas nobre sepultura
Ao menos te quiz dar.
Exequias só faltavam,
Que ser já vão cumpridas
Com lagrimas sentidas,
Com meu cruel penar.

E derramava copiosas lagrimas
Sobre aquelle presente de Tancredo;
Depois outro licor, que compozera
Com hervas venenosas, foi lançado
No mesmo copo de ouro. A resoluta,
Animosa Guismonda o chega aos labios,
Até a ultima gota o bebe todo.
No entanto as aias, que partido tinham
O principe a avisar da dôr da filha,
Em scena entram com este. A nobre dama

Envenenada morre, perdoando
Ao pai arrependido e que promette,
Na mór consternação e desespero,
Fazer aos dois exequias sumptuosas
E encerral-os na mesma sepultura.

IX

Nem Norma nem Somnambula mer'ciam
Tão 'strepitosos bravos, como aquella
Celeste partitura de Bellini.
Mas da noite a festança continuava
Em casa da princeza Dona Branca
Co' um baile 'splendidissimo. O rei mouro
Aben-Afan, que a dama portugueza
'Scolhera para esposo, recebendo-me
Com o maior agrado, apresentou-me
De amigos seus a illustre companhia.
Encontrei lá Camões, Ovidio e Tasso
A jogar a manilha ; n'outra mesa
Estavam Miguel Angelo e Leonardo
De Vinci no gamão encarniçados ;
E até José Mauricio e Donizzeti
Folgavam de jogar biscas de nove !
— Ora esta gente, disse, em bagatellas
Não se envergonham de passar o tempo ? —
Com o que tu cá vens, responde o mouro ;
Deixa chegar as damas, que has de vel-os
No jogo da berlinda ou padre cura.
Não só para as creanças inventadas
Foram taes brincadeiras ; lá na Terra
Tambem para homens serios tendes coisas
Par'cidas com taes jogos. Na berlinda
São postos os ministros, deputados,
Civis governadores, e outros muitos ;
Tu mesmo, em tua esphera tão pequena,
Tens lá por essa Coimbra alguns tratantes
Que as abas da casaca bem te cortam.

Ha até no bairro alto uma botica
Onde se juntam muitos maldizentes,
Que não poupam ninguem, nem uns aos outros
Conforme vão saindo: as proprias drogas,
Quando todos se ausentam, fazem figas,
Por não poder fallar, ao dono d'ellas!
Mas a orchestra signal dá para as danças,
E podes tirar par, se é do teu gosto.

X

Entre as damas gentis que concorriam
De Dona Branca á festa, a mais galante
Era a princeza Herminia, a nobre filha
Do monarcha que tinha de Antiochia
O governo e poder, quando os cruzados
Assolar foram estas e outras terras
Dos filhos do crescente. Como um bravo
Em defesa morreu dos seus dominios
O pai da linda joven; mas Tancredo,
Dos christãos o mais nobre cavalleiro,
Foi protecção, amparo da pobre orfã.
O seu digno cantor, Torquato Tasso,
O favor fez de apresentar-me á bella
Princeza musulmana; e a linda Herminia
Honrou-me co' a primeira contradança.
Tive por *vis-à-vis* o bom Ariosto,
Que a terna Flordeliz p'ra par tirara.
Este meu *vis-à-vis* foi par marcante,
E soube dirigir marcas mais lindas
E engraçadas figuras do que aquellas
Que em Veiroz (7) muitas vezes eu fazia
Executar aos pares lafonenses,
As danças animando nas partidas
De um meu presado amigo. Em contra-marchas,
Cadeias, espiraes e outras monobras,
Acceitar bem podia lições optimas
Do jocoso e satyrico poeta.

Co' a filha de Brabancio, a desditosa
Desdemona, a honra tive de uma walsa
Dançar vertiginosa; era mais linda,
Mais cadente e agradavel pela musica
Que a da Senhora Angot no acto segundo.
Meu par n'uma sueca foi Simona,
Essa esvelta fiandeira florentina
Do mancebo Pasquino amante e amada,
Que, p'ra justificar-se da funesta
Subita morte do seu bem querido,
Ante o juiz e seus accusadores
Uma folha colheu da mesma salva
Que fôra tão fatal ao desditoso;
Com ella esfrega os dentes, e o veneno
Não tarda a produzir o mesmo effeito
Ao qual o amante seu já succumbira (8).
Terminaram os dois no mesmo dia
A vida e amor terreno; mas agora
Na celeste mansão vivem felizes
Sem temer algum sapo que envenene
Os seus dias de amor e de ventura.
Se hoje os sapos não são já venenosos
E, sem p'rigo, da salva póde a folha
Para limpar os dentes ser usada,
Não deixa cá no mundo de haver *sapos*
De veneno moral; são os más linguas,
Na intriga e na calumnia bons discipulos
De Dom Basilio, o pai dos mexericos.
Dancei muitas mazurkas, escocezas,
Joguei jogos de prendas, té que a aurora
A todos avisou que era já tempo
De ir cada um no descanço preparar-se
Para outras eguaes festas ou diversas.
Dos furores de Orlando o vate insigne
Quiz fazer a fineza de hospedar-nos;
Acceitamos a offerta, e gozar fomos
De um sonho bem dormido horas 'squecidas.

Fim do canto segundo.

NOTAS

AO

CANTO SEGUNDO

---

(1)

Na recente publicação do sr. João José de Sousa Telles, intitulada *Os exames de instrucção primaria e secundaria*, se faz uma analyse muito sensata das causas que têm reduzido o ensino secundario ao miseravel estado em que se acha. O auctor do opusculo deveria ás pessoas indicadas no mesmo juntar tambem os legisladores.

Em 1871 a camara electiva *abafou nas commissões* uma reforma muito razoavel da instrucção secundaria, trabalho do sr. Bispo de Vizeu. Deixou substituir a legislação que vigorava, e que o poder executivo peorou mais com a alteração e desordem de 1873, a qual ainda dura.

Para o ensino da philosophia e bellas lettras propoz o sr. deputado Dr. Antonio José Teixeira a creação de tres faculdades no paiz. Em 1874 foi a proposta *abafada;* renovada em 1875, não chegou a ser discutida.

---

(2)

Celebre salteador. Ainda hoje se contam na

Beira Alta furtos e roubos engraçados d'este bandido, e chistosas evasivas com que lograva a perseguição das auctoridades.

---

(3)

Rico usurario na comedia de Shakspeare intitulada *O mercador de Veneza.*

---

(4)

Tabellião que figura no romance de Eugenio Sue *Os mysterios de Paris.*

---

(5)

Para os leitores que não sabem mathematica não explicamos estes dois versos, porque não entenderiam a explicação; para os mathematicos tambem não, porque não precisam.

Advertimos porém os que não sabem mathematica que introduzimos unicamente por adorno esta *tautologia*; a significação é o que já fica dito nos versos antecedentes. Aos mathematicos diremos que, por necessidade da metrificação, escrevemos a *leitura figurada* e não a formula

$$\frac{dx}{dt} = \frac{0}{0},$$

a qual não é outra cousa mais do que a traducção em analyse mathematica de um dos *dotes do corpo glorioso* ensinados nos cathecismos da doutrina christã.

(6)

Este episodio que se lê no texto é tirado da *novella* 1.ª, *giornata* 4.ª, *do Decamerone* de Boccacio.

---

(7)

Em casa do sr. José Correa de Lacerda, respeitavel cavalheiro de S. Pedro do Sul.

---

(8)

Veja-se BOCCACIO, *Decamerone*, *giornata* 4.ª, *novella* 7.ª

CANTO TERCEIRO

CONTINUAÇÃO DA VIAGEM NO PLANETA VENUS; VIAGEM A MARTE

I

As almas fortunadas, que de Venus
Nos continentes e ilhas têm morada,
A mais bem entendida convivencia
Observam entre si. Por sympathia,
Os que na terra foram desditosos
Nos seus amores, mais e mais estreitam
Relações de amisade no outro mundo,
E na *Cidade dos Amantes Tragicos*
Estão domiciliados a mór parte;
Não deixam todavia de em viagens
Pelo mesmo planeta, ou inda n'outros,
Gozar mui divertidos, bellos dias,
  Ha no *Mar dos Prazeres* uma extensa
E formosa ilha; os seus habitadores
Foram gente feliz nas aventuras
Da edade juvenil, bem que alguns d'elles
Houvessem muitos golpes da desdita
E de amargo soffrer exp'rimentado.
De esta ilha afortunada, entre outros muitos,
Na villa principal têm residencia
A formosa Genebra e o generoso
Ariodante, esposo dedicado
Da gentil escoceza (1); outros patricios
De este affectuoso par, Edith Bellenden

E o esposo Henrique Morton, não menos
São dignos habitantes de tal ilha (2),
Mas ha poucos como estes, e de gente
Obscura sim, mas digna da vivenda,
Grandes, notaveis villas são compostas.
  Um irmão de Genebra, o bom Zerbino,
Distincto cavalleiro e o mais formoso
Que a natureza houvera produzido (3),
Com a meiga Isabel feliz vivia
Dos tragicos amantes na cidade,
E do nosso hospedeiro era dos grandes
E melhores amigos.

II

Uma tarde
O serviçal Zerbino convidou-nos
Para um passeio á ilha; já não tinhamos
Mais que ver na cidade, e promptamente
Acceitamos gostosos tal convite.
Já por mar, já por terra apreciadores
Eramos dos caminhos e passagens,
Que andar morosamente preferimos
Para eu formar ideia mais completa
Do mar e terras do planeta Venus.
  Depois de varios dias de caminho
N'um povoado extenso nos achamos
Que de *Villa Patusca* tem o nome.
Do nosso companheiro a irmã galante
Nos acolheu com toda a cortezia,
E mais de uma semana não cessaram
Os banquetes, passeios, serenatas,
Regatas, bailes, que a formosa dama
E o nobre Ariodante aos forasteiros
Para maior obsequio preparavam.
Mas, tempo me par'cendo de outros mundos
Procurar conhecer, aos meus amigos
Occultar não quiz mais este desejo.

Irás, me diz Genebra; esse é teu gosto
Não quero contrarial-o. Mas primeiro
Espero quererás ir no theatro
Da nossa boa terra ouvir uma opera
Da qual é meu marido o librettista,
E a musica fiz eu. Vai hoje á scena,
E é do genero comico; não gostas?
— Se gosto! Isso pergunta-se? Mais cedo
Estimaria até ter essa dita. —
Precisava de ensaios, torna a dama,
E mais cedo não pôde ser cantada
A nossa opera comica. É seu titulo
Raio do Mundo, o perfido malaio.

III

De uma opera burlesca a muita gente
Importa pouco conhecer o enredo;
E n'algumas é tal que, se não lermos
O libretto primeiro, um labyrinto
A acção vem a par'cer! Na d'Ariodante
Engraçada comedia todavia
O fio descobri da patuscada
Organisada e sempre dirigida
Pelo devasso e vil protogonista.
Em terras de Parvonia houve um convento
Mixto de frades cruzios e bernardos;
Todos no culto externo eram conformes,
Mas cada um adorava um deus diff'rente
Muito pela calada. Um frade amava
De Pluto o culto sordido e avarento,
Este a Baccho, aquell'outro ao deus Priapo
Homenagens rendia, e d'entre todos
Por excepção alguns havia honrados.
O estado este era da ordem; compr'endiam-se
Todavia os maraus, nem se poupavam,
Uns dos outros cortando nas cazacas
C'o a lingua por tesouras; no mosteiro

Um equilibrio instavel se mantinha
Apesar d'isto tudo. Era evidente
Que ser distincto em vicios uma prenda
Vinha a ser de valor e mer'cimento
P'ra o malhete empunhar da chafarica.
Um dia que em capitulo eram junctos
Aquelles bons amigos e sinceros,
A Discordia, não tendo já mais pomos,
Um pipo fez rolar cheio de vinho
Na sala monachal com a etiqueta:
Para o bebedor mór da confraria.
Então aquelles frades, pretendendo
Fazer jus ao presente da Discordia,
Começam por botar grandes discursos,
Cada um advogando a causa sua.
Mas de pulmão a esgrima era impotente
Para a sentença dar de tal pendencia,
E os frades, dos doestos, grosserias
Esgotado o armazem, os murros jogam.
Os murros? Digo mal; jogam os couces,
E por acaso o pipo escangalharam,
Que continha o motivo da balburdia.
— Meus irmãos, que fizemos? — grita um monge
(Dom Frei Raio do Mundo era o seu nome),
Do qual a côr do rosto, parecida
Co' a azeitona madura, revelava
Ter nas veias fradescas outro sangue
Que não gyra nas veias caucasianas.
— Que fizemos irmãos? Jaz derramado
O gostoso licor por que brigavamos;
Eia, de bruços já, bebamos todos
Alguma pinga ao menos, e em seguida
A sessão começada continuemos
Na sancta paz do padroeiro nosso.—
A proposta agradou; curvam-se todos,
Bebem vinho com lama, e concluiram
Á sessão, entoando o côro da ordem:

É mister, para engordar,

Que se abaixa a cabecinha
Té ao chão;
Quanto mais poder dobrar,
Dobre um frade a sua espinha
P'ra agradar
Do convento ao abbade ou guardião.

IV

Em sancta paz a scena terminava
Da fradesca assembleia, mas o preto
Alcoolico licor pozera os cerebros
Dos cruzios e bernardos em desordem.
Da sala do capitulo partiram
Junctos para a taberna, e bambuchata
Foram ter de mais pinga e cantarola,
De um noviço a patente festejando.
Da peça o acto segundo principia
Por uma cançoneta de Frei Raio:

RAIO DO MUNDO

1.ª

Na taberna as patuscadas
São por mim mais procuradas
Que no côro a obrigação.
Olá, senhora patroa,
Dê p'ra aqui sardinha e broa
E um pote de cascarrão.
Sou Raio do Mundo, olé;
Ser devasso é o meu filé.

CÔRO

É Raio do Mundo, olé;
Ser devasso é o seu filé.

RAIO DO MUNDO

2.ª

Da nossa communidade
Deve saber cada frade
A força que aqui me traz ;
E mostrar ao meu povinho
Que bebo cachaça e vinho
Como ninguem é capaz.
Sou Raio do Mundo, olé ;
Ser borracho é o meu filé.

CÔRO

É Raio do Mundo, olé ;
Ser borracho é o seu filé.

Depois segue-se um côro, uma inferneira
De desafinações e gritaria,
Canções de meretrizes, jogatinas,
E terminava a festa, proclamando-se
Raio do Mundo o rei dos Borrachões.
Coroam-no de pampanos, o um thyrso
Lhe entregam por insignia; sobre um pipo
A cavallo o collocam, e em triumpho
É levado por toda aquella gente
Com muitos vivas e hurras. Cae o pano.

V

De Edith Bellenden um chalet vistoso
Marcado logar foi p'ra a despedida
Dos dois visitadores ; n'uma tarde

Lá compar'cemos todos, eu e Dante,
Nosso hospedeiro, amigos e parentes.
Notei a falta do album de retratos
Que trazia Allighieri, e com franqueza
Me disse uma senhora: inda tem poucos,
E estão alguns pintores, habitantes
De este bello paiz, encarregados
De o acabar de encher. Quando na volta
Aqui vieres descançar de novo
Antes de regressar para Coimbra,
Então com mais vagar daremos vista
Á collecção de taes photographias;
Agora, meu doutor, vamos a Marte.
— Oh que fortuna a minha! Pois amado
Eu posso ser por almas do outro mundo
Tão gentis como vós? — Que brincadeira,
Meu bom calemburista! Partir vamos
P'ra te mostrar em Marte as almas reprobas
Dos rixosos, bulhentes, sanguinarios. —

VI

Se alguem me perguntar quem era a dama
Tão cortez para mim, que se dispunha
A acompanhar-me ao rubido planeta,
Direi ser a famosa Olympia Gaia (4)
Que uns doutores de Coimbra amaram muito,
E que mais tarde foi na arte dramatica
Em Lisboa buscar melhor fortuna.
Muito tempo porém n'esta carreira
Adiantar-se não póde a linda joven;
De lenta consumpção, definhamento,
Qual Dama das Camelias, dentro em breve
A infeliz rapariga foi ser victima.
Perdeu a humanidade uma alma d'anjo;
Mas hoje a antiga forma e juventude
Saude e robustez a bella Olympia
Possue lá n'esse orbe afortunado

De mocidade eterna e amor perpetuo.
Da *divina comedia* o auctor insigne
Me disse por sua vez: — Caro discipulo,
Assim como das vidas lá na Terra
Aos dias de alegria e de ventura
Succeder acontece prolongados
Os dias de desgraça e contratempos;
São as c'roas de louros muitas vezes
Das corôas de espinhos percursoras,
E de Pilatos torna-se em varanda
O logar que já fôra Capitolio;
Assim um orbe de almas condemnadas
A este astro se succede de almas boas.
Não me refiro á Terra, essa é tua patria
Em quanto lá viver te consentirem
(Eu tambem tive patria e fui proscrito);
Conhecel-a algum tanto, nem para isso
Te fui eu convidar. De Marte eu fallo,
Que dos astros errantes sup'riores
Vem o primeiro a ser. É destinado,
Como acabas de ouvir, para castigo
Das almas dos malvados que na vida
Foram dos seus irmãos flagello horrivel.
Sabes perfeitamente como victima
Da politica infame eu fui na Italia;
Mer'cida punição dos seus delictos,
Sequestros, roubos, soffrem hoje os guelfos.
Mas, amigo, desculpa-me; eu não quero,
Nem como cicerone, ir novamente
Ver aquelles ladrões; bastem-lhe os tratos
Que os demonios, seus guardas, lhes ministram.
Não se dá já porém egual motivo
Comtigo, meu doutor, que esta viagem
Para instrucção sómente andas seguindo,
E até sem ter subsidio do governo.
Dispensa-me, por tanto; e d'esta dama
Acceita os bons serviços e conselhos.
Espero-te encontrar no orbe de Jupiter,
E acompanhar-te n'esse e outros planetas. —

VII

Assim disse Allighieri e sem demora
N'um lindo palanquim me off'rece entrada
Ao lado da galante e meiga Olympia.
Tinha um registo e leme o carro aereo;
Este p'ra a direcção, o outro servia
P'ra reger da viagem o andamento,
Parando, accelerando ou retardando
Do carro os movimentos. Boa viagem
Nos diz aquella illustre companhia,
E tocando uma mola do registo
Ao palanquim fizemos tomar curso.
  A bella Olympia, o leme governando,
Entrega-me um binoculo e accrescenta:
—Ahi tens; esse instrumento é mais perfeito
Do que os melhores oculos na terra.
Serve p'ra ver, mesmo a travez dos muros,
E, se queres tambem ouvir conversas
Ou discursos ao longe, o botão calca
Juncto do parafuso. A superficie
Não devemos pisar do orbe de Marte,
Quasi toda de sangue está coberta
Da gente condemnada; essa côr rubra
Que mui bem se percebe em tal planeta
Tem n'elle a sua causa. Andam correndo
Por sobre o orbe maldito onças, pantheras,
Leões e tigres, ursos esfaimados,
Despedaçando e devorando os homens
E mulheres tambem, cujas maldades
Commettidas em vida agora pagam.
Mas, qual de Prometeu no alto do Caucaso
O figado que o abutre devorava
Sem cessar renascia, e novo pasto
Era sempre d'aquella ave rapace
(Em quanto o grande Alcydes ao tormento
Do triste agrilhoado não poz termo,
Mattando com suas frechas a ave immunda

E soltando o infeliz), assim os membros
D'aquelles condemnados novamente
Se organisam e junctam, e outras feras
De mais vezes comel-os, 'spedaçal-os
O cuidado não perdem. Ver devemos,
P'ra te mostrar alguns mais afamados
Dos taes faccinorosos, mas de longe
Em segura distancia. Agora um pouco
Podemos demorar-nos juncto á Terra
Antes de ir mais acima; talvez 'stimes
Ver o que por lá vai. Eu travo o carro. —

VIII

Fizemos alto; pego no binoculo
De uma tal maravilha, e a linda Olympia
Se serve de outro egual e me pergunta:
O que observas com mais curiosidade?
Eu respondi: Da camara electiva
Quero ver em Lisboa os afanosos
Serviços e trabalhos importantes.
Mas por em quanto *nicles;* já duas horas
São quasi no relogio de San Bento,
E os operarios inda não têm pressa
De entrar para a officina. A nação paga-lhes
Para fabricar leis; trabalhar devem
E apparecer á hora designada.
Quando eu era estudante havia penas,
A nota de uma falta, se chegava
Depois da hora marcada para as aulas;
Ora quem faz taes leis não deve exemplo
Dar de ponctualidade? Isto é mercado
Onde póde ir cada um quando bem queira?
Mas no mercado é o freguez quem paga;
E ali paga o paiz aos deputados
Para fazer leis boas. Pouco fazem
(E para isso bastavam tres semanas),
E a paga elles recebem que compete

A tres mezes de bom e util serviço!
Lembra-me agora, quando essa reforma
Da Carta, que o Governo propozera
(P'ra que se não dissesse que faltava
No discurso da c'rôa ao promettido),
A uma commissão foi consignada
Para esta dar par'cer, bem que pequena
E leve fosse a emenda pretendida
Para julgar a qual bastava um dia,
Foi necessario ser interpellada
A tal commissãosinha p'ara dar contas
Da tarefa incumbida! Tão remissos
Nunca foram de Coimbra os estudantes
Em entregar aos lentes os trabalhos,
Dissertações chamados, e exercicios.
Se n'algum dos planetas é punida
A preguiça, por certo lá devemos
Dos fallecidos lusos deputados
A mór parte encontrar. — Enganadinho
Como estás, meu doutor! me torna Olympia.
Sabe, amigo, que de essa tanta gente,
Que o popular mandato anciosa busca,
Muito pouca, por certo, e á que no septimo
Dos peccados mortaes tem graves notas.
No primeiro e segundo a maior parte
Te'm o caderno cheio, outros no sexto,
Alguns até no quarto; e não sómente
'Stão n'elles compr'endidos deputados,
Mas dos pares do reino algum se conta
Que em todos estes quatro dos taes septe
Tem o cartorio cheio. Os iracundos
Vão p'ra Marte, os soberbos p'ra Saturno;
E se Mercurio houvesses visitado
Verias muitos outros, que de alheias
Posições e fortunas usurparem
De consciencia não têm o menor 'scrupulo.
Mas de esse tal mercado que tu dizes,
Por que já são agora os dias ultimos,
De arranjar seus negocios só se importa
Todo o feirante esperto; a nação tenha

O dever de atural-os e mantel-os
Para deixar andar as coisas publicas
Na desord'em que estão. Por isso ávante
Será melhor que vamos em demanda
Do planeta que fôra ao grande Kepler
Assumpto de trabalhos os mais uteis
Á moderna e segura astronomia (5).

IX

O carro destravou, seguindo o rumo
Para o planeta Marte, e continuava
Minha illustrada e amavel companheira:
— Por ser dos mais excentricos, podiam
De este astro as posições bem observadas,
Melhor que outras, guiar o habil astronomo
A descobrir a causa verdadeira
Das differenças co' a orbita supposta.
Nem inda a curva oval, peor o circulo,
Satisfazer podiam; só a ellipse,
Tendo o sol n'um dos focos, se adaptava
Das fieis observações ás exigencias.
  Uma das leis famosas, que este sabio
Primeiro descobriu, fica evidente;
E não tarda em achar a lei das areas.
P'ra obter porém a relação incognita
Entre os eixos maiores das suas orbitas
E os tempos despendidos no percurso
Das mesmas, p'ra os planetas differentes,
Vinte e dois annos foram necessarios
De observações, de calculos, trabalhos,
Conjecturas e innuteis tentativas!
Mas do sabio a paciencia, a habilidade,
Vigoroso talento venceu tudo;
E co' as leis immortaes que honram seu nome
A Newton preparou todo o caminho
Para a lei da attracção, se é que primeiro
Não foi já pelo pobre e sabio Kepler

Em parte suspeitada. Homem tão celebre,
Tão util á sciencia, á humanidade,
Luctou co' a desventura, co' a miseria;
Como ajudante do famoso Tycho,
Pequeno vencimento consignado
Foi a tão grande astronomo, e esse mesmo
Miseravel 'stipendio tão mal pago
Lhe costumava ser, que o pobre sabio,
P'ra não morrer de fome, usou da industria
De fazer repertorios com prognosticos,
Juizos d'anno e quejandas frioleiras
De lavradores e outra gente credula! —

X

Muito bem, muito bem, disse eu; não pouco
Mostras saber de sciencias astronomicas.
— E que tem isso? Admira-te? Não sabes
Que em Coimbra alguma cousa aprender pude?
(Me torna promptamente a esperta Olympia).
De uns doutores da tua faculdade
A favorita fui por muito tempo,
E até na minha casa varias vezes
Sobre as *tabuas da lua* alguns trabalhos
Um d'elles adeantou, em quanto os outros
No cavaco comigo se entretinham
E, á falta de outro assumpto, conversavamos
Em coisas de sciencia e biographias.
Mas deixemos agora a astronomia;
E por estarmos perto já de Marte,
Torna a mão a lançar do teu binoculo
E, quaes aves voando, avistar vamos,
Circumdando este globo, os varios sitios
Por onde errantes correm os perversos
Cains de todo o tempo, e que são pasto
De demonios crueis transfigurados
Em ursos, tigres, lobos e outras feras.

Fim do canto terceiro.

NOTAS

AO

CANTO TERCEIRO

(1)

O episodio de Genebra e Ariodante no *Orlando Furioso* começa perto do fim do 4.º, continua em todo o 5.º e conclue-se no 6.º canto d'aquelle bellissimo poema de Ariosto.

---

(2)

Veja-se a novella de Walter Scott intitulada *O Ancião dos cemiterios* ou *Os Puritanos da Escocia.*

---

(3)

Natura il fece e poi ruppe la stampa.

ARIOSTO, Orl. Fur. canto X est. 84.

---

(4)

Pelo anno de 1852 e seguintes floresceu em Coim-

bra uma rapariga, que de um dos seus primeiros amantes herdou o alcunho de *Gaia*. Outro era o seu nome do baptismo, mas como ella em 1855 tinha escolhido e gostava de ser chamada *Olympia*, é com este nome designada no curso do poema. Por esse anno e já antes estava ella por conta de tres lentes da Universidade e mais um quarto socio que não era lente. Mais tarde, dissolvendo-se a sociedade, Olympia ficou ainda em Coimbra recebendo visitas, mas pouco depois foi para Lisboa e contratou-se n'uma companhia dramatica. Morreu de ahi a alguns annos.

---

(5)

João Kepler, o maior astronomo dos tempos modernos, nasceu em Magstatt em 27 de Dezembro de 1571 e falleceu em Ratisbonna em 5 de Novembro de 1630, indo lá reclamar o pagamento dos seus ordenados em debito.

Luctando com difficuldades para seguir os estudos, deveu á protecção do Duque de Wertemberg entrar para um dos collegios sustentados por este principe; foi depois estudar na Universidade de Tubingue e ahi recebeu graus em 1589 e 1591.

Por comprazer ao seu protector, acceitou em 1593, succedendo a Stadio, a cadeira de mathematica e de moral em Gratz, e acabou por se dedicar com gosto e vontade aos estudos astronomicos. Perturbações politicas e religiosas o obrigaram a expatriar-se em 1598; em 1600 regressou a Gratz, mas novamente teve de fugir.

Foragido e sem fortuna, procurou em Praga a Tycho-Brahe, o qual pôde obter-lhe uma pequena collocação como mathematico imperial e seu ajudante de astronomia; mas não só era pequeno o ordenado que se lhe abonava, mas ainda esse muitissimo mal pago. Aquelle patriarcha da astronomia

moderna teve de recorrer á industria de *Borda d'Agua* para arranjar pão para si e sua familia!

Em 1613 foi nomeado professor de mathematica em Lintz, e em 1629 passou a ensinar a mesma disciplina em Sagan.

São muitos e importantissimos os trabalhos de este sabio astronomo.

Foi Kepler o primeiro que, pela theoria das refracções e antes de Scheiner, deduziu *a priori* a fórma elliptica dos discos do sol e da lua no horizonte. Suspeitou a rotação do sol e a de jupiter; devem-se-lhe as *Tabuas Rudolphinas*, as primeiras tabuas astronomicas calculadas sobre a verdadeira hypothese dos movimentos celestes. Sobre tudo, na obra que mais o illustra, *Astronomia nova sive physica cœlestis tradita commentariis de motibus stellæ Martis*, com as famosas leis que descobriu sobre os movimentos dos planetas, e que immortalisam o seu nome, abriu as portas á verdadeira astronomia e tornou-se o precursor de Newton e de Laplace.

CANTO QUARTO

VIAGEM AEREA EM TORNO DO PLANETA MARTE

I

A poucos metros já de uma elevada
Serra do orbe de Marte nos achavamos,
E solitaria avisto entre fraguedos
Uma dama afanosa que par'cia
Chorar desesperada e lamentar-se,
Com frenezi 'sfregando as mãos nas pedras.
Então calco o botão do meu binoculo
Para melhor ouvir os seus lamentos,
E escuto entre gemidos estas phrases:
— Vai-te d'aqui, maldita, ó mancha infame;
De remorso e tormentos alguns seculos
Te deveram lavar, e tu persistes,
Persistes em marcar n'esta mão reproba
O meu nefando crime. Ai, regia c'rôa,
Por cuja causa tanto sangue e lagrimas
Ser derramado fiz, quantos tormentos
E remorsos crueis ora me custas! —
Curioso me tornei e digo a Olympia:
Mais perto nos cheguemos, se me é licito
Poder interrogal-a. A amavel joven
Accede promptamente ao meu pedido,
E perto já da desditosa dama
Gritei: Ó alma afflicta e desgraçada,

Se o confessar o crime te dá allivio,
Ouvir desejo a historia dos teus erros.
— Ó tu, me disse então a condemnada,
Que vens ver a morada dos perversos,
De dois ambiciosos deshumanos
Ouve os horriveis, espantosos crimes.
Em vida fui na Escocia illustre dama,
Esposa de Macbeth, senhor de Glamis,
General e parente do rei Duncan.
Valente e destemido, o meu consorte
Era um raio no campo das batalhas,
Mas o amor das grandezas, poderio,
Que a nós dois dominava, achava pouco
A gloria só das armas. Quando o bravo
N'um dia de victoria regressava
Soberbo do seu merito, a encontral-o
Correram pressurosas do Destino
As juradas irmãs, infames bruxas,
E de Cawdor senhor o proclamaram,
Mais inda rei da Escocia; o illustre Banquo
De reis progenitor ali saudado
Foi tambem pelas mesmas prophetisas.
O generoso rei, que aos bons serviços
De Macbeth victorioso quiz dar premio,
De Cawdor dá-lhe o titulo, que vago
Acababa de ser, e assim cumprido
Viu meu 'sposo o primeiro vaticinio.
Que mais faltava a uma alma devorada
Toda pela ambição? Tinham-lhe as bruxas
Da Escocia o regio throno promettido,
E cumprido devia ser o oraculo,
Fosse embora preciso sobre o sangue
E cadaver do seu monarcha e amigo
Subir d'elle os degraus. Irresoluto
Em commetter tão grande atrocidade
Era porém Macbeth; minha coragem
O consorte animou ao regicidio,
E eu mesma a apunhalar aquelle principe
Co' estas mãos ajudei, quando uma noite,
Mais uma vez honrando o meu castello,

Veio n'elle hospedar-se. Ai, mancha horrivel
De sangue, humano sangue, aqui 'stá sempre
N'esta maldita mão!

II

Da Escocia o throno
Chegamos a occupar, porém segura
Não 'stava a dynastia; as mesmas bruxas,
Que a nós a regia c'rôa prometteram,
Haviam declarado que de Banquo
Teriam de reinar os descendentes.
Um crime arrasta a dois, a tres e a muitos;
Nova traição juntamos á primeira,
E de Banquo e seu filho preparamos
N'uma emboscada a morte. Apunhalado
Cae o pai pelos ferros dos sicarios
Que tinhamos comprado, mas Fleancio,
O filho d'esta victima, escapar-se
E fugir pôde á morte, aos assassinos.
Frustado o nosso intento, segue-se outra
Contrariedade a transtornar o gozo
E prazer de reinar. Lauto banquete
Da côrte aos grandes, nobres e senhores,
Com magestade e pompa dar quizemos;
E (quem diria!) o espectro do valente
E assassinado Banquo se apresenta,
Visivel só p'ra o rei, a incriminal-o
Co' a funesta presença. A horrivel vista
Perturba do meu 'sposo a força d'alma;
O covarde tem medo, e solta phrases
Esconjurando o espectro a retirar-se.
Enganei todavia os meus convivas,
Dizendo ser molestia passageira
Que ás vezes meu consorte atormentava;
Mas da festa o prazer ficou perdido,
E na mente do rei não cessa a imagem,
A funesta visão d'aquelle espectro,

De inquietar a razão, té que de novo
Se resolve a buscar as feiticeiras
P'ra saber o futuro.

III

Á horrivel gruta
Das irmãs do Destino o rei da Escocia
Desceu a interrogal-as. Ouvir queres,
As bruxas lhe disseram, de nós mesmas,
Ou dos demonios, nossos mestres e amos,
Os vaticinios? Fallem os demonios,
Disse o rei. De um trovão acompanhado,
Um phantasma da terra se levanta
(Cabeça e capacete) e diz ao principe:
Macbeth, Macbeth, Macbeth, acautelar-te
Deverás de Macduf, senhor de Fife.
Depois outro phantasma (era um menino
Ensanguentado todo) lhe apparece:
Macbeth, Macbeth, Macbeth, ser sanguinario
E destemido pódes; nenhum homem
Nascido de mulher matar-te deve.
Inda veio terceiro (outro menino,
Mas c'roado e na mão trazendo um ramo):
Como um leão, Macbeth, sê corajoso;
Invencivel serás em quanto o bosque
De Birnam não marchar ao teu encontro
P'ra combater comtigo em Dunsinane.
Taes dos demonios foram os conselhos,
E o intruso rei da Escocia inda mais victimas
Determinou fazer. Macduf havia
Fugido p'ra Inglaterra; mas as folhas
Dos punhaes assassinos encontraram
A esposa e filhos do senhor de Fife.

IV

Quem do crime o caminho adopta e segue
Tem, cedo ou tardo, a punição devida.
Tanto sangue innocente derramado
Estava reclamando asp'ro castigo,
E para desthronar-nos chegam tropas
De Inglaterra; Macduf as acompanha
Para da Escocia collocar no throno
Malcolmo, do rei Duncan nobre filho.
P'ra melhor occultar a marcha sua
E desapercebidos surpr'ender-nos,
De Birnam na floresta um ramo corta
Cada soldado, e segue caminhando
Ante si tendo o ramo p'ra encobrir-se.
Um bosque em movimento figurava
Aquella expedição; cumprido o oraculo
Não deixava de ser! Quando eram proximos,
Largando os ramos, puxam das espadas,
E o combate se trava. O meu consorte
Do segundo demonio nas promessas
Inda tem confiança, mas de frente
Se apresenta Macduf, vingando a patria,
Vingando esposa e filhos. Do materno
Ventre tirado fôra, e não nascido!
Caiu a usurpação. Fallara o inferno
A verdade, illudindo os ambiciosos;
E agora n'este reino dos tormentos
Somos pasto das feras esfaimadas.—

V

Tinha Lady Macbeth a narrativa
Apenas concluido dos seus crimes,
Eis que de lobos chega uma alcateia
Uivando ferozmente; a desgraçada

Asylo onde se esconda em vão procura,
(Nem licito nos era o facultar-lhe
O nosso palanquim), e dos vorazes
Carniceiros quadrupedes é presa.
Não quiz ver mais; ao carro então fazendo
Tomar um outro rumo, para Olympia
Disse: Que exemplo horrivel esta dama
É para os ambiciosos! Devorada
Agora pelos lobos e outras feras,
Já lhe não aproveitam os remorsos
De haver tirado a vida ao rei da Escocia,
Ingratidão enorme commettendo,
E traição juntamente. De outras damas
Como esta ambiciosas e assassinas
Por certo inda ha cá mais. Lucrecia Borgia,
Dize, está aqui tambem?—'Sta, vamos vel-a,
Responde a minha boa companheira;
De essa familia ha aqui bastante gente,
Inclusivè o Alexandre, que de Pedro
Já a barca dirigiu p'ra mal da Igreja.
Adultero, assassino, incestuoso,
Bulhento co' os visinhos dos seus 'stados,
Avarento e ladrão, de vicio e crimes
Um armazem era Alexandre Sexto.
Mas agora, com toda a parentela
Que em copos de ouro ministrava aos hospedes
Vinho de Syracusa, aos esfaimados
E sedentos de sangue horrendos brutos
Dão p'ra alimento o sangue, a carne e os ossos!
Olha, elles lá estão n'aquelle valle
Assaltados por tigres e pantheras,
Ursos e javalis. Por um leopardo
'Sta a ser dilacerado o vil Gubeta
Que a devassa Lucrecia auxiliava
Nos crimes e homicidios.—Do binoculo
Me sirvo novamente; avisto os Borgias
Buscando contra as feras defender-se,
E entre elles conheci Sexto Alexandre.

VI

Do palanquim o vôo accelerando.
Disse-me Olympia: —Agora mais adeante
Vamos ver a planura onde hoje as almas
De alguns dos gibelinos, e dos guelfos
Em muita quantidade, o ventre fartam
De esfaimados leões. Entre os primeiros
Ezzelino o tyranno se distingue
Por chefe principal. Dos *condottieri*
Era o mais valoroso no seu tempo;
Mas não basta uma boa qualidade,
Inda de muito e grande mer'cimento,
P'ra respeitavel ser. Taes crueldades,
Vilanias ferozes e outros muitos
Horrores praticou na Lombardia,
Que chamado ficou devidamente
O *Flagello de Deus*. Depois que em Padua
Entrou triumphante, as redeas soltou logo
Ás maiores cruezas; dentro em pouco,
Conquistada Bassano e outras cidades,
Prisões, execuções, confiscos eram
Os seguimentos certos das victorias.
Fez de Padua e Verona as mais illustres
Exterminar familias; a mais leve
Suspeita, a accusação menos fundada,
A menor distincção pelo talento,
Nascimento ou riqueza, eram motivos
Para prisões, condemnações summarias!
Por ordem sua assassinadas victimas
(Mais de cincoenta mil!) a gloria mancham
Que ao seu valor podia ser devida.

VII

Se um general tão barbaro e inhumano

Não dá honra ao partido gibelino,
Dos guelfos a facção não conta menos
Um chefe detestavel e execrando.
É Bonifacio Oitavo esse velhaco,
A traiçoeira serpente, que do Quinto
Celestino a tiara pretendendo,
Suggestões e artimanhas taes emprega
P'ra turbar-lhe a pequena intelligencia,
Que o leva a resignar da Igreja as chaves,
Facto novo na historia do papado,
Que mais não foi seguido. Eleito em Napoles,
Ao imbecil succede, e seu cuidado
Primeiro é prevenir que reintegrado
Não seja o antecessor; faz rigorosa
Detenção conservar-lhe, e que abrevia
Do pobre Celestino a inutil vida.
Depois canonisou-o! Assim da antiga
Roma o senado ao povo impingir soube
Que entre os deuses viver fôra o seu Romulo
(Pelos padres conscriptos feito em postas!).
   Seguro no poder, com toda a força
Luctou contra o partido gibelino.
Da familia Colonna, cujos membros
Principaes muito haviam contribuido
Para a sua eleição, derruba as casas,
Os castellos arrasa, e a banir chega
Esses a quem devia o ser levado
Ao solio pontificio. Uns cinco seculos
Mais tarde imitador teve entre os lusos
No Bispo Lobo, que, em Vizeu mettido
Em secreto processo por perjuro
E traidor ao partido, a vida deve
A um nobre cavalheiro, illustre chefe
De distincta familia; *agradecido*
Soube mostrar-se o bispo renegado,
Fazendo que os migueis mais perseguissem,
Entre outras, a familia Silva Mendes!
   Co' o poder temporal tambem na lucta
Se tornou singular o Bonifacio,
Querendo com soberba e teimosia

Tornar-se outro Gregorio (1), pretendendo
Que fossem seus vassallos os monarchas,
E os diversos paizes dependencias
Fossem todos dos 'stados pontificios.
—Mas diz'-me, então pergunto, esse patife
Não 'stá no Malebolge (2)? O illustre Dante,
Quando foi, por Virgilio acompanhado,
Ver no inferno os recintos que pertencem
Aos diversos delictos, com certeza,
Se bem lembrado estou, diz que esperado
Era elle já por Nicolau Terceiro
E por muitos mais outros simoniacos.
Foi p'ra lá ou 'stá aqui?—'Stá aqui agora,
Mas 'steve em Malebolge. As numerosas
Caravanas de padres de taes manhas
E até de gente leiga que especula
Co' o culto e devoção p'ra obter consorcios
Com noivas ricas, e outros d'essa laia,
Encheram, ha já muito, aquelle circulo,
E tornou-se forçoso uns supplementos
Algures procurar. P'ra o orbe de Marte
Vir pertenceu a Bonifacio Oitavo.
Mas lá 'stão elles, olha.—Um campo extenso
Então avisto de soldados, padres,
Generaes e prelados, todo cheio;
De innumeros leões uma caterva
A fazer 'stava n'esses infelizes
O mesmo que Voltaire (*co' os seus queixos*,
P'ra mostrar a Piron que se enganava)
Fazia nas assadas costelletas.
D'aquelles carniceiros era a fome
Tão grande e desesp'rada, que tres vezes
O Papa Bonifacio, renascendo,
O vi ser devorado pelo mesmo
Ministro punidor dos seus delictos.

VIII

Foi já na edade media (eu digo a Olympia,
Que ao palanquim marcava um novo rumo)
Pelas facções dos guelfos e contrarios
Dilacerada a nobre e bella Italia;
Mas hoje no occidente é pelos barbaros,
Deshumanos carlistas desgraçada
A nação hespanhola. Um pretendente,
Ou aliás infame aventureiro,
Guerrilhas e bandidos congregando,
Commandando intrigantes e fanaticos,
Salteadores até, não se envergonha
De commetter enormes vandalismos.
 Já de Molina o Conde andou septe annos
Infestando as provincias vascongadas,
Luctos, mortes, desgraças, orfandades
Causando no paiz que o repellia.
Com razão fôra na formosa Hespanha
Abolida a lei salica; o direito
P'ra a c'rôa receber de San Fernando
Mais não cabia ao Conde de Molina.
Mas a ambição do infante o faz rebelde,
E rompe contra tudo e contra a patria;
Dos hespanhoes septe annos foi tormento,
Té que foi supplantada a rebeldia.
 Mas na familia não se extingue a esp'rança
De usurpar o poder e a realeza;
Um outro Carlos, filho do tal sucio,
Se diz herdeiro do direito ao throno
E, como o pai, repete a tentativa,
Nova revolta e guerras levantando.
Foi vencido tambem, mas invencida
Ficou a pretenção; herda um sobrinho
Do tio e do avô a teimosia,
A ambição, e augmentada a crueldade.
 Este Carlos, terceiro pretendente,

Do paiz as internas dissidencias
De aproveitar se lembra, como quando
Alguem corre a pescar nas aguas turvas;
Mas esquece o insensato que não tinha
Da nação a vontade p'ra acceital-o.
Co' a revolta de Cadix derrubado
O throno de Isabel, não soa um *viva*
Sequer em seu favor; quando nas cortes
Constituintes se discute a forma
Do governo da Hespanha, um só suffragio
Não tem que o recommende. Entre uns fanaticos,
Bandoleiros, ladrões, faccinorosos,
E aventureiros que fortuna tentam,
Foi porém procurar cabos, soldados,
E organisar guerrilhas e brigadas
P'ra vir *impôr-se á força* a toda a Hespanha!
  Foi só desunião de outros partidos
Que dera algumas forças aos carlistas;
E eil-os cercando praças, bombardeando
Cidades populosas, os viajantes
Despojando e roubando nas estradas,
Impondo aos povoados grandes sommas,
Saqueando até, incendiando as casas,
'Spingardeando e matando os prisioneiros,
E o direito das gentes transgredindo.
Commetter tantos roubos, tantas mortes,
A fome introduzir n'algumas praças
Que têm com honra e brio sustentado
O seu posto e dever, são as *virtudes*
De esses *honestos, nobres defensores*
Do throno e do altar. Estes rebeldes,
Vandalos, homicidas, incendiarios,
Salteadores, não deixam com certeza
De ter aqui já grande contingente?
— Já cá 'stão muitos, me responde a bella,
E mais hão de chegar. Vamos já vel-os,
Mas não sós; andam junctos com mais outros
Criminosos de egual ou mesma escola.
Os cantonaes de Alcoy e Carthagena,
De Paris os malvados communistas,

Infames petroleiros e assassinos,
Tambem 'stão co' os carlistas misturados.

IX

Das ideias mais nobres, mais sagradas,
Abusam sempre os biltres, os velhacos,
Impostores e hypocritas; disfarçam
Com tal pretexto a verdadeira causa
Que faz pegar na espada ou na clavina
Os homens gerrilheiros, que da penna
De publicista usar faz escriptores.
Uns e outros de levar ao seu moinho
As aguas cuidam só, do povo ignaro
Logrando a boa fé, e sobre os olhos
Lançando-lhes poeira; assim conseguem
Uns conquistar patentes elevadas
Com bom soldo e proventos, outros sobem
Sobre a credulidade dos votantes
A figurar nas altas assembleias
Para a nação reger. Mas todos elles
De comer cuidam só do povo á custa.
Do christianismo abusam os hypocritas,
Formando associações desnecessarias,
Mentirosas até; da liberdade
E da fraternidade o nome invocam
Velhacos de outra escola. E mentem todos,
Procurando illudir-se mutuamente,
Furtar, roubar cada um o mais que póde,
E rir-se dos papalvos... Mas repara,
Lá 'stão a ser comidos, 'spedaçados
Por tigres e por ursos os sujeitos
De que ha pouco fallavamos, que a vida
Na terra já findaram, e que pagam
Agora as crueldades commettidas.
De escriptores maraus inda ha cá poucos
Por poder pertencer-lhes outras penas,
E alguns inda são vivos; mas de padres

Sanguinarios, crueis, ha já bastantes
Apesar de faltar de Urgel o Bispo,
O Cura Sancta Cruz e outros carlistas,
Por não terem ainda fallecido. —
  Olhei; vi rancho enorme de pantheras,
Ursos, leões, hyenas ás dentadas
N'aquelles condemnados. Procurando
Achar algum mitrado, diz-me Olympia:
— N'outro valle á direita encontrar pódes
Muitos patricios nossos, e has de entre elles
Achar o Bispo Lobo, o renegado. —
Segui a indicação, e vi o infame
Por dois ursos partido meio a meio;
Mas descobrindo perto um outro reprobo
Com farda militar entre alguns homens,
Uns togados, o resto militares
Como o tal figurão, e que iam prestes
De septe hyenas ser devido pasto,
Perguntei: Quem serão aquelles septe?

X

Marcando um outro rumo ao carro aereo,
Minha bella instructora principia
Á pergunta que eu fiz dando a resposta:
— Pela mãi incitado e inda por outros
Conselheiros devassos e perversos,
O Infante Dom Miguel se fez perjuro
Ao pacto que fizera em Vienna d'Austria.
Levado a tal excesso e vilania,
E p'ra fazer seguro o absolutismo,
Dissolve o parlamento, quebrantando
Solemnes juramentos e promessas.
Em Portugal campeia a intolerancia,
De liberaes os carceres são cheios,
E o infante usurpador cria uma *alçada*
E forcas levantar manda no reino.
  São do Conde de Basto, do Bezerra,

E de outros miguelistas sanguinarios
Tornadas legendarias as façanhas
Na crueldade e barbaras sentenças.
Nem todo o liberal aos deshumanos
Monstros póde fugir; se homisiados,
Se outros na emigração a morte evitam,
Muitos outros são victimas dos barbaros.
E não são só os chefes de familia
Os perseguidos; 'sposas innocentes,
Filhas e filhos soffrem os horrores
Já da guerra civil, já dos verdugos.
Das varias commissões, sedentos monstros
De sangue humano, a mais inexoravel,
Mais cruel, mais infame, em Vizeu tinha
A séde designada. Era composta
Do general Moscoso, presidente,
E de mais seis vogaes, que assim deixaram
De si negra memoria. Ha pouco os viste,
Esse grupo dos septe, em presa ás feras,
De taes biltres congeneres figuras (3).
Tal foi a intolerancia do malvado
Tribunal de Vizeu, que compassivo
Ninguem deixava ser; a caridade
Até como um delicto era punida!
De fome e frio, de miseria extrema,
Depois de haver soffrido horrores tantos
Alguns dos sentenciados, pelas balas
Varados das guerrilhas miguelinas,
Foram por muitas horas espectaculo
P'ra o povo *religioso* e p'ra as beatas.
Que bons christãos aquelles miguelistas!

Fim do canto quarto.

NOTAS

AO

CANTO QUARTO

(1)

O papa Gregorio VII.

---

(2)

INFERNO

CANTO XVIII

Luogo è 'n inferno detto Malebolge
Tutto di pietra e di color ferrigno,
Come la cerchia, che d'intorno il volge.
Nel dritto mezzo del campo maligno
Vaneggia un pozzo assai largo e profondo,
Di cu' in suo luogo dicerò l'ordigno.
....
....

CANTO XIX

O Simon mago, o miseri seguaci,
Che le cose di Dio, che di bontate,
Deono essere spose, e voi, rapaci,

Per oro e per argento adulterate;
    Or convien che per voi suoni la tromba,
    Perocchè nella terza bolgia state.
Già eravamo alla seguente tomba
    Montati dello scoglio in quella parte,
    C'appunto sopra 'l mezzo fosso piomba.
O somma sapienza quant' è l'arte,
    Che mostri in cielo, in terra e nel mal mondo,
    E quanto giusto tua virtù comparte!
I' vidi per le coste e per lo fondo,
    Piena la pietra livida di fori
    D'un largo tutti, e ciascuno era tondo.
Non mi porèn meno ampi, nè maggiori
    Che quei, che son nel mio bel san Giovanni,
    Fatti per luogo de' battezzatôri.
L'un delli quali, ancor non è molt'anni,
    Rupp'io per un, che dentro v'annegava,
    E questo sia suggel, c'ogni uomo isganni.
Fuor della boca a ciascun soperchiava
    D'un peccator li piedi, e d'elle gambe
    In fino al grosso, e l'altro dentro stava.
Le piante erano accese a tutti intrambe:
    Perchè sì forte guizzavan le giunte,
    Che spezzate averian ritorte e strambe.
Qual suole il fiammeggiar delle cose unte
    Muoversi pur su per l'estrema buccia,
    Tal era lì da' calcagni alle punte.
Chi è colui, maestro, che si cruccia,
    Guizzando, più che gli altri suoi consorti,
    Diss'io, e cui più rozza fiamma succia?
Ed egli a me: Se tu vuoi, ch' i' ti porti
    Laggiù per quella ripa, che più giace,
    Da lui saprai di sè, e de' suoi torti.
Ed io: Tanto m' è bel, quanto ti piace;
    Tu sè signore, e sai, ch' i' non mi parto
    Dal tuo volere, e sai, quel, che si tace.
Allor venimmo in sull' argine quarto:
    Volgemmo e discendemmo a mano stanca
    Laggiù nel fondo foracchiato ed arto.
E'l buon maestro ancor dalla sua anca

Non mi dipose, sin mi giunse al rotto
  Di quei' che si piangeva con la zanca.
O qual che se', che 'l disù tien di sotto,
  Anima trista, come pal commessa,
  Comincia' io a dir, se puoi, fá motto.
Io stava, come 'l frate, che confessa
  Lo perfido assassin, che poi, ch'è fitto,
  Ricchiama lui,perchè la morte cessa:
Ed ei grido: Se' tu già costì ritto,
  Se' tu già costì ritto, Bonifazio?
  Di parecchi anni mi mentie lo scritto.
Se' tu sì tosto di quell'aver sazio,
  Por lo qual non temesti torre a 'nganno
  La bella donna, e di poi farne strazio?
....
....

DANTE, *Divina Commedia.*

---

(3)

CHRONICA CONSTITUCIONAL DO PORTO

EXECUÇÕES EM VIZEU

Para que o publico tenha noticia do que está praticando a commissão de Vizeu, publicamos a seguinte carta d'aquella cidade.

«Meu amigo: — Saberá que na terça feira 23 de Outubro (1832), foram padecer mais *seis* innocentes victimas no largo chamado de Santa Christina, que com as anteriores fazem o numero de *dezesete.*

....

A caridade, essa virtude aqui foragida, é reprovada, odiada e tida como um crime; nem se póde dar a menor demonstração de sensibilibade; faz-se crime áquellas pessoas que nos dias das execuções fogem

da cidade, e vão derramar lagrimas em algum deserto.

....

(Chronica Constitucional do Porto de 8 de Dezembro de 1832.)

OS ASSASSINOS DE VIZEU

Foram assassinados pelos monstros que compõem o tribunal de sangue, estabelecido em Vizeu, os padres Antonio Alberto Pereira Pinto, Caetano José Pinheiro, e Lauriano Antonio Pinto de Noronha, naturaes das visinhanças das Caldas de Arêgo.

Foi espingardeado a 10 de Outubro passado o patriota Frei Simão, cuja severidade de alma e firmeza, no meio dos tormentos que padeceu, chegou a assombrar os proprios algozes que o condemnaram. Padeceram morte mais sete victimas, que todos jazem enterrados em Codeços, ou antes em um fosso, aonde costumam lançar-se os animaes mortos!...

Mais sete homens, seis dos quaes eram hespanhoes, foram no terreiro de Santa Christina fuzilados pelas guerrilhas miguelistas, em virtude de outra sentença da referida commissão.

Os nomes dos membros d'ella são os seguintes:

O general da provincia, Luiz Antonio de Salazar Moscoso.

O provedor Francisco de Assis Ribeiro Saraiva.

O tenente coronel José Paulo de Carvalho.

O corregedor Francisco Arraes de Vilhena.

O juiz de fóra Luiz Ribeiro de Almeida Vasconcellos.

O major João de Azevedo.

O capitão de infanteria *fulano* de Vasconcellos.

Por occasião do ultimo assassinato juridico do campo de Santa Christina, se juntou grande numero de gente da infima plebe dançando á roda dos cadaveres, que jaziam ensanguentados no chão, aonde estiveram todo o dia, servindo de espectaculo de

alegria e folgança á multidão de canibaes, que, só depois de completamente embriagada, deixou o campo. Dizem que entre os malvados que figuraram n'esta horrivel orgia se contavam frades, e até algumas mulheres conhecidas por beatas e confessadas dos *religiosos* mais fanaticos!

A maior parte dos infelizes que se acham presos nas cadeias entregues á commissão, suspiram pelo instante de perder as vidas ás mãos dos barbaros; taes são os tormentos que soffrem!

Acham-se todos os presos nas enxovias sem cama, sem cobertura, e finando-se de miseria e fome; e como se ainda isto não fôsse bastante, recebem de continuo insultos e tratos, que fazem estremecer os corações menos compassivos. Algumas pessoas, ou antes a maior parte das familias de Vizeu, quereriam, e tem tentado, levar soccorros ao fundo dos carceres aonde estão enterradas as victimas da honra e da fidelidade portugueza; porém não ousam: um acto de beneficencia teria o effeito infallivel de levar o bemfeitor á mansão dos soccorridos: e por isso se alguma esmola póde penetrar dentro das masmorras, é a custa de trabalhos e perigos.

A épocha da usurpação de D. Miguel é fertil em barbaridades: ha nomes classicos entre os executores das tyrannias do usurpador; quem não conhece Telles Jordão, Castro do Rio, conde de Basto, e, em quanto a nós, o sobre todos detestavel visconde de Santarem? Quem se não horrorisará á simples menção da palavra alçada? Lisboa e Porto principalmente conservarão por muitos annos a memoria dos membros d'essas juntas de facinorosos, a quem D. Miguel entregou punhaes para arrancarem a vida a seus concidadãos. Porém, as façanhas de tanto infame ficarão escurecidas pela commissão de Vizeu. Pouco sabemos da historia de seus membros; mas conhecemos bem o presidente, que tambem nos conhece a nós.

Este estupido e covarde militar, que achámos em Pernambuco, feito governador do forte denominado

o forte do *Brum*, jámais viu o rosto ao inimigo no campo da batalha. Todo o seu merito consistia em possuir um bahú de papeis velhos, a que chamava leis militares; não que as citasse a proposito em caso nenhum, mas sim porque jámais occorreu algum para decidir o qual não affirmasse que tinha a lei em casa.

No tempo em que parte dos povos d'aquella provincia se sublevou em 1821, quando começou a apparecer o espirito de independencia, o brigadeiro Salazar pediu ao capitão general que o não fizesse sair do forte de *Brum*, porque a não ser lá, não tinha aonde aquartelar um *rebanho de filhos a quem era obrigado a sustentar.*

Ao mesmo tempo que protestava a sua fidelidade ao governo da metropole, que o sustentava, se entendia com os rebeldes a quem offereceu os seus serviços — serviços que elles não quizeram; e fazendo mais justiça ao caracter do homem do que os seus compatriotas portuguezes, o puzeram fóra. Veiu a Lisboa jurar que era constitucional, e elle era verdadeiramente o presidente da commissão de Vizeu.

(*Chronica Constitucional do Porto*, de 15 de Dezembro de 1832.)

— Na sé de Vizeu ha um mausoleu onde se vê esculpido o seguinte epitaphio:

«Pro libertate, charta, et regina Maria II, nefando judicio insontes damnati, et trucidati anno 1832 et 1833.»

«Pela adhesão á liberdade, carta e rainha D. Maria II, por iniquas sentenças foram innocentemente condemnados e fusilados no anno de 1832 e 1833:

Portuguezes

Laureano Antonio Pinto de Noronha, Caetano José Pinheiro, Antonio Alberto Pereira Pinto Monte Roio, Antonio da Maia, presbyteros seculares; Si-

mão de Vasconcellos, presbytero cisterciense; Francisco de Sande Sarmento, Felisberto de Sande, José de Oliveira, José Maria de Oliveira, José Franco, Antonio Joaquim Gonçalves, Antouio Joaquim, Antonio Homem de Figueiredo e Sousa, Joaquim José da Silva, Guilherme Nunes da Silva e Luiz Ferreira da Costa.

Hespanhoes

D. Pascoal Alpalhoz, D. Eusebio Pascoal, D. Fernando Gutierres Galon, D. Bento José, D. Antonio Himnes, D. Manoel Sanches de Garcia.

CANTO QUINTO

HISTORIA POLITICA E ASTRONOMICA DO PLANETA *LETHES*; VIAGEM A VESTA

I

Gentis senhoras, damas respeitaveis
Que ledes o meu poema, por piedade,
Dois cantos podereis passar em claro.
Se os meus versos vos dão algum recreio,
E é certo que estimaes ser instruidas
Da vida que se vive lá nos astros
(P'ra não dizer das grandes maroteiras
Que se fazem na terra), o seguimento
De estas minhas viagens philosophicas
Podereis esperar no orbe de Jupiter.
Lá sim, que é boa terra, e residencia
Só têm homens de bem, damas honradas,
Como conhecereis mais claramente
Quando p'ra lá fizerdes *ablativo*,
Que eu vos desejo seja muito tarde
E, se assim o estimaes, em companhia
De este creado vosso, inda que pouco
O mereça, e esperar menos o possa.
  Mas em quanto por cá vamos andando,
E porque a ociosidade é mãe dos vicios,
As horas que me sobram dos trabalhos
Nos senos e tangentes utilmente
Me parece empregar fazendo versos;

E n'isto um nobre exemplo em vós encontro
Que, da vossa costura e outros lavores
P'ra descançar, os meus escriptos ledes...
Estes dois cantos não. Severa critica
N'elles 'spero fazer ás introjonas
Que a nobreza e a valia do seu sexo
Deshonram com seu vil procedimento.
Sei que não podem muito desgostar-vos
Algumas allusões, piadinhas mansas....
Inda mais que as de Casti; mas com tudo,
Se melhor vos parece, ao canto septimo
Passar podeis sem grave inconveniente.
P'ra que saber a historia escandalosa
De uma Joanna, a mãe da *Beltraneja*,
A de uma Leonor Telles e quejandas?
Eu podia omittir essa visita
Que em companhia da formosa Gaia
Foi feita a um planeta dos pequenos,
Telescopicos, de esses que ignorados
Foram por tanto tempo, e que os da França,
De Inglaterra, da Russia observatorios,
Uns mais que outros, por vezes têm achado;
(O de Coimbra, agora entre parenthesis,
Só descobre alguns ratos sobre a Lua,
Ou de San Sebastião a lanterninha).
Mas se assim procedesse, com certeza,
Respeitaveis senhoras, uma falta
Commettia de muita gravidade;
Deixava de cumprir todo o programma
Que do canto primeiro no principio,
A modo de discurso de abertura,
Percebestes por certo. Homens de estado
No discurso da c'rôa muitas cousas
Promettem ao paiz e nada cumprem;
Mas eu não sou ministro, e pagar quero,
Sempre que posso, as dividas que faço.

II

A bella Olympia tinha já acabado
De contar de Moscoso e seus collegas
As incriveis, infames crueldades,
Das quaes a narração hoje na Beira
Horror inda produz, e eu, não querendo
Ver do mais sanguinarios o castigo,
Lhe pedi p'ra deixar o orbe de Marte.
— Agora, diz-me Olympia, de esses muitos
Pequeninos planetas acho inutil
Visitar um por um; são elles todos
Logares de castigo, a um d'elles vamos
E será a Vesta, se me dás a escolha. —
'Scolher eu? respondi; tão pouco grato
Não me queiras julgar. Nada sei d'isso,
E se de vós explicações recebo,
A vós sómente a direcção compete.
Isto é razão bastante p'ra que a tua
Proposta promptamente me agradasse,
Mas em ver as *vestaes* bem empregado
Me parece o passeio. Uma surpreza
É porém para mim a novidade
Que acabas de me dar; pois sendo tantos
Os pequenos planetas, nenhum d'elles
Póde ser escolhido p'ra almas boas?
— Dos asteroides vou contar-te a origem
(Me torna ella), e a razão porque são muitos;
Verás por sua historia qual motivo
Os fez tomar p'ra sitio de tormentos.

III

Havia antigamente um só planeta
Entre a orbita de Marte e a outra mais larga

Que Jupiter percorre, e a lei de Bode
O está mui claramente revelando.
Mas então, n'esse tempo, os *pterodactylos*,
Plesiosauros e inda outros bicharocos
Da terra os habitantes eram unicos
Nem queriam saber astronomia,
Como hoje inda não sabem todos esses
Animaes que lá vivem, menos o homem.
Ora o planeta Lethes (este o nome
Era do tal errante) habitadores
Tinha como hoje a Terra, e distinguiam-se
Por serem mais tratantes e marotos.
Ali coisa ignorada era a justiça,
A honradez, dignidade, e outras virtudes;
Os magistrados eram mais devassos
Que o povo a quem regiam; conciliabulos
Eram de falcatruas, bambochatas
De districto os conselhos; finalmente
Custava a apparecer um hom' honrado
N'uma qualquer cidade de tal astro.
Mais que os homens não tinham brio ou honra
Os habitantes femeas; poucas damas
Havia que este nome bem mer'cessem.
A corrupção lavrava em toda a parte;
Se a vara da justiça em vez de recta
Nas mãos de alguns juizes se tornava
N'uma curva de dupla curvatura,
Das senhoras o agrado, as meigas fallas,
Nada mais eram que arteirosa industria
Ou para alimentar loucas vaidades,
Ou p'ra caçar fortuna. Eram tão 'spertas
Na arte de pregar logro aos seus maridos,
Namorados, irmãos, tudo o que é homem,
Que por brutas e tolas reputavam
As que sincero amor nutrir quizessem;
E depois entre si gala faziam
Das suas brilhaturas e artimanhas,
E até de regateiras desenvoltas
Ostentavam por vezes *fino* trato.
Eu nunca vi annaes de tanto escandalo

Como na historia e chronicas dos povos
Habitadores do planeta Lethes.

IV

N'aquella região tal incremento
Tendo a devassidão desenvolvido,
Emenda radical o Auctor dos mundos
Se lembra de applicar; fez de repente
Dois pesados cometas concorrerem,
De cento e vinte graus fazendo um angulo
As suas direcções, de encontro ao reprobo
Planeta dos venaes e marafonas.
Não era vaporosa ou transparente
A massa dos dois astros, como em muitos
Dos que hoje se conhecem. Denso nucleo,
Sem cauda ou cabelleira, constituia
Cada um dos taes cometas, e tão rapida
Era a velocidade de estes astros,
Que até do *eme vê dois* de qualquer d'elles
Medo podia ter o proprio Sirio (1).
  Qual no bilhar ás vezes acontece
Bater sobre a vermelha ao mesmo tempo
De um lado e de outro a bola preta e a branca,
Marraram junctos no planeta Lethes
Aquelles dois cometas, produzindo
Com carambola tal um cataclysmo
Peor do que esse universal diluvio,
Com que mais tarde foi tambem preciso
As terras innundar do orbe terraqueo
P'ra os descendentes de Cain perverso
Punir, como mer'ciam por seus crimes,
Uma familia só deixando salva,
Porque era honrada e virtuosa a unica.
Ao grande e duplo choque, effectuado
Co' uma tal força viva, não poderam
Resistir do planeta as varias rochas;
Esmigalhada em mais de cem pedaços
Ficou por tal embate a dos devassos

Habitação infame e condemnada.
Da gente e de animaes habitadores
Uns ficam esmagados, outros morrem
Afogados nas aguas que innundaram
Os pedaços, fragmentos, e um sómente
Nem sequer escapou. Pereceu tudo,
E nova geração não foi creada.

V

Começa então cada um dos estilhaços
A porcorrer tambem alguma ellipse
Por forças combinadas, a attractiva
E a resultante do famoso choque.
Diversas entre si, aquellas orbitas
Dos taes fragmentos do planeta Lethes
Vão sendo pouco a pouco descobertas
Pelos trabalhos serios e importantes
De astronomos da *estranja*; os de Coimbra
Só fazem ephemerides inuteis,
E para isso roubando os ajudantes,
Cujos logares vagos vagos ficam,
Que os não querem providos os taes melros
Para o ordenado seu comerem elles.
Dizem até que um mouco dos expostos
Tem sua posta tambem n'estes trabalhos
De fazer ephemerides, e firma-lhes
Amigo da conrobia os manuscriptos;
Que o tal calculador, um leigo sendo
Na sciencia das grandezas, qual piloto
Aprende a trabalhar co' o *almanach* (2)
E tabuas p'ra a marinha organisadas,
Materialmente uns calculos numericos
A fazer aprendeu para as *tarefas*
Dadas em commissão ficarem promptas.
E os taes *calculadores 'straordinarios*
Comem em commissão os ordenados
Que abonados do estado no orçamento

São para os ajudantes! Quando tinha
O bom Thomaz d'Aquino a governança
E direcção d'este serviço publico,
Nunca taes roubos, comedela infame,
Deixava praticar em prejuiso
Dos bachareis, doutores, aos quaes toca
Servir no Observatorio. O tirocinio,
Vida, trabalhos, tempo consumido,
E até bens de fortuna, inda que poucos
Por que mais não havia, um resultado
Alcançar deveriam para abrigo
Contra a miseria e fome. Um dos amantes
Que tive em Coimbra, sendo promovido
A lente substituto, a dignidade
Soube manter, tarefas rejeitando
Por que, disse elle, ha gente habilitada
Á qual sendo devidas, era um roubo
Usurpar seu trabalho e vencimentos. —

VI

Mas quem é que te informa d'essas coisas,
Essas miserias da famosa Coimbra?
Quando tu lá vivias, certamente
Inda o Doutor Rodrigo não chegara
A direcção tomar do Observatorio;
Como sabes de tantas maroteiras? —
Nossa aerea viagem proseguindo,
Esta pergunta fiz á meiga Olympia,
E ella: — Nada mais facil (promptamente
Me respondeu, sorrindo) aos habitantes
Do espheroide de Jupiter, de Venus,
De Neptuno tambem. Temos licença
De viajar por todo este systema
Dos planetas do sol, mas muitas vezes
Para saber da Terra novidades
Nem isso é necessario; os recem-vindos
Nos informam das cousas importantes.

Quando ao Doutor Rufino foi de Jupiter
A habitação marcada no espheroide,
Eu, que lá 'stava então passsando uns dias,
Lhe ouvi dizer que até ao proprio zero
O numero chegou dos ajudantes,
E de estes o ordenado do orçamento
Os taes maraus dividem como querem
E pelos da conrobia. Depois d'elle
Inda cá não chegou outro algum lente
Da tua faculdade, mas das outras
Alguns lentes honrados fallecidos
Têm confirmado a mesma comedela
De esse homem que dirige o Observatorio.
Proximos nós porém já vamos 'stando
De Vesta, um de esses muitos estilhaços,
E é preciso acabar d'elles a historia.

VII

Como lá nos trabalhos das estradas
A *mac-adam*, sob o pesado malho
Do britador, ou rigida marreta,
Os duros seixos, o aspero granito,
Em variados fragmento se divide
Com fórmas exquisitas, angulosas,
Uns polyedros sem norma, irregulares,
Assim pelas marradas dos cometas
Ficaram angulosos, desconformes,
Os estilhaços do planeta Lethes.
Mas seculos de seculos correram,
E aquelles asteroides descreviam,
Cada um a orbita sua, com taes fórmas
Que lhes não permittiam permanentes
Eixos de rotação. Nenhum perigo,
Nenhum mal todavia resultava
De essa perturbação nos polos d'elles.
Habitantes não tinham ; que importava
Que aos trambolhões andassem lá no espaço

Rolando p'ra a direita, para a esquerda,
As pedras e agua sobre os taes fragmentos?
Mas para habitação de gente viva
Vir podendo a servir, se aproveitados
Fossem devidamente, preparal-os
Para tal fim mandou o Auctor dos mundos.
Assim como na Terra a certos crimes
P'ra pena e correcção são applicados
Nos codigos penaes trabalhos publicos;
Forçados ás galés andam servindo
Muitos dos criminosos, com correntes
Aos pés, rude tarefa executando;
Tambem nas obras publicas celestes
Ha que dar p'ra fazer aos condemnados,
E para arredondar os estilhaços
De esse antigo planeta são mandadas
Fazer serviço as almas pervertidas
De esposas infieis aos seus consortes,
Mas não são estas sós. Falsas amantes,
Que a mira têm no lucro, e que se vendem
A quem mais dá; devassas prostitutas
De uma alta posição, que esconder buscam
Taes fraquezas com crimes clandestinos,
Logro e burla pregando á sociedade
Da qual querem respeitos e homenagens;
Hypocritas beatas que disfarçam
As suas affeições com actos pios;
Toda esta gente assim vem p'ra os trabalhos
Que, mandados fazer nos asteroides,
São dirigidos por demonios negros.
Mas na colonia principal de Vesta.
Nós já vamos pousar, e com demora,
Pequena ou grande, como bem quizeres,
As marafonas principaes veremos. —

VIII

Disse, e mansinhamente o carro aereo
Para em Vesta pousar ia descendo,

Da penitenciaria procurando
O capataz primeiro. Era um demonio
Negro na pelle, as barbas já grisalhas
Mais brancas do que pretas, que obediente
De Gaia ás ordens era, e nos mostrava
As obras e operarias, cujas vidas
N'um grande *in folio* registadas tinha.
— Podeis descer, dissera o tal ministro
Guarda-mor da colonia, é já segura
Aqui a habitação. Tão adeantados
Os trabalhos têm sido, e tal serviço
Cá se tem feito, destruindo rochas,
Que ha de ser habitavel dentro em breve,
E Vesta a ter não tarda a fórma espherica
Um pouquito achatada; assim o ordena
O Architecto que me dá taes ordens.
Lenta e pequena oscillação já fazem
Os polos do planeta; aqui seguros
Podeis estar sem medo de *avalanches*,
E até p'ra os visitantes, que nos chegam
Do vosso orbe, e p'ra os seus apresentados
(Bem vi que era comigo), uns aposentos
E refeições aqui ha preparadas,
Continuareis depois a vossa viagem.
 Indo visitar logo uma officina,
Vimos uma mulher bella e formosa
A puxar a uma nora de alcatruzes,
Afanosa, cançada, e toda em bica
A gotejar suor; 'stava outro negro,
Do capataz ministro subalterno,
Com aguda aguilhada a espicaçal-a
Quando ella retardava o movimento,
Dizendo: barregã, anda p'ra deante.
Pena tivemos da formosa dama
E, perguntando ao demo commandante
Quem e d'onde era, qual fraqueza ou crime
Condemnar a fizera a tal serviço,
Nos responde: — Esta dama, que aqui vedes,
Além de infiel 'sposa, foi perversa;
Tem graça a sua historia, mas revela

Malvadez e cynismo a toda a prova. —
Isto disse o feitor, e procurando
No criminal registo á entrada d'ella,
A historia nos contou como se segue (3).

IX

Houve em Bolonha um nobre cavalheiro;
Egano de'Galuzzi se chamava
Este fidalgo, e tinha por esposa
A senhora Beatriz, bella entre as bellas.
Por esse mesmo tempo um negociante,
Fidalgo empobrecido e que devera
Á vida mercantil ser novamente
Possuidor de riquezas e fazendas,
Em Paris residia e tinha um filho
Ao qual educação, como outros nobres,
Quiz dar devidamente, e collocou-o
Ao serviço do rei n'aquella côrte.
Lodovico era o nome do mancebo
Que, n'aquella elevada sociedade
Convivendo e tractando, se tornára
Muito prendado e a todos agradavel
Pelas suas maneiras, cortezias.
Um dia, que com outros seus collegas
Em divertida roda se entretinha
O nosso Lodovico, alguns mancebos
Chegados do estrangeiro, conversando
Sobre materia vasta e sobre as damas
Mais bellas e gentis que tinham visto,
Faziam tal ou qual recenseamento
De galantes senhoras. Disse um d'elles
Que, tendo percorrido França, Italia,
Inglaterra, Allemanha, em parte alguma
Vira mulher tão bella como a esposa
De Egano, o tal fidalgo de Bolonha;
E n'isto concordaram seus collegas,
Os que de vel-a a dita já tiveram.

Ora o nosso aprendiz de gentilezas,
Que por alguma bella inda não tinha
O tributo pagado á juventude
(Ficando apaixonado, já se entende),
Tal vontade tomou de querer vel-a
E requestal-a até, que, disfarçando,
Do pai obtem licença p'ra em visita
Ir ao sancto sepulchro; então, mudando
Seu nome para o nome de Aniquino,
A Bolonha foi ter, e n'uma igreja
Pôde ver a beldade pretendida.
Par'ceu-lhe inda mais linda e mais formosa
Do que esperava até, e fez proposito
De não seguir mais longe sem primeiro
A conquista fazer d'aquella dama.
Seus cavallos vendeu, mandou aos moços,
Que trouxera, fingir desconhecel-o,
E ao hospedeiro disse que queria
Ver se arranjava commodo em Bolonha,
De algum senhor entrando p'ra creado.
—A proposito vens, disse o hospedeiro;
Que o nobre Egano bellos escudeiros,
Como tu me pareces, sempre acceita. —
Dito e feito; installado o nosso joven
Por familiar ficou do bom marido.
Educação, maneiras e desvelo
Mostrar soube Aniquino por tal sorte,
Que mordomo não só, mas conselheiro
Chegou a ser do bolonhez fidalgo.
Vae este um dia á caça e em casa deixa
A sua 'sposa e o mordomo. A nobre dama,
Que da gentil figura do mancebo
Não desgostava, do xadrez ao jogo
O convidou; a occasião propicia
Logo, logo aproveita o apaixonado
P'ra lhe fazer saber a affeição sua.
Muitos cheques e mates dar deixava,
Mas quando a sós se viu co' a sua parceira
(Por se haverem as creadas retirado)
Começa a suspirar.—Que é isso? Pena

Tens, Aniquino, que eu te ganhe os jogos? —
Beatriz pergunta; o seu parceiro esperto
Não tem papas na lingua, e sem demora
Dos seus suspiros lhe revela a causa,
A sua qualidade, e qual motivo
O levára a escolher um tal disfarce.
A occasião é calva, e a nobre dama
Não quiz perdel-a; promptamente accede,
Acceita as homenagens do galante,
N'essa noite promette uma entrevista,
E por penhor e arrhas do contracto
Na bôcca um doce beijo lhe pespega.

X

Era alta a noite e ao lado da sua 'sposa,
Ambos no mesmo leito, a somno solto
Dormia o bom do Egano; a nobre dama
Inda estava acordada, que a visita
Esperava do joven escudeiro,
E para isso deixára aberta a porta
Do quarto marital. Vem cuidadoso,
Pé ante pé, no escuro até ao leito
O ditoso Aniquino: a mão da bella
Se lhe estende e o segura fortemente.
Então o seu marido acorda a nobre
E formosa Beatriz p'ra perguntar-lhe:
Diz-me, caro marido, em qual dos nossos
Creados tens mais fé, mais confiança?
Qual julgas mais fiel e dedicado?
Pois qual será, mulher? responde aquelle;
Eu te juro, Beatriz, nunca até hoje
Servo algum me serviu como Aniquino,
Dos creados a joia, e o que eu mais prezo.
Porque o perguntas tu?—Quero dizer-t'o
Agora, porque á ceia inconveniente
Me pareceu fazel-o. O tal sujeito,
Em que tanto te fias, teve a audacia

De me vir requestar, quando na caça
Andavas tu, meu bem, (dizia a perfida,
A traiçoeira esposa, e segurava
Com força, isto dizendo, a mão do amante,
P'ra que lhe não fugisse e fosse logo
Dar ás de Villa Diogo p'ra a sua terra).
Mas ouve; eu, p'ra que tu bem conhecesses
A bisca que cá tens, fingi que acceite
Era o seu galanteio, e á meia noite
Appar'cer prometti no jardim nosso,
Juncto ao pinheiro manso. Agora, amigo,
Se a prova queres ter do que assevero
Põem na cabeça um lenço e co' uma saia
Das minhas te disfarça; ao jardim desce,
Vae ao sitio indicado, que o maroto
Por certo lá não falta.—O pobre diabo,
Assim mesmo ás escuras, preparou-se
Co' as roupas que sua 'sposa lhe indicava,
E foi para o jardim 'sperar a prova.
Quando ausente o sentiu, disse a senhora
Ao pobre amante, tremulo de medo:
— Nada receies, anjo meu dilecto,
Mas toma um bom cacete, e encontrar busca
Lá no jardim meu credulo marido;
Desanca-o, a bem valer, com bastonadas.
Com lições de moral, rijas censuras,
Como se fôra a mim, vae misturando
As *bençãos de San Paulo*. Uma tal prova
Do teu amor espero, e que ha de firme
Nosso arranjo amoroso, com certeza,
Tornar p'ra sempre.—Então mais socegado,
Busca Aniquino um duro *jus cujendi*,
E partiu para d'elle fazer o uso
Marcado por Beatriz, não sem primeiro
De esta o marido haver habilitado
Com armas taureanas p'ra a defeza.

XI

O pretendido effeito esta receita
Produziu no marido, e convenceu-se
Que só p'ra a experimentar fizera aquella
Proposta á esposa sua o fiel creado.
Inda mais liberdade o mentecapto
Deixou ter ao mordomo; e muito tempo
A bella espertalhona (que está agora
Puxando áquella nora por castigo)
Do seu meigo Aniquino em companhia
Se riram da partida, e acrescentavam
Á cabeça de Egano alguns ornatos.—

XII

Tal e qual se continha no cartorio
De aquelle archivo de almas condemnadas,
E o guarda mór narrou meudamente.
Mas sendo quasi noite, e algum descanço
Nos convindo tomar, acompanhou-nos
A uma boa vivenda, só para hospedes
Destinada; e, servida farta ceia,
Lá dormimos tambem optimamente.

Fim do canto quinto.

NOTAS

AO

CANTO QUINTO

(1)

Figuramos tambem aqui, semelhantemente ao que fizemos no canto 2.º, a leitura da expressão analytica mv^2 da força viva no movimento de um corpo. O sentido do texto é o seguinte:

O choque de um só d'aquelles cometas n'um astro tão grande como qualquer dos que formam Sirio (porque é estrella dupla) produziria estragos muito para temer. Maiores deviam ser, por conseguinte, os provenientes do choque dos dois cometas e n'um simples planeta do sol.

(2)

Os pilotos e capitães da marinha mercante portugueza, nas suas viagens de longo curso, não fazem uso dos *Ephemerides Astronomicas* da Universidade de Coimbra, mas sim do *Nautical Almanach* calculado para o meridiano de Greenwich. Tomam a altura meridiana do sol, sabem corrigil-a da refracção, parallexe, semidiametro, e depressão do

horizonte (unicamente pelas tabuas do livro de que se servem); combinam com a declinação do sol para o dia respectivo, e com a hora do chronometro que levam a bordo, e acham assim as duas coordenadas do logar do navio. Sabem tambem determinar o rumo, etc.; mas não entendem de geometria espherica, e de formulas de trigonometria ou de astronomia nem meia.

---

(3)

Este episodio é o conto legendario do marido *enganado, espancado e contente*. Seguimos com alguns cortes, para abreviar, a exposição que se lê na *novella* 7.ª *giornata* 7.ª do *Decamerone*.

CANTO SEXTO

CONTINUAÇÃO DA VIAGEM NO PLANETA VESTA

I

Do meu quarto a persiana começava
A receber a luz do sol nascente,
Eis se não quando o som agudo e grato
Ouço de uma sineta; o signal era
De estar o almoço prompto, e eu já acordado
Menos prompto não 'stava, ou pouco menos,
Para o *comprimentar*. Visto-me logo
E do jantar na sala me apresento
Co' a meiga e linda Olympia. A mesa estava
Coberta de iguarias confortantes
E gostosas tambem, optimos vinhos,
Queijos da Serra (1) e bom café de Moka.
  O serviço marcara ao dispenseiro,
Outro ministro do primeiro negro,
A cuidadosa Olympia; que de Venus,
De Jupiter, Neptuno os habitantes
Á risca obedecidos são em tudo,
Onde quer que se encontrem, nos planetas
Que em torno ao sol volteiam. Mas os outros,
As almas condemnadas por seus crimes
Commettidos na terra, têm chicote,
As chammas do hydrogeneo, as feras bravas,
E o mais que n'este canto dizer 'spero

E n'outros post'riores, quando toque
Fallar dos habitantes de Saturno
Onde a soberba e inveja é castigada.
Como disse no canto antecedente,
São condemnadas aos trabalhos publicos,
Feitos nos asteroides, as defunctas
Senhoras meretrizes. Uma d'ellas
No dia anterior tinhamos visto
Puxando á nora, toda afadigada;
Mas depois de almoçar, saindo ao campo
P'ra mais algumas ver das taes sujeitas,
O guarda mór achamos prevenido
P'ra nos acompanhar, trazendo o livro,
Matricula d'aquellas toleradas.
— Hontem, senhores, disse-nos o negro,
Vistes a marafona que mandára
Grande sova de pau dar no marido,
Depois de lhe haver feito assentar praça
De San Cornelio na legião famosa
Que tem por general um rei de Esparta.
Que o seu chefe é valente sabem todos
Que houverem lido Homero.

II

O presumido
E janotinha Páris sae a campo
Provocando a duello qualquer grego,
Mas apenas avista o Areiphilo (2),
Pernas, p'ra que te quero? É dar ás trancas,
Ou ás de Villa Diogo, porque o vira
Desembolado, e Helena não lhe tinha
Dado eguaes armas inda p'ra o combate.
Heitor, porém, Heitor, o *corytaiolo* (*a*),

(*a*) É grega esta palavra, meus leitores;
E por que em Portugal *nos dias de hoje*
Tão pouca gente a grega lingua entende,

Não consente que o irmão seja covarde.
Dysparis (4), diz de Andromacha o valente
Esposo terno e de Ilion a defeza,
Só p'ra cantar o fado é que tens arte,
Tocando na tua banza ou na guitarra,
Mas para te bater co' aquelle bicho
É que servir não podes. Ah, patife,

Uma satisfação julgo dever-vos.
Primo: a palavra quer dizer que tinha
Heitor um capacete bem ornado
E que brilhava muito, quando o bravo,
Valente general, filho de Priamo
O fazia agitar. *Secundo* (É longa
Esta piadinha agora, mas justissima):
A tão grande desgraça, a tal marasmo
Chegou das linguas mortas a cultura
N'esta terra de Lysia, que hoje o grego
Inda é mais ignorado que o Sanskrito
Nas nações illustradas Chega a ponto
Que os estudantes vão fazer exame
N'esta ditosa Coimbra sem saberem
O alphabeto sequer! Uns *burros* levam
Onde vae a leitura figurada,
E a traducção tambem, de algumas linhas
De Luciano ou de Homero, préviamente
Marcadas para texto! Os julgadores,
Em toda esta impostura coniventes
Já são ha muito tempo, e (tenho pena
Da sua posição) vêem-se obrigados
A deixar ir passando a maroteira (3).
Eu tinha exame no Lyceu de Braga,
O primeiro lá feito; mas com tudo
Por lei vigente tive outro segundo
De fazer em Coimbra. Os meus collegas
Todos levavam amarellas pastas
P'ra abonar a ignorancia; a pasta minha
Azul de quintanista *para ornato*
Eu quiz levar tambem. No mesmo dia
Um outro examinando, sextanista,
Que hoje ensina mechanica celeste,
Ler até mal podia alguns exametros
Do canto primo da divina Iliada!

Por tua causa estamos os troianos
Duros golpes soffrendo dos argivos,
E mortes e desgraças, p'ra que em Troia
Continues da grega e bella Helena
As meiguices, carinhos usufruindo!
Em verdade se diga que é formosa
A tal senhora Helena, *esposa honrada*
De esse *bom* Menelau, que, p'ra re'avel-a,
O irmão e os outros principes da Grecia
Congregou para vir formar-nos cerco.
Até o velho senado dos troianos
Achou que ella valia tantas penas;
Mas em proveito teu, grande maroto,
Que o fructo e flores colhes, e nos deixas
A mim, aos mais irmãos, aos outros teucros,
Os espinhos sómente! Anda, bregeiro,
Já para a frente. Ao menos desaffronta-te;
Se és melhor que o marido ao pé da bella,
Que és um pimpão tambem ao menos mostra.
  Envergonhou-se o filho do rei Priamo
E voltou p'ra o combate; mas não tinha,
Já disse, do rival as mesmas armas,
Nem na praça do Campo de Sancta Anna
Co' os Peixinhos, Robertos, aprendera
A esgrima respectiva. O resultado
Foi ficar mal no campo da batalha;
E se não fôra o auxilio de uma deusa
(Todos sabem quem foi) que o tal menino,
Juiz em certa causa, protegera,
É provavel que a vida ali deixasse
E, gritando *hombre muerto*, os gregos todos
E os troianos tambem a paz fizessem,
O legendario cerco terminando.
  Mas ficou vencedor d'Atreu o filho;
Eu cá assim o entendo, e com justiça
Dos *coitadinhos celebres* na historia
Paulo de Kock (o junior) o colloca
Como chefe de fila.

III

Mas já vejo
Atreladas a um carro umas *honradas*,
Respeitaveis matronas .. mais perversas
Que aquella que hontem vistes. Uma d'ellas
Trahiu o amante e chama-se Dalila ;
A outra é Sylvandira, e fez o esposo
'Star na Bastilha preso e desgraçado,
Em quanto que ella o tempo aproveitava
Co' os amantes que o esposo *protegiam*.
A historia da primeira é bem sabida,
E até se ensina na instrucção primaria
Para mostrar o grave inconveniente
Em revelar segredos ás mulheres.
O valente Sansão a apaixonar-se
Chegou por tal menina. (Ora dizei-me :
Quem não suspira ao pés de uma beldade?).
Os philisteus, porém, que medo tinham,
E com razão, de hebreu tão façanhudo,
Subornam-lhe a cachopa com dinheiro
(No preço é que está a cousa) e conseguiram
A origem descobrir de tanta força.
Apanham-no á traição e n'elle fazem
O mesmo que aos caloiros e novatos
(Que bom divertimento!) os estudantes
Do segundo anno fazem em Coimbra.
Passa então o imprudente desarmado
Dos philisteus a ser gato sapato ;
Furam-lhe os olhos, e outras crueldades
Lhe infligem os perversos. Mas o tempo
De Sansão fez crescer os bons cabellos,
Habilitando-o p'ra deforra horrivel.
Um dia banqueteavam-se os taes barbaros,
E para mór prazer chegar fizeram
O pobre cego á sala do banquete ;
Lá, posto entre columnas, dos insultos
Da perversa canalha alvo está feito.

Mas novamente aquelle desgraçado
Sansão tornara a ser; mãos e pés firma
N'uma e n'outra columna, e á voz extrema
Morra Sansão e quantos aqui estão,
As pedras das abobadas puniram
Os philisteus infames, scelerados.

IV

A historia da segunda é mais comprida,
Mas temos tempo e passo já a contal-a (5).
Veio a Paris um joven provinciano,
Filho de um proprietario, cujas rendas
Avultadas não eram. No supremo
Tribunal de justiça ia julgada
Ser uma grande causa; se a perdia,
Arruinado ficava inteiramente
—Rapaz, lhe diz o pae ao despedir-se,
És habil e prendado; e na verdade
Ninguem, para tractar d'esta demanda,
Melhor do que tu proprio achar podemos.
Vae, salva a nossa casa, e considera
Que de Constança os paes não te concedem
Por esposa, meu filho, a terna joven
Senão co' a condição de vires rico
Com a herança do tio. —Ora saber-se
Convém antes de tudo que o bom tio
De este fidalgo fôra já nas Indias
Salvador de uma bella e rica viuva,
Que queimar os parentes pretendiam
Segundo o uso da terra; a tal senhora,
Agradecida, dá-lhe a mão de esposa,
Vem co' elle para a Europa, e finalmente
Quando morreu deixou-o por herdeiro.
Pouco sobreviveu á testadora
O tio do mancebo, e por seu turno
De este á familia fez passar a herança,
Que era avultada. Mas da bella indiana

Havia um filho de primeiras nupsias,
Que a Paris pôr embargos de terceiro
Viera expressamente; era ricasso
E muito o tal nababo, mas com tudo
Antes quizera ver a mãe queimada
E reduzida a cinzas, que a fatia
De aquella boa herança em mãos estranhas.
  Ora o bom provinciano, ao qual o nome
Eu de Alpha agora dou por esquecido
Me ter do nome d'elle, as diligencias
Fazia por ganhar a sua causa.
Trouxe cartas de empenho, algũm dinheiro,
E passos não poupava, mas os becas
Tinham muita preguiça e não achavam
P'ra a questão resolver tempo bastante.
  Depois de ter rompido muitas solas
Por casa dos juizes e lettrados,
E dos bens de seu pae a maior parte
Tendo feito empenhar por tal maneira,
Que á miseria ficava reduzido
Elle e a familia sua, se a herança
Do tio a perder chega, então maduro
Ao juiz relator par'ceu o tempo,
E mandou por *terceiro* uma proposta
Muito em segredo, muito cautelosa,
Fazer ao litigante da provincia.

V

Pae de uma esbelta joven era aquelle
Tão honrado juiz, e bom partido
Lhe par'ceu impingil-a ao provinciano,
Ao qual *sub conditione* dar podia
Sentença favoravel. Era o caso
Ou obrigar-se a desposar a filha
De tão bom magistrado, ou na miseria
Deixar morrer seus paes; que o patrimonio

'Stava muito empenhado, outro vendido.
Regeitada ao principio foi a infame
E vil proposta; mas a persistencia
Do terceiro nas cousas de justiça,
Da familia do joven a miseria
Em perspectiva e certa, se não *compra*
Por tal preço a sentença, resolveram
Alpha a acceitar aquelle cambalacho.
Para encurtar razões, foi logo dada
A sentença em favor do nobre esposo
Da gentil Sylvandira; entra na posse
Da riqueza legada, e da familia
A casa arruinadissima restaura.
Mas ir á terra sua não queria,
E os motivos para isso são visiveis.
Em Paris residia com sua 'sposa
Alpha, sem descobrir de tal mulinha
A manha mais occulta; certamente
De juiz tão honrado honrada a filha
Não devia ser menos. Chega um dia
A descobrir a falha de tal joia,
E para subtrahil-a aos *lapidarios*
As malas sem demora fazer manda;
Duas horas depois postos em marcha
'Stão Alpha e Sylvandira p'ra a provincia.
Na primeira cidade onde pousaram
Alpha saiu para tractar negocios,
No hotel deixando a bella Sylvandira
E toda a creadagem que trouxera;
Duas horas depois a casa volta,
Mas nem creados, nem mulher encontra,
Acha um bilhete apenas que dizia:
Com duas horas só de antecedencia
Me intimaste a partir para a provincia;
Duas horas depois de eu ter saido,
Que te não sigo, ficas avisado.
Para Paris voltou rapidamente
De tal joia o marido, mas á entrada
Da capital da França é logo preso
Por homens da policia, e na Bastilha

Foi sem demora posto no segredo.
Havia em tempo, por divertimento,
De Sylvandira o esposo algumas satyras
Feito contra uma *honrada* favorita
Do rei; mas entre amigos tão sómente
Era lida esta e inda outras poesias.
Uma copia porém aproveitára
Traiçoeiramente a *dedicada* esposa;
Foi bastante este corpo de delicto
P'ra o marido fazer ser posto a ferros.
Facil é agora de prever o resto,
E um tal Royancourt póde á vontade
De aquella Bethsabé David tornar-se.
Esteve muitos mezes o coitado
E infeliz Alpha tantas crueldades
Soffrendo, que a mulher lhe preparára
P'ra ficar sem pastor essa ovelhinha;
Mas pensou, meditou e preparou-se
Para punir o infame. Os seus amigos,
E Cretè mais que os outros, trabalharam
E conseguiram o perdão do joven;
Alpha é solto e da esposa volta aos braços
Todo carinho e amor, agradecido
Se mostra a Royancourt e ambos illude.
Pouco tempo depois morre varado
O infame Royancourt por um florete;
O nobre e bom Cretè punira em duello
Aquelle scelerado e vil adultero,
Em quanto a viajar co' a meiga esposa
Partira o amigo seu para recreio
De tão amavel pomba. Mas na volta
Chegou viuvo e só, sentindo a perda
Da formosa consorte, que um funesto
Naufragio submergira (a verdade era
Que a passeio maritimo a levára,
E vendêra a um pirata). Estava livre
Alpha d'aquella vibora damnada
E, passados de lucto os legaes mezes,
Com sua fiel Constança se desposa.
Tudo correr par'cia optimamente,

Eis se não quando estranha personagem,
Embaixador não sei de que alto imperio,
Vem a Paris e traz por odalisca
Sabeis a quem? a linda Sylvandira.
Qual outra Alaciel do rei de Garba,
Indo de mão em mão, chegára a filha
Do juiz que julgara a cáusa de Alpha
A pertencer ao filho da indiana.
Monumental vingança logo, logo
Conceberam os dois; de bigamia
Devia Alpha infeliz soffrer a pena.
Valeu lhe o bom Cretè, que diplomata
Habilissimo foi n'este negocio,
E o tal embaixador foi para as Indias
(Para não ir tambem para a Bastilha)
Levando a boa joia que comprára,
E que ora vedes atrelada ao carro
Juncto co' a bella que Sansão perdêra. —

VI

Assim o preto disse, e já chegavam
Perto de nós as duas condemnadas,
Quaes mulas, a puxar a uma carrada
De muito lixo e entulho; eram seguidas
Por um negro possante, que o chicote
Fazia trabalhar, se pouco activas
No tal serviço achasse aquellas bestas.
Deixamol-as passar; mas novo carro
Se seguia ao primeiro, e era puxado
Por outras duas bellas que na vida
Com regia c'roa a fronte ornado haviam.
— Estas, o preto disse, se aos maridos
Tanto mal não fizeram, contentando-se
Com lhes ornar as testas, nem por isso,
Pela sua ambição estimuladas,
Deixaram de fazer algumas victimas.

Uma ao throno de Lysia ascender pôde
De um fraco rei o coração domando,
É Dona Leonor Telles, que primeiro
J'ão Lourenço da Cunha abandonára.
Seu marido legítimo, p'ra esposa
Do formoso e inconstante rei tornar-se.
Esta soberba dama, se tão pouco
Respeitar soube as leis do matrimonio,
Tambem pouco respeita as da familia,
E o infante Dom João a enganar chega
A ponto, que assassina a propria esposa
No palacio da rua de Sub-ripas.
De Dona Maria Telles o assassinio
Uma mancha é na historia portugueza;
E a rainha Leonor, que por adultera
A innoceute irmã morrer fizera,
Assim um meio encontra p'ra livrar-se
Do infante Dom João, que expatriado
Em Castella buscou fugir ás penas
Do crime commettido. Um outro infante,
Irmão do antecedente, tambem foge
P'ra não ser castigado, por que tinha
Um delicto espantoso perpetrado...
Recusou-se a beijar a mão da adultera!
Ficou desassombrada a marafona,
E para o seu galante favorito,
J'ão Fernandes Andeiro, obtem do esposo
Do condado de Ourem titulo e rendas.
Aquell'outra rainha, que a acompanha
N'este serviço proprio só de bestas,
É a mãe da *Beltraneja*, e fôra esposa
Do rei Henrique Quarto de Castella (6).
Dom Beltrão de la Cueva um simples pagem
Era do rei, mas tanto em valimento
Pôde subir por graças da rainha,
Que o primeiro ministro do seu principe
Chega a ser, e de Conde de Ledesma
O titulo consegue. Inda isto é pouco
P'ra aquelle afortunado favorito;
Da infanta Dona Joanna o pae veridico

Não era Henrique Quarto, era o valido.
Esbelta rapariga de Toledo,
De obscuro surrador presada filha,
Foi por este monarcha requestada;
Um pequenino Henrique era a vergontea
Verdadeira do rei, bem que bastarda.
P'ra que chegasse a c'roa de Castella
A ser de Dona Joanna, a *Beltraneja*,
Não teve horror aquella esposa adultera,
E o Conde de Ledesma, de nas chammas
De preparado incendio a desditosa
Mãe do bastardo principe queimada
Fazer morrer co' o filho innocentinho.
Mas nem assim o calculado effeito
Conseguir pôde em bem da prole sua,
E foi Dona Isabel reconhecida
Por legitima herdeira de Castella. —

VII

Essa da Russia imperatriz famosa,
E da torre de Nesle as heroinas
Aqui não 'stão tambem? — Então pergunto
Ao guardião d'aquellas boas prendas.
— Estão, podemos vel-as; n'outro sitio
Andam a trabalhar (responde o negro).
É preciso fazer um desaterro,
E umas são cavadoras, trazem outras
Cestos de terra, zorras, padiolas;
Mas vamos então lá. — Fomos andando
Té chegar ao logar onde avistamos
N'aquella operação mais de oitocentas,
Cavando e removendo a terra solta.
— Aquella gorda e bella é Catherina
Por quem tu perguntaste (o demo torna),
E de essa torre infame as celebradas,
Dissolutas senhoras cavam junctas

Ao pé da imperatriz Sam Margarida,
Branca e Joanna as celebres princezas,
As quaes, nocturno laço armar fazendo
Aos rapazes galantes, n'essa torre
Em nocturnas orgias pandigavam
Co' os jovens imprudentes, todo o pejo
E senhoril recato desprezando.
Depois, na madrugada, eram do Sena
As aguas bem seguros confidentes;
Afogados mancebos não podiam
Vir revelar aquellas bambuchatas.

VIII

Mas vamos mais além. Temos agora
De Inglaterra uma celebre rainha,
Filha do Henrique Oitavo e da ambiciosa
Anna Bolena. Essa Isabel, tão celebre
Por não ter perdoado á prima sua
(Por ser mais bella e não por ser catholica,
Esta é a verdade, o resto foi pretexto
Para a decapitar), regeitou sempre
Do parlamento inglez as insistencias
Para esposo escolher. Teve a vaidade
De querer que, por morte, lhe inscrevessem
Na lousa sepulchral = *Aqui repousa*
Isabel de Inglaterra alta princeza,
Que viveu e morreu rainha e virgem.
E' certo que morreu sem descendencia,
E terminou com ella a dynastia
Dos Tudors; mas em quanto a virgindade
Ha muito que dizer. O seu primeiro
Favorito ou galan foi feito Conde
De Leycester, depois outros succedem,
Cada um por seu turno; o Conde de Essex
A ultima conta foi de tal rozario.
Mas Isabel não foi sómente virgem,

Foi tambem generosa e compassiva,
Poupando derramar o sangue humano:
Já disse, fez morrer a prima sua,
Maria Stuart, anjo de bondade,
De belleza e de amor; ao Conde de Essex
(Um favorito seu!) tambem não dera
O perdão de rebelde se haver feito;
Dos catholicos padres, finalmente,
Muito innocente sangue derramado
Veio tambem manchar os annos ultimos
De Isabel, que morreu rainha e *virgem*.—

IX

Mas quem é, perguntei, aquella dama
Que tão carregadinha vai co' um cesto
Cheio de terra e pedras? Um valente
Teu servo subalterno não lhe deixa,
Fazendo trabalhar o *jus cvjendi*,
Tomar algum repouso. — Essa menina,
Responde o guarda mór, tivera o berço
De Sancta Cruz nas plagas. A vaidade
De mulher ser de um orador distincto
Levou-a a desposar-se co' um mancebo,
Que mais tarde devia ser a victima
Da honra desaffrontada. Um valdevinos,
Um tratante de marca e que diversas
Provas já dera das virtudes suas,
Verbi gratia, raptando uma donzella
E outras que taes honrosas gentilezas
Praticando sem pejo e sem vergonha,
O leito nupcial viola e ultraja
D'aquelle par. A sorte de Desdemona
Teve a culpada esposa, sem ter d'esta
A virtude e innocencia que a illustram;
Mas da lei dura pena tambem cabe
Ao marido infeliz, que foi na ardente

Africa terminar a triste vida.
E o biltre, causador de tantos males,
Pretendendo enganar a sociedade,
Finge arrependimento, e n'um mosteiro
Diz querer ir viver p'ra penitencia;
Que sincera virtude a dos beatos!

Fim do canto sexto.

NOTAS

AO

CANTO SEXTO

(1)

Allusão aos queijos da Serra da Estrella, os melhores que se fazem em Portugal.

---

(2)

O *bellicoso*, epitheto que Homero dá a Menelau. Veja-se no principio do canto 3.º da Iliada o episodio do duello entre Páris e este principe, e do qual se faz no texto uma ligeira parodia.

---

(3)

Os exames de grego em Coimbra são uma farçada, uma impostura burlesca. Com excepção de alguns estudantes theologos, os quaes chegam a traduzir com muitissima difficuldade dois ou tres pequenos dialogos de Luciano, e uns cem versos de Homero, todos os mais estudantes, medicos, natu-

ralistas, doutorandos, etc., fazem exame e ficam approvados em grego, sem ao menos saberem todo o alphabeto! A lei espera-lhes o exame para o fim do curso, e o resultado foi chegar o abuso a este ponto.

---

(4)

Quer dizer *infeliz Páris*. Já Ovidio empregou o mesmo hellenismo na epistola de Laodamia e Protesilau, verso 43 — *Dyspari Priamide, damno famose tuorum*. Temos bom padrinho par abonar este neologismo.

---

(5)

Este episodio é o resumo de um romance de Dumas intitulado *Sylvandira*. Lido pelo auctor ha muitos annos, esqueceu o nome do protogonista e foi supprido pelo de *Alpha*.

Quem não achar bonito este nome, substitua-o pelo de *beta*, *gamma*, ou outro qualquer que mais lhe agrade.

---

(6)

Veja-se o romance de Emmanuel Gonzales intitulado *A rival da rainha*.

CANTO SEPTIMO

VIAGEM AO PRIMEIRO SATELLITE DE JUPITER

I

De aquellas tão honestas, nobres damas,
Muitas mais inda vimos em diversos
Asperrimos trabalhos occupadas
Sob o commando de demonios negros,
Que, de chicote ou de aguilhão munidos,
No serviço as faziam ser ligeiras.
O capataz d'aquella feitoria,
Pel-os saber de cór, de muitas d'ellas
Nos contava os escandalos passados;
De outras porém forçoso era no livro
Volumoso, pesado e parecido
Co' o grande diccionario de Larousse,
Ir ao termo da entrada dar a busca.
  Mas Olympia, entendendo termos visto
Já bastante, e que tempo era de em Jupiter
Ir conversar com gente conhecida
E passar algum tempo alegremente,
Deu por finda a visita n'aquelle orbe
Do pequeno planeta, e novamente
No doce palanquim nos assentamos.
— Como o tempo é bastante (diz-me Olympia,
Carregando na mola do registo)
P'ra chegar ao jantar, sem que preciso
Nos seja accelerar a viagem nossa,

N'este andamento iremos caminhando.
Conversemos agora, pois entendo
Que uma viagem calada é muito insipida.—
Certo que sim, digo eu, e para assumpto
Tenho já muita cousa.

II

Antes de tudo
Communicar-te quero o pensamento
Deum projecto que fiz. O nosso amigo
Dante Allighieri disse-me ao principio,
Quando p'ra visitar estes planetas
Me foi fazer o singular convite,
Que esperava de mim não ver perdido
O fructo da instrucção que eu recebesse.
Não gostei nunca de illudir esp'ranças
Dos meus bons mestres; faço quanto posso
E desvelo-me sempre pelo ensino
Dos discipulos meus, pagando a divida
Que á patria, á sociedade, aos mestres devo.
Ora se em mathematica, ou na lingua
Da culta Grecia antiga, usado tenho
Como digo, e em tudo isto nada faço
Mais do que o meu dever, razão não acho
P'ra deixar ficar mal o florentino.
Resolvi pois contar em verso heroico,
Ou inda em redondilhas, quando seja
Apropriado o uso d'ellas, as diversas
Scenas que por cá vir, como fizera
O proscripto Allighieri do que achára
No inferno, purgatorio e paraiso.
Não tenho pretenções de fazer tanto,
Nem a decima parte; se a vontade
Se approxima da do outro, é mui diff'rente
O engenho, a competencia, e até o tempo.
Razões para escrever não são já poucas,
Inda que eguaes não sejam ás de Dante,

Que, expatriado, pobre e foragido,
O pão comeu do exilio, e de Ravenna
Lhe valeu muito o nobre e honrado principe.
Mas eu tambem, se amigos não tivesse
E parentes, por certo já haveria
Ao lado á lebre! *Honrados* meus collegas,
E a politica de hoje, assim o querem.
  Mas vá cada um cumprindo o seu destino,
E a patria julgue a todos. Bem quizera
Poder poupar alguem, mas sobe o jogo
De cada vez a mais; dizer verdades,
Amargas para alguem, porém verdades,
Adornadas co' as galas da poesia
Posso, se assim fizer, 'screvendo as *viagens*.
Que te parece? — Se emendar esperas
Encapellada gente de Coimbra
(Olympia, que os conhece, me diz logo),
Nada por certo alcanças. Mello Franco
No genero heroe-comico fizera
Um bom poema tambem p'ra verberal-os
(*Reino da estupidez* era o seu titulo),
E nada conseguiu. Homens sem brio,
Sem honra e sem vergonha, não se importam
Que lhes descubram suas maroteiras,
E de negar os factos são capazes. —
  Se negam, mentem elles (digo eu logo),
E co' isso eu conto já, se não de todos,
Dos de maior cynismo pelo menos.
Mas eu digo a verdade, quando aponto
Algumas comedelas, tranquibernias,
De essa gente de Coimbra, e de algum sucio
Confissões imprudentes, por vaidade
E p'ra ostentar poder e valimento
Feitas levianamente. Se mais tarde,
As phrases viciando, e até mentindo,
Induzir o tal sucio um seu amigo,
Menos lembrado, para vir na imprensa
P'riodica dizer que é falsidade
O facto que eu narrar, hei de affirmal-o,
Por que assim succedeu; já o contára

Haverá mezes dois a alguns amigos
Sem que ninguem notasse inconfidencia.
Ninguem pediu segredo, e fallar posso
Contando isso que ouvi sem promettido
Haver de me calar. O que eu não faço
É fazer jiga-joga nos p'riodicos,
Dize tu, direi eu; o tal sugeito
Não jogue por tabella, e se de novo
Quizer a affirmação sómente em prosa,
Que querelle de mim. Os julgadores
Nos tribunaes civis são mais honrados
Do que os collegas seus na faculdade.
  Mas não serão sómente alguns devassos
De esta *ditosa* Coimbra que em meus versos
Levantado terão seu pelourinho;
De Mello Franco o poema bastaria,
Se fosse bom remedio o verso heroico.
Pretendo aproveitar de varios contos
Legendarios, da historia estranha e nossa,
E da litteratura e da poesia
Alguns lindos assumptos p'ra episodios.
Isto chegará bem p'ra doze cantos,
Se não vierem esses taes sugeitos
Dar mais materia p'ra extender o poema.

III

— Pois sim, me diz Olympia; apontamentos
Podes ir entretanto compilando
Para essa producção De aqui já avistas,
Sem usar do binoculo, os satellites
Do bom planeta Jupiter? O sabio
Galileo Galilei, honra da Italia (1),
Foi o primeiro em descobrir taes astros.
  Teve o seu berço em Pisa este homem celebre,
Que á natura um segredo importantissimo
Deveria roubar; foi nada menos .

Que descobrir no effeito de uma força
Do movimento havido a independencia.
Desde os trabalhos do syracusano (2)
Geometra até 'ntão, só de equilibrio
Bem tratar se podiam os problemas;
P'ra Galileo porém 'stava guardado
Pôr as bases seguras da dynamica.
Mas estes sós não foram seus serviços
Em sciencias naturaes; O isochronismo
No pendulo encontrou, quando pequenas
Fossem as excursões do ponto movel.
Inventor do thermometro, e egualmente
Da balança hydrostatica, este sabio
Do descenso dos graves as leis soube
Demontrar pelo meio da experiencia,
Da gravidade a força minorando
No seu plano inclinado. Assim consegue,
Com descobertas, invenções tão uteis,
A physica metter a bom caminho
E... adquirir numerosos inimigos
Nos professores seus contemporaneos,
Obstinados sectarios de Aristoteles!
  Grandes, uteis reformas; novos campos
Abertos ás sciencias; leis mais justas
Dadas á sociedade, ah! custam sempre
Martyrios, sacrificios. Das ideias
Mais nobres e elevadas os primeiros
Impulsores, apostolos, são victimas.
Não poucos conta a physica: o Vesuvio
A Plinio sepultou nas lavas suas,
E do illustre Copernico o systema
A Galileu custou mil dissabores.
Foi corajoso o sabio; já primeiro
Alguns padres fanaticos tentaram
Calumniar, chamando visionario,
Aquelle sacerdote tão distincto
Da verdadeira sciencia. Mas baldadas
As intrigas pequenas, denunciam
Da Inquisição ao tribunal injusto
O nobre Galileo. São condemnadas,

De tão *profundos sabios* no congresso,
Por hereticas, falsas, as doutrinas
Da rotação e translação da terra.
Permittiram com tudo que, com certas
Condições restrictivas, continuasse
A ser lente em Florença (onde o Gran-Duque
O convidára, com partido honroso,
Á cadeira reger de mathematica,
E o fizera deixar Veneza e Padua).
Teve paciencia o sabio muitos annos,
Mas gastou-se por fim. Co' os seus *dialogos* (3)
A coisa transtornou; eil-o perdido,
E, se não vae a Roma retractar-se
Para salvar a pelle, era queimado,
Ou pouco menos, por fallar verdade!
E pur si muove, e a Terra continua
Os seus dois movimentos effectuando.
Artista foi tambem o nobre filho
Da bella Italia; um oculo astronomico
Construe, explora o céu co' este instrumento,
E logo descobriu phases em Venus,
Manchas no Sol, a rotação d'este astro,
E inda essas quatro luas que circulam
De Jupiter em volta, e que ao principio
Foram 'strellas de Medicis chamadas,
Homenagem rendendo ao seu bom principe.
Da musica tambem e da poesia
Foi distincto cultor; os Della Crusca
Famosos academicos em 'stima
Tiveram o seu 'stylo litterario.
Era não só leitor apaixonado
Dos impagaveis cantos de Ariosto
E ainda dos de Tasso e de Petrarca,
Mas tambem algum tempo ás musas dava
Das horas de descanço ou de recreio,
Deixando em bons sonetos, e em sextinas,
Mimosas producções. Sirva de amostra
O soneto seguinte, em que se queixa
Do rigor e desdem da amada sua,
Comparada com Nero na crueldade (4):

SONETO

N'um seculo remoto as provas dando
Do seu genio cruel, desatinado,
Do incendio no furor enthusiasmado,
Dizia o imperador mais execrando:

Altas ruinas de imperio venerando,
As desfeitas grandezas, o arruinado
Templo, um signal firme e bem marcado
Do meu grande poder fiquem mostrando.

Assim essa altaneira, cuja mente
De desdem se reveste e de aspereza,
E com meu triste choro prazer sente,

Armada de furor, de mór dureza,
Muitas vezes me diz barbaramente:
Brilhe no incendio teu minha belleza.—

IV

Já teve a nossa patria (eu digo), e certo
Deves sabel-o, Olympia, um mathematico
Mais conhecido em sciencia que em poesia,
O qual tambem soffreu dos taes roupetas
Cruel perseguição. Foi o Anastacio
Da Cunha, official muito illustrado,
Que o Marquez de Pombal, quando a reforma
Da Lusa Academia concluira,
Despachou para lente cathedratico
E mandou doutorar. Fez bom serviço
Regendo a sua cadeira, e na mechanica
Combateu com denodo a metaphysica
Nas loucas pretenções de os fundamentos,
Sem dados da experiencia, ella sómente

Dar á phoronomia. Um nobre sabio,
O illustre Freycinet, nos dias de hoje,
Segue a mesma doutrina, a verdadeira
E que o bom Comte expoz com luzes tantas (5).
E do polaco Wronski, o nebuloso
Que até foi arranjar *funcções alephas*,
Podem rir-se á vontade; que a doutrina
De intrujões como o Wronski não tem curso,
Sómente uns charlatães, uns impostores,
P'ra illudir o seu povo e ter prestigio,
Dizem saber as altas metaphysicas
E ter grande valor o *messianismo* (6).
Ora... Mas continuemos a conversa
Sobre o José Anastacio. Ia eu dizendo,
Minha formosa Olympia, que já teve
A nossa Academia de Coimbra
Entre os seus mais illustres professores
O sabio Cunha. Um erro commettêra
O Marquez de Pombal, quando o jesuita
Zé Monteiro da Rocha despachára
Lente da faculdade. O tal roupeta
Foi sabio e talentoso, mas tratante
E velhaco de marca; do collega
Andava a dizer mal por toda a parte,
E tanto fez o biltre de sotaina,
Que obteve a demissão do desditoso,
O qual mettido foi nos duros carceres
Da Inquisição, do Rocha por intrigas.
— Bem sei de quem tu fallas, diz-me Olympia,
E vamos encontral-o com certeza
No primeiro satellite de Jupiter,
Do qual já somos perto; está com elle
Doutor Rufino e o bom Thomaz d'Aquino,
Os quaes nosso Allighieri convidára
Para um jantar d'amigos. — Dentro em breve
Na designada lua demos fundo,
Onde aquelles meus bons amigos quatro
Me estavam esperando; abraço a todos,
E fomos caminhando lentamente
Para casa do vate florentino.

V

— Tenho inda outra vivenda, o amigo Dante
Me diz, sobre o espheroide mais extenso
Em torno ao qual circulam estes orbes
De dimensões mais curtas; todavia
Eu e estes tres amigos preferimos
Vir-te esperar aqui. Vamos andando,
O jantar nos espera, e aos teus amigos
Podes noticias dar da Lusa Athenas. —
Com o maior prazer, lhe digo, e agora,
Que tenho o gosto de encontrar-vos junctos,
Que bom cavaco á mesa não teremos!
Doutor Rufino, meu bom mestre e amigo,
Saberás que um rifão que entre nós corre,
E diz *depois de mim ha de seguir-se*
Quem me fará ser bom, se verifica
Em relação a ti. No teu serviço
Succedeu-te, bem sabes, doutor Coelho.
— A proposito d'elle, acode o lente
Que foi do primeiro anno mathematico,
Conhecel-o melhor? — Bem me recordo,
Eu tornei, de esse aviso que me deste,
E nunca descubri ao tal sujeito
Que por conselho teu me resolvêra
A seguir os estudos mathematicos,
Pois o mesmo valêra que a vingança
Provocar de inimigo encapotado.
Mas estava eu dizendo que, por tua
Jubilação, passou do anno primeiro
A reger a cadeira o doutor Coelho.
Depois que tu morreste o homem tornou-se
Inda mais exquisito do que d'antes;
E, ha apenas tres annos, por tal sorte
Na lição maltratára um seu discipulo,
Que o estudante (brioso, mas sem tino)
Veio para sua casa e suicidou se (7).
Talvez que toda a culpa não tivesse

De uma desgraça tal; mas se bom mestre
Soubesse ser, cumprindo os seus deveres
Sem maltratar alguem, não haveria
Esta mancha na nossa faculdade.
  Eu por essa occasião estava ausente
De Coimbra, mas nas folhas e gazetas
Li mais que dar f'riado não queria
Aos discipulos seus no luctuoso
Dia do enterro do infeliz mancebo,
E necessario foi que o seu prelado,
Reitor da Academia, esta homenagem,
Sempre usada nos cursos á memoria
De um irmão nos da sciencia asp'ros trabalhos
Lhe mandasse observar! Um condiscipulo
Na cadeira de chimica eu já tive
Que falleceu tambem durante o curso;
Além de muitos outros, fomos todos
Os 'studantes de chimica ao enterro
Do nosso camarada, e o proprio lente
Da chave do caixão portador era.

IV

Eu sempre isso esperei na vida publica
De esse doutor (atalha o meu bom mestre).
Na vida de familia não campeia
Tambem por melhor homem (eu lhe torno).
  Ha poucos annos inda o celibato
Se lembrou de deixar o doutor Coelho,
E, por desdita de uma bella joven
Conimbricense, foi ser d'elle esposo.
Dizem que nunca mais os ares puros
Do campo a respirar tornára a triste;
Mas sempre clausurada em casa estava
A menina infeliz, que o seu consorte
Não lhe dava licença p'ra que ao menos
Espairecer podesse algumas vezes.
O certo é que em solteira era galante,

Robustez indicando, e, feita esposa
De aquelle *bom* marido, a pobresita
Por lenta consumpção foi pouco a pouco
Ao tumulo arrastada. Era uma pena
Ver tão mal empregada aquella dama.
  Eu cá, se fosse pae de raparigas
Com annos já de procurar marido,
Em exemplos assim os olhos pondo,
Na escolha teria mais cautela;
Com certeza as não dava a quem nas obras
Da Wronsky indo treler, mais augmentava
Reconhecida telha, indicio certo
De desestima da consorte sua.

VII

— Agora a mim, me diz Thomaz d'Aquino
Responde, meu querido forasteiro,
Quem a minha cadeira está regendo? —
Um doutor inda novo, eu lhe respondo,
Mas do poder occulto no joguinho
Velho dizer se pode sem grande erro.
— Talvez José Falcão, diz o Rufino,
O que foi reprovado no quarto anno (8),
E de uns taes carbonarios estudantes,
Que o raio organisaram, foi grão mestre? —
Acertas-te, lhe digo; o mesmo é elle,
O curso repetiu e foi ávante,
Depois, já sextanista, ambição teve
De figurar de novo n'outros gremios
Da Academia, e ás abas da casaca
Do bom Silva Pereira agarradinho,
Prestigio conseguiu nos academicos,
E o Club dirigiu com bases novas (9).
  Por haver quebrantado as leis da casa
O vi já sobre o palco aos seus consocios
Supplicante pedir *bil de indemnidade*,
E todos lhe perdoamos. Pouco tempo

Depois contra o doutor Silva Pereira
Se revolta, e em sessão do directorio,
Audacioso, doestos e improperios
Profere contra aquelle a quem devêra
Subir entre os rapazes. 'Stava ausente
O doutor transmontano; de outra sorte
Haveria entre os dois a mesma scena
Que no anno anterior da Philantropica
Os socios eleitores praticaram (10).
  Inda me lembro bem das taes proezas
De sôcos e tapona, a valentia
Mostraram muitos d'elles; d'honra e brio,
E valor juntamente, os dois Pimentas
Poderam provas dar. Meu condiscipulo,
O Pimenta Joaquim, no anno seguinte
Uso soube fazer da mesma prenda,
Desaffrontando a dignidade sua
Por ter levado um *erre* injustamente
No acto de formatura (11). Os dois tosados
Queixaram-se ao prelado, e o bom Pimenta,
Que é hoje capitão de engenheria,
Foi riscado em conselho de decanos.
Mas nem as bofetadas se riscaram
Das caras dos taes sucios, nem tão pouco
Ainda se riscou da opinião publica
De elles a covardia e a injustiça.

VIII

Continuando a falar do mesmo lente
Que foi teu successor, Thomaz d'Aquino,
Em geração terceira (12), elle é da escola
Que Augusto Comte e Freycinet bateram;
Sustentou que sem dados da experiencia
Pôde fundar-se a statica! Os negcios
Deixou do Club; achava já pequena,
Depois de doutorado, aquella gloria
De se elevar em coisas de estudantes.

Publicou (bem que anonymo) um folheto,
Faz agora annos quatro, elogiando
De Pariz a cummuna e os petroleiros (13);
Defender taes ladrões achando pouco,
Jogou alguns sarcasmos e ironias
Da nobre França a capitães distinctos,
E nem poupára a Mac-Mahon valente!

Fim do canto setimo.

NOTAS

AO

CANTO SETIMO

(1)

Galileo Galilei, o maior mathematico italiano nos tempos modernos, nasceu em Pisa em 15 de fevereiro de 1564, e falleceu em Arcetri no dia 19 de janeiro de 1642.

(2)

Archimedes, o maior mathematico da antiguidade, amigo e parente do rei Hieron, nasceu em Syracusa 287 annos antes da era christã.

(3)

Dialoghi quatro, sopra i due massimi sistemi del mondo, Ptolomaico e Copernicano; 1632.

(4)

Opere di Galileo Galilei — *Firenze* 1718. A bibliotheca da Universidade de Coimbra possue esta obra. No principio do 1.º volume encontra-se uma biographia do sabio mathematico por Viviani, e em seguida tres sonetos para amostra das suas producções em litteratura. Escolhemos um d'elles, o que nos agradou mais, para darmos no texto a sua traducção; mas como a passagem para a nossa lingua, verso por verso e com rimas obrigadas, exige algumas vezes menor fidelidade de pensamento, aqui apresentamos o original:

SONETO

Mentre spiegava al secolo vetusto
Segni del furor suo crudeli, ed empi,
Tra gl' incendi, e le stragi, e i duri scempi,
Seco dicea l' Imperadore ingiusto:

Il Regno mio d'alte ruine onusto,
Le gran moli destrutte, e gli arsi Tempj
Portin la mia grandezza in fieri esempj
Dall' agghiacciato Polo al lido adusto.

Tal quest' altera, che sua mente cruda
Cinge d' impenetrabile diaspro,
E nel mio pianto accresce sua durezza,

Armata di furor, di pietà ignuda,
Spesso mi dice in suon crudele, ed aspro:
Splenda nel fuoco tuo la mia bellezza.

---

(5)

Cours de philosophie positive, 1.º vol.

(6)

Wronsky, famoso mathematico e philosopho mystico, nascido em Posen em 1775...............
....
Em 1818 intentou um processo contra um rico negociante chamado Arson, do qual reclamava a quantia de 200.000 francos, preço convencionado da iniciação d'este discipulo no conhecimento do *infinito* e do *absoluto*..............................
....
O tribunal julgou procedente a acção, e o publico ficou na duvida sobre qual das duas cousas era mais para admirar, se o descarado charlatanismo do sabio mystificador, se a credula simplicidade do patau.

Wronsky não deixou todavia de continuar com as suas publicações mystico-scientificas; mas a sua Introducção ao Sphinge (Paris, 1818) e o novo systema religioso, philosophico e politico que expoz no *Messianismo* (Paris 1831—1840) foram mal recebidos.

Morreu em agosto de 1853, em Neuilly perto de Paris, depois de se ter mostrado um dos mais decididos adversarios dos caminhos de ferro.

(*Dictionnaire de la conversation*, Wronsky).

---

(7)

Este deploravel acontecimento teve logar em 11 de março de 1872; o desditoso estudante chamava-se Augusto Marques Galhano. Veja-se o *Conimbricense* do dia 12 do mesmo mez e anno.

---

(8)

O Sr. Dr. José Joaquim Pereira Falcão era quar-

tanista de mathematica no anno lectivo de 1862 a 1863 e ficou reprovado no seu exame para o grau de bacharel. Repetiu o curso no anno seguinte e seguiu por diante.

---

(9)

No anno lectivo de 1865 a 1866 as duas sociedades recreativas *Academia Dramatica* e *Club Academico* fizeram fusão, compondo uma só com a denominação de *Nova Academia Dramatica*. O Sr. Dr. Falcão foi um dos directores.

---

(10)

N'esse mesmo anno lectivo, já na ultima épocha, por occasião das eleições da direcção e conselho fiscal da sociedade Philantropico-Academica, havendo dois partidos, e chegando a ser grandes as animosidades e paixões de cada um, houve entre os estudantes de uma e de outra facção o argumento muito convincente de pancadaria e sôcco, coisa que já não era nova em Portugal nas eleições de camaras municipaes, deputados, etc.

---

(11)

O Sr. Joaquim Pereira Pimenta de Castro, hoje capitão de engenheiros, frequentou o quinto anno mathematico no anno lectivo de 1866 a 1867.

Tendo levado acintosamente um R no seu acto de formatura, deitado pelo Sr. Dr. Florencio Mago Barreto Feyo, no dia seguinte esperou na rua do Norte o mesmo examinador, e fez justiça *pelas*

suas mãos n'este lente e no collega que o acompanhava, o Sr. Dr. Francisco Pereira de Torres Coelho.

---

(12)

Pela jubilação do Dr. Thomaz d'Aquino de Carvalho succedeu-lhe na cadeira de mechanica celeste o Dr. Jacome Luiz Sarmento, e pelo fallecimento d'este lente, em 1874, succedeu-lhe o Sr. Dr. José Joaquim Pereira Falcão.

---

(13)

O titulo da obra era: *A communa de Paris e o governo de Versailles*. Sahiu dos prelos da Universidade em 1871. Mais tarde, em maio de 1873, no n.º 2 do *Piparote*, appareceu entre outra uma caricatura que representa o auctor do folheto petroleiro tractando negociações com um commerciante de petroleo.

CANTO OITAVO

JANTAR NO 1.º SATELLITE DE JUPITER, E VIAGEM AO GRANDE PLANETA

I

N'estes e outros assumptos de conversa
O tempo de caminho aproveitando,
Á habitação chegamos do bom Dante.
Ere uma linda casa, situada
No alto de uma collina ; a um lado tinha
Um pequeno jardim, porém bonito,
Com fontes e repucho, e estatuas bellas
De jaspe ou de alabastro. Vi de Homero
O venerando busto, e o de Virgilio
Em frente lhe fazia symetria;
De Herodoto e Justino, de Plutarcho
E de Cornelio Nepos egualmente
Honrada era a memoria. O bom Thucydides,
Que n'um 'stylo tão lindo um feio quadro
(Peste d'Athenas) descrever-nos soube,
Tinha tambem seu busto ao lado de outro,
O de João Boccacio, que não menos
Foi distincto estylista, quanto pinta
Aos olhos do leitor a epidemia
Que Florença assolou no tempo d'elle.
Alguns caramanchões, de trepadeiras
Forrados e de flores odoriferas,
Um lago pequenino, mas gracioso,
Havia no jardim, que terminava

N'um mirante que dava sobre o valle.
Aqui já preparada estava a mesa,
Coberta de iguarias e de fructas
E de vinhos tão bons como os melhores
Do Porto, de Bordeus e da Madeira;
De frondosos loureiros grata sombra
Se projectava já sobre o mirante,
E, sem do sol os raios importunos
Receber, os convivas nos sentamos
Áquella bem servida e lauta mesa.
Além dos quatro amigos que fizeram
A fineza de vir ao nosso encontro,
Mais 'stava o bom Correia (1), que já fôra
De Braga no Lyceu meu sabio mestre
Da lingua de Demosthenes e Homero;
Anna Dacier (2) se achava ao lado d'este
Professor portuguez; cumprimentou-me
Com muito agrado e estima, immenso gosto
Mostrando ter de ver-me em tal banquete.
Outra sabia tambem, outra hellenista,
Notavel pelo amor á mathematica,
Co' os dois recem-chegados completava
O quadrado de tres; era a Condessa
Agnesi (3), a nobre dama italiana
Que, entre outros, publicára alguns trabalhos
Em calculo integral, notavelmente
Sobre a separação das variaveis
Hypotheses diversas discutindo
Com muita proficiencia. Esta surpreza
Me tinha preparado o amigo Dante.

II

Animada corria e muito elegre
A conversa, entre copos e manjares,
E sobre tudo aquellas duas damas,
Distinctas hellenistas, com int'resse
Gostavam de saber qual 'studo e estima

Em Portugal têm hoje as linguas classicas.
De Homero a apaixonada traductora,
A notavel Dacier, me interrogára
N'este ponto do nosso ensino publico;
Eu fallei a verdade, e assim lhes disse:
  Dôr ineffavel mandas que renove (4),
Ordenando que eu conte o lamentavel
Estado a que chegou na secundaria
Instrucção o serviço. Inda eu tivera
De latim dez lições cada semana,
E andei mais de tres annos nos trabalhos
Do estudo de latim; mas algum tanto
De Ovidio e de Virgilio entendo a lingua,
E as notaveis bellezas aprecio.
Hoje a coisa é diversa: a homeopathia
Os lyceus invadiu na lusa terra,
E tres lições ou quatro por semana
(E até duas!) se julgam sufficientes
P'ra os jovens estudantes aprenderem,
Com tres annos ou quatro só de estudo,
A traduzir Horacio e entender Livio!
  Ora esta não é só toda a desgraça
Que os lyceus arruinou, e dentro em breve
Os ha de aniquilar completamente,
Não ficando um alumno em todos elles.
Estão tão divididas, retalhadas
Pelos annos diversos as materias
Da instrucção secundaria, e juntamente
Tantas coisas a um tempo aprender devem
No ensino official os estudantes,
Que cada um d'elles sae no fim do curso
Um tal *petrus in cunctis, ni'l in omnibus.*
  Mas tudo isto inda é pouco; a competencia
Já não é qualidade indispensavel
Para ser professor. Cadeiras vagam,
E por um modo celebre, *sui generis,*
Cuida o governo agora de provel-as.
Ou transfere a capricho, ou inda á sorte,
Um professor para ir reger cadeira
Que ficou vaga, embora ella não seja

Aquella em que o tal mestre é competente;
Ou, na falta de um mestre transferivel,
Agarra no primeiro valdevinos
Que por meia ração (e desfalcada
Com dois mezes de ferias no ordenado!)
Se presta a tal serviço. O resultado
É termos nos lyceus já muitos mestres
A leccionar materias que não sabem;
Mas isso importa pouco, que o problema
É só fazer barato o ensino publico,
Custe embora aos rapazes (nos exames
Inevitavelmente reprovados)
Perder todo o seu tempo e algum dinheiro.
Assim cresce a ignorancia, e co' um sorriso
De ironia cruel nos diz a historia:
Os povos têm governos que merecem (5).

III

— E como vai, pergunta a illustre Agnesi,
O ensino lá por Coimbra de essa *analyse
Infinitesimal*, o mais valente
Instrumento de calculo empregado
Nas mais duras questões de mathematica? —
Está no anno segundo collocada
A cadeira em que é lida esta materia
(Eu respondi á sabia milaneza),
Mas o seu lente occupa-se bem pouco
Com a philosophia de tal calculo.
Inda hoje um tal Francoeur serve de texto
P'ra as lições dos 'studantes, mas nem essas
Sabe o lente explicar; o antigo abuso
O dispensa de tal, e só se importa
Que, chamando á licção qualquer discipulo,
Este baralhe bem *dê xis*, *dê ypsilon*,
E faça todo o calculo do livro
Embora a razão d'elle não entenda (6).
— Um homem de roupeta, o Zé Monteiro,

(Disse então o Anastacio) tal peccado
Original deixou na faculdade;
Só maraus escolhia e outros congeneres
O manhoso jesuita p'ra collegas.
Isso emenda não tem; e se hoje á Lysia
O Marquez de Pombal de novo fosse,
É muito de prever talvez que o proprio
Sabio reformador se arrependesse,
Vendo o que por lá vae, da obra sua. —

IV

Hospedes e amigos meus, o illustre Dante
Nos diz n'este momento, ao pé do lago,
Sobre mesas de marmore e entre flores,
'Stá servido o café; variar de sitio
Talvez que vos agrade. — É bem lembrado,
Dissemos, e o mirante abandonando,
Junto do lago fomos assentar-nos.
Em chavenas de louça, inda mais rica
Que a da China ou de Sevres, saboreamos
De Voltaire a bebida predilecta;
Veneno lento lhe chamava o sabio,
E tão lento, que em mais de annos oitenta
Não tinha conseguido envenenal-o.
Bons charutos de Havana e de Manilha
Havia á discripção, e entre conversas,
Cada qual mais chistosa, alegremente
Até ser quasi noite entretivemos
O restante da tarde. O bom Rufino
Anecdotas sabia engraçadissimas
De frades, de estudantes, de burguezes,
E de capitães mores; do cavaco
As honras lhe couberam com certeza
N'aquella reunião. Entre outras muitas,
Do padre José Pedro, um dos famosos
E engraçados trocistas que tem tido

A lusa academia, uma partida,
Que aos seus proprios collegas pregar soube,
O doutor nos contou, e é a seguinte:

V

Annos ha já bastantes, quando ainda
De azeite á luz, de lata em candieiros,
De Coimbra os academicos 'studavam
Em casa recolhidos, obediencia
Prestando á *cabra*, que tocára ás *tristes* (7);
Quando, abraçado tendo o pae e os manos,
Com as bençãos paternas se partia
O futuro doutor, escarranchado
No lombo de um cavallo ou de um jerico,
Para a Universidade, e uns bons tres dias,
Ou mais, gastava ás vezes um mancebo
Para chegar maçado á Lusa Athenas,
O seu nome escrever no livro *in folio* (8),
E regressar sómente no fim do anno,
Depois de feitos todos seus exames;
Quando a capa e batina mais rasgada,
Remendada ou sebenta, o signal era
De ser vet'rano o dono que a vestia:
N'esses tempos antigos, de que as rimas
De Francisco Malhão e a macarronea
Do metrico palito alguma ideia
Ao leitor archeologo dar podem,
Brilhou na boa Coimbra um academico
Pelas suas partidas engraçadas,
E logros, travessuras que pregava
Dos verdeaes á celebre policia.
Era o padre Zé Pedro. Este patusco
Tornou-se o Cabrion d'aquella gente,
(Meirinho e a ronda sua); encontradisso
Ás vezes se fazia p'ra avisal-a
De que ia p'ra sua casa, e bem depressa
N'uma esquina se esbarra com tal sucia

P'ra dar-lhe egual aviso. Em certa noite
Fez um sarilho armar no andar segundo
Da casa de um amigo, e tinha a postos
Seus habeis ajudantes; té á rua
As cordas vinham ter, pequena prancha
Sustendo de madeira. O arrelioso,
Folgazão estudande uns lençoes cose,
E uma tunica branca assim arranja
Par'cendo um dominó; co' ella se veste,
E de pé sobre a prancha vem postar-se,
'Sperando a dos verdeaes nocturna ronda.
Esta faz alto ao ver o branco vulto,
E quem vem lá pergunta; então Zé Pedro
Uma alma do outro mundo lhe responde.
Quem é? Basta de graças, torna o chefe
Da policia academica, e de novo
Ouve a resposta: *uma alma do outro mundo.*
Cheios de medo ficam quasi todos,
Mas um dos verdeaes mais animoso
Avança contra o vulto; este o segura,
E sem demora gyra o tal sarilho,
Guindando aquelle par. A pouca altura
Subidos já, Zé Pedro cair deixa
O policia infeliz, que já gritava
A bom gritar, cuidando que levado
Era pelo diabo, ou pouco menos.
O meirinho fugiu, fugiram todos
Os outros verdeaes, e o destemido
Não corre tão veloz como os collegas,
Por que as dores da quéda o não deixavam.
O padre José Pedro e os companheiros
Se riam a bom rir da travessura.

VI

Um dia nos geraes, antes da entrada
P'ra as aulas, o bom padre aos condiscipulos
E outros amigos seus teve a lembrança

De um logro lhes pregar. Muito em segredo
Falla a um d'elles e diz-lhe: hoje p'ra a ceia
Eu tenho uma perdiz, que me mandara
Um amigo do campo. Se quizeres
Fazer-me companhia, chegar pode
Inda assim para dois, porem não digas
De isto nada a ninguem; bem vês que ha p'rigo
De virem visitar-me á hora da ceia.
Seria um contratempo ver crescido
O divisor sem ter o dividendo
Crescido em proproção. — Ora está claro
Que o tal amigo acceita e bom segredo
Lhe promette guardar, que o p'rigo é d'ambos
Se apparece um terceiro por conviva.
Mas o maganão padre, disfarçando
Por algum tempo, avisa outro patusco
Com as mesmas cautellas e segredo;
E proseguindo assim, foi convidando
Mais de vinte estudantes para a ceia
Sem saber uns dos outros, e as nove horas
P'ra comer a perdiz marcadas foram.
  Mal soaram as oito no relogio
Das escolas geraes na velha torre,
E na casa do padre entra um 'studante
Dos muitos convidados. —'Stas em casa,
Zé Pedro? — Entra, fulano, este responde,
E no cavaco ou bisca principiam
A fazer horas, esperando as nove.
Mas logo vem segundo. — Ó José Pedro,
Posso entrar? — Entra amigo. — Um contratempo
Já parece ao primeiro visitante.
Depois vem um terceiro, um quarto chega,
E dentro em breve a casa estava cheia.
Mas as nove horas soam, e os convivas
Sem saber uns dos outros, entendendo
Ser casual aquelle encontro, esperam
Cada um que os outros todos se retirem.
Mas qual historia! o tempo ia correndo,
E nenhum em sair era o primeiro,
Evitando d'ast'arte o haver segundo.

Alguem que era mais 'sperto, em confidencia
Chama um amigo e diz-lhe: — eu cear devo
Co'o padre José Pedro, mas preciso
Que as visitas nos deixem; vê se podes
Fazer que elles te sigam. — Essa agora,
O amigo lhe responde, é mais galante;
Eu tambem convidado fui p'ra a ceia! —
Espera, o outro lhe torna, isto partida
Me parece do padre, e sem resposta
Não devemos deixar; vai entretel-o,
Que eu cuido da desforra. — Em quanto o padre
É detido em conversa por uns poucos,
N'um accordo vem todos os logrados
E, procurando bem, 'scondido encontram
Um soberbo presunto. A presa toma
Um d'elles, sob a capa bem a occulta,
E, fazendo amigaveis despedidas,
Sem ceia partem todos.

VII

O Zé Pedro,
Que os viu tão satisfeitos pôr-se ao fresco,
Tem por certo que alguma lhe pregaram;
E procurando logo, a falta encontra
Do escondido presunto. Sem demora
Toma a capa, e a esperal-os n'uma esquina
Disfarçado correu. Ora pesava
O furtado pernil, nem os rapazes
Acostumados 'stavam a transportes
De coisas tão pesadas; e por isso,
P'ra dar folga e descanço, andava a peça
De mão em mão no rancho dos 'studantes.
Escura estava a noite, e quando passa
A turba juvenil co'a presa sua
Ao pé da tal esquina onde embuscado
Estave o padre Zé, este se mette
No grupo e a descobrir não tarda o sucio,

Que levava o tal furto saboroso.
— Agora levo-o eu, — com voz sumida
Diz o padre, e de novo rehavendo
A carne de fumeiro, na mais proxima
Esquina se esgueirou. Correu p'ra casa
E foi guardar melhor pernil tão celebre. —

VIII

Assim fallou Rufino, e seguimento
Lhe fez Thomaz d'Aquino n'este termos:
— Do Padre José Pedro essa partida
Fez-me lembrar uma outra inda mais bella,
Mas pouco caridosa, que pregára
No principio da ponte a uns pobres cegos.
'Stavam os infelizes, sem ter moços
E inda menos rebeca, aos transeuntes
Pedindo esmola, e o padre José Pedro
Que saira a passeio, acompanhado
De tres ou quatro amigos, disse a estes:
— Qual de vós paga o vinho e as assadinhas
Castanhas, se eu brigar fizer os cegos? —
Eu, disse um, mas depois de vel-os ambos
A jogar bordoada. — O pacto acceito,
Torna o padre, e deixai por minha conta
Este negocio. — Então chega o magano
Á ponte, ao pé dos cegos, e diz alto:
— Aqui tem, pobre irmão; de este pataco
Dê de troco um vintem ao outro cego. —
Fallou, mas não deu nada; os dois ceguinhos
Enganados ficaram. — Dá-me, disse
Um dos cegos, irmão, a minha parte
Da esmola que deixára aquelle nosso
Bondoso bemfeitor.

2.º Cego

É bem lembrado
Esse pedido teu! D'elle recebes

A esmola de nós ambos, e devendo
Comigo repartir, inda mais queres!
Deixa-te de brinquedos, é já tempo
De o quinhão que me toca me entregares.

1.º Cego

Essa é que é nova! Graças não te admitto;
Quero já meu vintem, prompto me o entrega.

2.º Cego

Isso mais de vagar; eu não gracejo,
Não recebi a esmola e tu me a deves.

1.º Cego

Ah teimas? furtar queres? Ou me entrega
O vintem que me toca, ou meu cerquinho
O troco te vae dar que tu me pedes.

2.º Cego

Pois elle é isso? Espera.

E sem demora
Dão pancada de cego os pobres cegos,
Julgando cada qual que era roubado
Pelo collega seu. Áquella rixa,
Que estava divertindo os brejeirolas,
Disse inda o maganão do José Pedro
Que ia pôr termo. Estavam animados,
Com vontade cada um de matar o outro,
Mas chega o padre e diz com modo afflicto:
— Não, de faca, isso não. — Esta advertencia
Foi n'aquella fervura deitar agua;
Cada cego julgou que vinha armado
O outro de um facalhão de palmo e meio,
E tratou de evitar o seu contrario.

IX

— Eu tambem sei um conto engraçadissimo
Para contar (exclamo promptamente);
Agora me lembrou, por haver n'elle
Um engano par'cido co' o dos cegos,
E que uma tal Flammeta e um moço (Grego
Era chamado) bem pregar souberam
A uns principes lombardos...—Basta, basta,
Allighieri nos diz, meu forasteiro;
O tempo não nos chega para historias
Aqui ficar contando. São bonitas,
Por certo, as anecdotas, mas é tempo
De ir para o continente, isto é, p'ra Jupiter,
Se aqui ficar não queres; isto é campo,
E não tem mais que ver. A tarde é pouca,
E melhor me parece que já vamos
Para o grande planeta; a minha casa
'Stá sempre ás ordens tuas, mas desejo
Que assistas á sessão de um instituto,
Que para o dia de hoje está marcada,
E ha de ser ás nove horas de esta noite.
Vamos lá?—Quando queiras, lhe respondo.—
—Agora mesmo. Olá, venha a falua—
Diz Dante, e um lindo barco chegar vejo
Sem remos e sem velas. Sob a quilha
Achei porém uma helice engenhosa,
A qual relação tinha co' um teclado
Collocado a bombordo ao pé da pôpa.
Não percebi qual fosse o machinismo,
E até pouco cuidado isso me dava,
Por já 'star costumado ás maravilhas
Das viações no espaço planetario;
Mas sei que entramos todos para dentro,
Uns a bombordo, os outros a estibordo
Nos assentamos bem, e o sabio Dante,
Co' a mão esquerda o leme governando,
Tocava no teclado co' a direita.

X

Ha por cá muita gente que não cessa
De louvar a viação feita em comboyos
Sobre os ferreos carris. Tal geringonça,
Excepto quando pára, dos viajantes
Atormenta os ouvidos com seus guinchos,
E mais *tum-tum, tum-tum* todo o caminho
Indo sempre a fazer. Talvez que Wronsky,
Esse homem que inventou funcções alephas
E outros charlatanismos, regeitasse
Por tal motivo a marcha accelerada;
Se por isto não foi, razão não acho
Para que o tal polaco preferisse
Ao commodo wagon o passo do asno
Ou da manhosa mula. Mas a gente
Que tem tino na bola ama o progresso,
E as vozes do tal Wronsky não chegaram
Ao ceu seguramente, e só quejandos
Pataratas como elle rendem culto
Ás formulas bastardas, cabalisticas,
Falsa moeda que ninguem já acceita.
Mas, voltando a fallar das vias ferreas,
Todo o bom progressista as louva e admira;
E até não sei porque nas duas Beiras,
Feitos tantos estudos, tantas coisas,
Inda não principiam os trabalhos
Da construcção. Já tempo e mais que tempo
Era de começar tal beneficio
Que os beirões bem merecem, e as riquezas
Agricolas da terra p'ra o transporte
Dos productos reclamam altamente.
Ora esta gente assim que não diria,
Admirada, se visse o lindo bote
Do poeta florentino percorrendo,
Sem o menor abalo, o longo espaço
Entre Jove e o primeiro seu satellite?!
Mas isto inda era o menos; lindas arias,

De um timbre quasi de harpa, executadas
Eram sobre o teclado, ao mesmo tempo
Que da helice o gyrar impulso dava
A tão lindo batel. Veloz ou lento
Caminhava este barco com a musica
Em allegro ou andante, que o piloto
Tocava no teclado e regulava
Com registos, quaes de orgão ou de harmonium.
  Assim fomos andando, e quasi á noite
Em Jupiter fundeamos n'um terraço
Juncto do palacete do distincto
Poeta de Florença, e que era agora
Um piloto instruido, sem chronometro
Precisar ter e nautico almanach,
Nem uso ser preciso que fizesse
Do oitante p'ra tomar do sol a altura.

Fim do canto oitavo.

NOTAS

AO

CANTO OITAVO

(1)

João Maria d'Araujo Correia, bacharel formado em direito, foi professor de grego no lyceu de Braga. Falleceu no anno lectivo de 1862 a 1863.

(2)

Anna Lefèvre Dacier, filha de Tanneguy Lefèvre, nasceu em Saumur em 1651, e falleceu em Paris em 1720. Ás virtudes de familia, extremosa filha, boa esposa, e terna mãi, juntava as qualidades de distincta philologa e critica, acompanhadas de muita modestia.

Ella, e ainda seu marido, contribuiram poderosamente em França para sustentar o gosto pelos estudos classicos.

Anna Dacier foi traductora incançalvel de varios auctores latinos e gregos; as suas traducções da Iliada

e de Odyssea são contadas entre as melhôres que a lingua franceza possue de estes dois poemas monumentaes.

---

(3)

Maria Caetana Agnesi, sabia italiana, nasceu em Milão em 1718, e falleceu em 1799. Tornou-se celebre por seu prodigioso e prematuro engenho no estudo das linguas e sciencias.

Era filha de D. Pedro di Agnesi, lente da Universidade de Bolonha. Não só foi profunda no conhecimento das linguas classicas (a latina e grega) as quaes fallava com a maior facilidade, mas, alem d'estas, estudou com muito ardor a franceza, hespanhola e allemã, a geometria e a philosophia.

Em casa de seu pai se congregava uma assembleia de sabios e litteratos, entre os quaes a filha, rica de belleza e de talentos, dirigia a conversação, expondo e defendendo as suas ideias em philosophia, as quaes em parte foram publicadas por seu pai no livro *Propositiones philosophicæ*, Milão 1734.

Desde a idade de vinte annos entregou-se com mais particular ardor ao estado da mathematica. Escreveu uma dissertação sobre as *secções comicas*, a qual não chegou a ser impressa, e publicou *Instituzioni analitiche*, 2 vol., Milão 1748. Esta obra foi traduzida em francez por Antelmey sob o titulo *Traité elementaire de calcul differentiel e integral*, com notas de Bossut, Paris 1775.

Estudando no livro *Opere del conte Jacopo Riccati* (Lucca 1771) os trabalhos dos analystas do seculo passado sobre a famosa equação

$$ax^m\,dx + cy^2\,x^n\,dx = dy \ldots\ldots\ldots (a),$$

proposta por aquelle mathematico italiano aos geo-

metras do seu tempo, tivemos occasião de conhecer, a proposito de uma hypothese engenhosa para a separação das variaveis n'uma equação differencial, o merecimento da illustre Condessa Agnesi.

Os maiores geometras do seu tempo se occuparam com aquelle problema proposto, isto é, determinar os infinitos valores de m, com os quaes as variaveis se tornam separaveis na equação (a), ou os de n n'esta mais simples a que aquelle se póde reduzir

$$du + Au^2\, dx = Bx^n\, dx.$$

A illustrada Agnesi inseriu nas suas *instituições analyticas* a solução achada pelo abbade Suzzi; e na citada obra de Riccati se encontram as soluções obtidas pelo mesmo Riccati, por Nicolau e por Daniel Bernoulli, e bem assim um trabalho do abbade Suzzi a proposito do mesmo celebre problema.

---

(4)

Infandum, regina, jubes renovare dolorem.

VIRG. EN. CANTO 2.º

---

(5)

No *Primeiro de Janeiro* de 10 de outubro de 1875 lê-se no artigo de fundo, entre outros topicos, os seguintes, que, com a devida venia, transcrevemos.

...Nenhum (ramo de serviço) ha, todavia, que offereça mais lastimoso aspecto do que o serviço da intrucção publica.

....

....

De anno para anno diminue a frequencia nos ly-

ceus. Alguns ha em que as matriculas estão reduzidas a menos da sexta parte do que eram ha seis annos.

....

....

Em 1869, e por lei de 2 de setembro foi determinado que não se fizessem despachos de professores de instrucção secundaria, em quanto não se levasse a effeito uma reforma geral da instrucção publica. A providencia era acertada. Mas, como de sua propria natureza decorre, esta providencia era meramente transitoria, e subordinada ao pensamento da breve apresentação da reforma geral, a que se referia.

....

....

Ninguem diria, que depois de cinco annos de gerencia limpa de difficuldades internas e externas, as coisas ainda subsistiriam no mesmo pé de 1869, convertendo-se em definitiva aquella medida de caracter meramente provisorio. Pois assim succede.

....

....

A situação creada por esta inercia não póde ser mais critica. A morte e os annos é que não esperam. De 1869 até hoje tem havido grande movimento no corpo do professorado, e forçoso é acudir ás falhas. O systema vigente é curioso. Vaga uma cadeira de mathematica? vae-se buscar para a reger um professor de latim. Não se pense que isto é hypothese de nossa invenção. Ahi vão alguns factos do nosso conhecimento:—no lyceu da Guarda a cadeira de mathematica está confiada a um bacharel em leis e o professor de latim, que não tem nenhum curso de sciencias naturaes, rege a cadeira de introducção; em Vianna um professor de latim foi obrigado a ensinar geographia; em Beja o professor de francez era tambem professor de mathematica; e em todos os mais lyceus succede o mesmo.

Ha outra variante que é ainda melhor. A transferencia de professores de umas para outras cadeiras e o expediente das accumulações, tão fatal para o ensino, não suppre a todas as faltas do pessoal. Inventou-se, por isso, o systema dos professores provisorios. Vaga uma cadeira de mathematica ; se não ha um professor de latim para lhe confiar a regencia da cadeira, dá-se este encargo ao primeiro valdevinos, que pode fazer-se recommendar para esse mister. Dispensa-se concurso, prova de habilitações e tudo emfim que possa ser garantia de capacidade.

....

....

E fica o mestre feito. D'estes ha já algumas duzias espalhadas pelos differentes lyceus.

Ora é bem de ver, que com professores provisorios, a instrucção não pode deixar de ser provisoria, e provisorio o aproveitamento dos alumnos. Por isso na epocha dos exames os filhos dos lyceus são disimados por uma mortandade horrorosa.

Os chefes de familia comprehenderam já a situação, e as aulas publicas vão ficando desertas.

....

....

A instrucção publica vae-se pela agua abaixo, mas as inscripções conservam-se a 50. O paiz applaude, bem diz uma actividade que deixa agonisar a instrucção publica e faz subir enormemente a divida fluctuante, e a historia sorri com cruel ironia, atirando-nos á cara com esta sentença :

Os povos têm o governo que merecem.

---

(6)

Entre outras provas de incompetencia, ou de ignorancia, o Sr. Dr. Raymundo Venancio Rodrigues, lente da 2.ª cadeira de mathematica em

Coimbra, exhibiu as seguintes, como arguente n'um acto publico em 11 de Janeiro de 1875:

1.ª

Confunde *analyse infinitesimal* (expressão synonima de *calculo differencial e integral*) com o *methodo infinitesimal* (!)

2.ª

Não acceita a definição de infinitamente pequeno — *uma quantidade variavel que tem por limite zero,* (Devia ao menos ter lido os opusculos respectivos de Carnot e de Freycinet).

3.ª

Não conhece (e emenda!) a classificação de funcções em *funcções concretas* e *funcções analyticas.* (Se tivesse lido o liv. 2.º do calculo de Duhamel, ou a licção 4.ª do curso de philosophia positiva de A. Comte, não revelaria n'um acto publico tão supina ignorancia).

4.ª

Confundindo funcções similhantes com curvas similhantes, define aquellas: as que têm a mesma composição analytica *e os parametros proporcionaes (!)*

---

(7)

O toque de uma sineta *(a cabra)*, o qual costuma ser ás seis horas de tarde desde outubro até á Paschoa, e ás septe de ahi até ao fim do anno lectivo, é signal de que o dia seguinte é dia de aula.

Na epocha a que se refere o episodio do texto

era este toque denominado *das tristes* (entende-se horas), e os estudantes eram obrigados a recolher-se ás suas casas para estudar; a ronda dos verdeaes prendia os transgressores. Ás dez horas da noite, ou onze conforme a estação, havia outro toque, o das *alegres*, o qual punha fim á *ração* de tempo de estudo. Coisas de Coimbra, ou *de rebus Universitatis*.

Hoje ha ainda o primeiro d'aquelles avisos, mas já não conserva a antiga denominação. A sineta cabra é que ainda não perdeu a sua.

---

(8)

O livro da matricula.

CANTO NONO

SESSÃO NO INSTITUTO, E SARAU MUSICAL NO ESPHEROIDE DE JUPITER.

I

N'uma espaçosa sala quadrilonga
Achavam-se reunidos muitos sabios,
Os socios do instituto; as horas nove
Eram quasi da noite, e discutida
Por inscriptos, diversos oradores
N'essa sessão devia ser a these:
Qual das diversas fórmas de governo
A melhor vem a ser? Em companhia
Eu partira do bom Thomaz d'Aquino
Para assistir dos sabios ao congresso;
Mas pedi ao doutor, que par do reino
Já fôra em Portugal, me conservasse
Qualidade de incognito, e entre os muitos
Ouvintes assistentes nós ficassemos.
— Fazes bem, me disse elle; isto massada
Vem a ser quasi sempre, e bem podemos
A formiga sair, quando entenderes
Que basta de aturar dos palradores
'Stupadas e discursos. — Fomos logo
Algum banco tomar d'onde podessemos
Ouvir bem claramente o arrasoado
Dos oradores, e sem grande custo
Nos safarmos tambem sem ser notados.

II

No meio de um dos lados mais pequenos
De aquelle quadrilongo o presidente
Tomára o seu logar n'uma cadeira
Mais alta do que as outras, e par'cida
Co' um pulpito ou tribuna ; os demais socios
De um lado e de outro estavam assentados
Em volta da tal sala, e um pouco acima
Do nivel da plateia que aos ouvintes
Era o logar marcado. Uns symphonistas
De instrumentos metalicos ao fundo
'Stavam do quadrilongo, e começava
Pelos seus bons serviços toda a festa.
  Depois de alguns compassos de fanfarra,
Duas duzias ou tres em *moderato*
Seriam quando muito, o sabio mestre
De ceremonias fez signal, e os musicos
Deixaram de soprar nos instrumentos.
A palavra dá logo o presidente
De aquelles sabios ao primeiro inscripto
E que tinha por nome Dom Morgado.
Com toda a gravidade e altas maneiras
Levanta-se o orador, e á presidencia,
Aos socios, á assembleia respeitavel
Tendo pedido venia, assim começa:

III

— Muito illustres e sabios academicos,
Respeitaveis senhores, se o primeiro
Eu sou para fallar sobre a materia
Dada p'ra ordem do dia, a attenção vossa
Espero não cançar, pois serei breve,
E o meu voto já digo em poucas phrases:
Não ha melhor governo e mais legitimo

Do que a pura, absoluta monarchia.
Não me quero servir de alguns sophimas,
De todos vós por certo conhecidos,
P'ra sustentar meu voto; sem rebuços
Vou, pão pão, quejo quejo, dizer tudo
O que entendo ser util, vantajoso
Ao bem da sociedede e monarchistas.
Assim como aos rebanhos fôram dados
Pastores, não somente p'ra guardal-os,
Mas tambem p'ra tosqueal-os e mugil-os,
Embora os animaes fiquem ao frio
E falta de alimento as crias soffram;
Do mesmo modo tem a arraia miuda
Por pastores os reis, os donatarios,
Os senhores feudaes, capitães mores,
Para do seu suor, duros trabalhos,
O proveito colher. E gema o povo,
Que só para gemer, servir os grandes,
Grangear-lhes sustento e divertil-os
É que elle foi creado. Ora está claro,
Postos estes principios, que a unica
Legal e justa forma de governo
É a pura monarchia. Viu-se nunca
Algum carneiro ou bode a dar sentenças
Ao pastor do rabanho? Por ventura
A conselho de estado, a parlamentos,
Convocara o bom Daphnis suas rezes?
Tal coisa não se lê do bom Theocrito
Nos mimosos idyllios; e por isso
Os rebanhos humanos devem sempre
Co' a sorte que lhes toca conformar-se.
P'ra bem da humanidade eu não descubro
Um governo melhor que a manarchia
Absoluta, sem peias; pode um principe
A um seu fiel valido dar prebendas,
Rendimentos enormes, com os dizimos
Do povo agricultor, com sinecuras
Lucrosas e de grande poderio,
E que de jure e herdade na familia
Do feliz cortezão ás vezes ficam.

Com a lei vincular condignas rendas
Os morgados magnates conservamos
Na nossa descendencia ; os primogenitos
Dos seus avós o brilho perpetuam,
E para sustentar filhos segundos
Temos os privilegios. Os cadetes,
Sem queimar as pestanas nos estudos
Para aprender as sciencias mathematicas,
A fortificação e inda outras cousas
De tactica e balistica, preterem
Na carreira das armas os mancebos
Que, embora saibam muito, devem sempre
Subalternos ficar da nossa gente.
E na magistratura tambem temos
Guardadas preferencias ; entram logo
Por juizes de fóra na carreira,
E seguem a correr Chegam de pressa
Do Paço ao desembargo, em quanto os outros,
Os da arraia miuda, marcam passo
Nos primeiros despachos ; são felizes,
Se ás relações chegarem na velhice.
De obter ricos maridos p'ra as cachopas
Meio facil nos dão os privilegios
Que temos, combinado co' a cegueira
Do basbaque Zé Povo ; um burguez rico
E infatuado tolo mil venturas
Em patricia alliança encontra sempre.
Eu, por estas razões, e indas outras muitas,
Voto sempre em favor do absolutismo.—

IV

Assim fallou Morgado e foi sentar-se
Para não cançar mais as pernas suas.
Então Barrete Phrygio, a quem tocava
Ser segundo a chilrar, com ligeireza
Se levanta e o discurso assim começa :
— Nobres e honrados socios, respeitavel,

Illustrada assembleia, eu principio
Por discordar da opinião do egregio,
Que ora acabais de ouvir, preopinante;
E para usar tambem de egual franqueza,
Sem ter papas na lingua, eu já declaro
Que nem acho melhor nem mais legitima
Careta de governo que a republica.
Esta é que é a melhor forma e mais perfeita
Para qualquer magano ou troca-tintas,
Sabendo bem fallar do povo ás turbas,
Se poder arranjar. Povo sois isto,
Aquillo sois tambem, mais esta cousa
Que dizer me esquecia, e inda outras muitas
As quaes nem vós, nem eu, nem ninguem sabe.
Só vós 'scolher podeis quem vos governe,
E se não andar bem, na rua o ponde
Para vir outro que peor vos sirva,
Vos dê mais vergalhada e mais vos roube.
Zé Povinho, que é tolo, as palmas bate,
E diz: — oh que grand' hom' aqui não temos!
Se assim houvessem sido os outros todos,
Melhor galo, por certo, nas cantara.
Leva arriba.—E prestigio entre o povinho
Arranja o tal falcão, que no poleiro
Do governo d'est'arte a pousar chega;
Depois é pontapé n'aquelles tolos
Que foram seus degraus, fazer cel'eiro
E pol-o em segurança, prevenindo
Do credulo povinho o desengano
E a temivel, mer'cida desaffronta.
Por tudo isto, e por muitas outras cousas.
Eu sou republicano até aos ossos.

V

O cidadão Barrete Phrygio, tendo
Seu notavel discurso concluido,
Assentou-se tambem. Empavonado

Eis se levanta um socio do instituto,
Que vestida trazia uma cazaca
De rubra côr com bordaduras de oiro.
Co' o bicudo chapeu, todo adornado
De brancas pennas e vistoso tope,
Movimentos fazendo desconformes,
Principia a fallar d'esta maneira:
  Illustres, sapientissimos senhores,
Do instituto ornamento e segurança,
Dos meus distinctos dois preopinantes
Discordo em muita cousa, e n'outras muitas
Por diversa maneira estou conforme.
  Como Barrete Phrygio, eu sou de voto
Que um 'spertalhorio bom trampolineiro
Deve, o povo enganando, aos móres cargos
Subir do estado, e rir-se e fazer figas
A Zé Povinho, em quem se baseara.
Mas não basta alcançar subido posto
Que se pode perder n'um cataclysmo,
Ou pelo menos morre co' o sujeito
Que n'elle se encaixou. Tambem preciso
Se torna um *fixador*; e a monarchia
Que é representativa nomeada
Por todos publicistas mais se presta
A apanhar e reter posições boas.
O caso é ter padrinho ou ser maroto,
E a carreira está aberta; é necessario
Á gente que governa (ou reis de facto
Nos dias de hoje) em scena ter coristas,
Quando no parlamento as obrigadas
Arias da governança cantar devem.
  P'ra servir os ministros sabes honra,
Deves calcar aos pés? Estás servido,
Mas sê capacho d'elles; por travessos
Has de ir tomar logar, que em direitura,
Isto é, pela justiça competia
A terceira pessoa, que expiatoria
Vem a victima a ser. De pavão queres
Co' as pennas, gralha misera, enfeitarte te?
De se alcançar não ha coisa mais facil,

Se dependentes tens, se teus caseiros.
Manda que votem no corista Beta,
Arranja oitenta, cem, duzentos votos,
E nobreza has de ter em pergaminho;
Mas para simples cruz de cavalleiro
Basta passar um attestado falso.
  Ás vezes acontece que os coristas
Afinados não cantam, ou são poucos
Para abafar as vozes discordantes;
O remedio é facillimo, um decreto
Dissolve o parlamento, e a casa voltam,
P'ra cuidar de outra vida, esse rebeldes
Ao diapasão, batuta dos ministros.
Depois o Zé Povinho optima escolha
Sabe fazer dos seus legisladores;
Que o digam os Cabraes, e muitos outros
Que, a succeder chegando nas taes pastas,
Sabem imitar bem seus dignos mestres.
P'ra que serve um cacete e os caceteiros?
Para que servem cabos, regedores,
Conselho de districto, e até de estado,
Tendo pão n'uma mão, chicote na outra?
Commissão districtal para que serve?
E Zé Povinho escolhe quem lhe manda
O seu amo e senhor; chama-se a isto
Dos direitos politicos livre uso,
E universal seguro o bom suffragio.
  Eu bem sei que um tropeço inda ha terrivel
Muitas vezes na camara dos proceres;
Mas o remedio custa muito menos.
Maioria não ha dos dignos pares
Para apoiar as leis do ministerio?
De quantos se precisa? vinte ou trinta?
P'ra segurança mettam-se quarenta
Novos pares *ad libitum* formados;
Do rei, que menos o é, a tanto chega
O poder pela Carta concedido,
E o caso está que elle ame os seus ministros.
E assim, dando-se bem o rei co' as peças
No jogo do xadrez, leva o parceiro,

Zé Povinho se entende, o *cheque-mate.*
   Por tão boas razões, por outras muitas,
A monarchia mixta eu amo e quero.

VI

O terceiro orador tinha acabado
O seu bello discurso, e ao quarto inscripto
A palavra foi dada. Eu, compr'endendo
Que aquillo era risota, patuscada,
E parodia da terra ás assembleias,
Menos na hypocrisia, ao meu collega
Disse: tenho entendido, e fico certo
Que são muito joviaes os habitantes
De este planeta *Jove*, e quando queiras
Podemos ir embora. Inda assim mesmo
Quem quizer divertir-se alguns instantes
Bem faz, vindo ás sessões d'este instituto;
O que temos em Coimbra nem p'ra tanto
Ao menos servir pode, e tem do estado
Imprensa e casa *gratis*! Eu fui socio;
Quando era quintanista me arrumaram
Com tal contribuição. Ao proponente
Ingrato não quiz ser, e o meu diploma
E algumas mensaes quotas fui pagando;
Mas soffrer privações para servil-o,
Por ser ingrata gente, achei asneira,
E ha muitos annos já puz-me a coberto.
— Vamos então p'ra casa (o par do reino,
Que fôra em Portugal, me diz com graça,
E saimos da sala do instituto);
Uma outra academia mais amena
Nos espera de Dante no palacio,
A estas horas por certo. Aquelle amigo
Preparado nos tem sarau artistico,
Vocal e instrumental: bellos quartetos
Has de gostar de ouvir e algumas arias,
Ao tempo emprego dando inda mais util

Do que em danças e jogos. Porem dize-me:
Que trabalhos têm lá n'esse instituto
De Coimbra os meus collegas publicado?—
Coisa pouca, lhe digo, e inda essa mesma
É devida aos rapazes. Quando alcançam
A collação n'aquelles beneficios,
Talvez seja contagio, mas é certo
Que a maior parte vae jurar bandeiras
No grande batalhão de Sancta Cabula.

VII

Co' esta conversa assim o tempo enchemos,
Atravessando uma espaçosa praça,
E ao palacio chegamos de Allighieri,
Que já se achava prompto e illuminado
Para aquella nocturna e linda festa.
  Já 'stavam lá reunidas muitas damas,
Cantoras distinctissimas, e muitos
Notaveis professores da mais bella
Das artes. N'essa noite ouvi quartetos
De gostoso primor, executados
Com toda a maestria; os concertistas
Eram perfeitos mestres, e da festa
Grande parte das honras lhes competem.
  Mas das diversas peças, que ali foram
Tocadas ou cantadas, a mais linda
E que até foi bisada por pedido
De toda aquella gente, achei da amavel
Agnesi Maria T'reza uma cantata (1).
Muito brilhante a musica, e era e lettra
Sobre assumpto da historia portugueza
Dos nossos dias inda; intitulava-se
A Maria da Fonte a tal poesia.
Em um dos intervallos, quando toda
Aquella boa gente descançava
De tocar ou cantar, e co' os sandwichs
E copos do bom vinho, que das fontes

D' aquelle bom paiz brota espontaneo,
Se entretinham tambem, fui ler os versos
Que acabara de ouvir postos em musica.
Se estou bem recordado, era a seguinte
A cantata da bella T'reza Agnesi:

VIII

MARIA DA FONTE

Cantata

'Stá no poder a gente cabralina
De Lysia por desgraça e desventura,
E Portugal atura
D'aquelle ministerio as crueldades.
São vexados os povos; sobre tudo
É o funccionalismo quem mais soffre
Co' os desatinos dos ministros barbaros.
Nova chronologia
Sabiam os Cabraes, dos empregados
Na conta do serviço.
O mezes eram sempre de mais dias
Do que os do calendario,
Mas só paga de trinta um funccionario
Usava receber,
E o restante forçoso era perder
Com pasmosos atrasos,
Ou até suppressões crueis, despoticas.
Tão pouco eram felizes os restantes
Cidadãos do paiz; as tranquibernias
Traziam descontente
No reino toda a gente.
Os ministros diziam-se cartistas,
Mas respeitavam tanto essa tal carta
Coma um judeu adora a Jesus Christo.
P'ra arranjar maioria
Na camara electiva, e assim mais tempo

Continuar no poder, não sophismada,
Mas aos pés esmagada
Era essa carta, carta de alforria.
Tal era a tyrannia,
Que qualquer empregado que votasse
Contra o senhor governo,
Suspenso, demittido,
Ou pelo menos era transferido!
Havia outra variante de egual peso
Para os mais cidadãos, que não serviam
Da nação os empregos;
Nas baionetas 'stava, e nos cacetes
De comprados sicarios, a segura
Vingança contra algum desobediente.
Mas tudo tem seu termo;
A devida reacção, que já tardava
Chegou por fim, e Portugal desperta
Inda com vida, e nobre, destemido,
Bellicoso furor contra o valido.

No Minho surge rapida,
Da independencia ao brado,
De um povo nobre e honrado
Justa revolução;
E logo o abalo estende-se,
Lavra por toda a parte,
Arvora-se o estandarte
Da lucta e salvação.

A sancta voz *a patria se liberte*
Do jugo do valido, os bons minhotos
Em valentes guerrilhas se organisam.
Sabem mostrar-se fortes, corajosos;
Mas entre tão famosos
E notaveis guerreiros se distingue
Uma animosa e varonil serrana;
É Maria da Fonte. Qual donzella
D' Orleans, ou qual itala Odabella,
Procura as marcias lides;
Com pistollas á cinta e uma bandeira,

Anda em cada fileira
As populares forças animando,
Os homens ao combate estimulando.
Soam gritos de guerra
Por toda a parte, desde o Minho ao Tejo,
E desde o Tejo ao Sado, ao Guadiana;
A varonil Maria a voz levanta,
E o seu hymno guerreiro aos bravos canta (2);

Eia, ávante, ó portuguezes
Pala sancta liberdade
É fatal necessidade
Hoje ás armas recorrer;
A incerteza da victoria
Almas nobres não assusta,
A nós cumpre em causa justa
Triumphar ou perecer.

Já da guerra civil muitos revezes
Soffrido têm as tropas da Rainha,
Que não quer demittir o ministerio,
E mais augmenta dos Cabraes o p'rigo,
Mas não só d'estes; arrastar comsigo
Na queda poderiam
Os teimosos ministros a Sob'rana.
Valeu-lhes a artimanha
E a lettra dos tractados; foi Mac-Donnell
Alliciado *ad hoc*, e de insurgentes
Guerrilhas miguelinas o commando,
Como seu general, assumir veio.
Esta giria, este meio
Astucioso serviu, foi bom pretexto
Para uma intervenção; Concha valente
Entra em Lysia com forças hespanholas.
Aguerridas e muitas. Mas invicto
O principio ficou, licção da historia
Avisando os reinantes que é p'rigoso
Ser, servindo os ministros, faccioso.

Um ministro, embora austero,

Que ao monarcha mostra o p'rigo,
E' do rei sincero amigo,
Sabe a patria bem servir.
Quando em ondas da revolta
A nação 'stá perturbada,
Por validos arrastada
Pode a c'roa até cair.

IX

Terminara o concerto, e já da noite
A mór parte correra; os bons amigos
Do meu mestre e hospedeiro se ausentaram
Para irem repousar. Igual descanço
Tomamos nós tambem, que era já tempo.
Inda alguns dias mais nos conservamos
Na cidade em visitas e passeios,
Em banquetes, saraus e conferencias
Sobre coisas de sciencia e litt'ratura.
Lá fallei com Navier sobre mechanica
E cálculo tambem; era bom mestre
E foi bem collocado em tal planeta.
Com mais sabios notaveis a honra tive
De tomar relações; mas perguntando
Pelo grande Laplace, pois queria
Deixar-lhe o meu bilhete de visita,
Poinsot me respondeu: —De visital-o
Occasião não pode ser agora,
Pois que não 'stá na terra. Anda por longe;
Montado na funcção perturbadora,
Foi concertar o plano invariavel
Que co' o tempo se tem desarranjado.
Na juncta consultiva das celestes
Obras, em conferencia e por proposta
De mim, de Leverrier e de outro membro,
Que era o Pontecoulant, foi resolvido
Mandar fazer aquellas composturas. —
Bem 'stá, disse eu, mas coisa é p'ra mim nova;

Não que o seu plano maximo das areas
Durasse muito tempo sem concerto,
Por não ter attendido aos movimentos
De rotação dos astros, dos satellites,
Á translacção solar e inda outras cousas,
Mas admiro que sem binarios fosse,
E sobre tudo cavalgando besta
De nova especie, pois não é quadrupede.
— Por certo que não é, Poinsot me torna,
Se ella é bimane; foi da tal gentinha
Que o Monteiro encaixou na faculdade
Das sciencias mathematicas em Coimbra.
Chamava-se Manuel José Pereira
Ou o *Raio Vector*, se assim quizeres (3).
— 'Spera lá, 'spera lá (diz então Dante)
Temos para viajar pelos espaços
Conducções exquisitas e variadas;
Por experiencia algumas já conheces,
E has de outras conhecer mui brevemente.
Como visto já tens n'este planeta
O que havia p'ra ver, ámanhã vamos
Partir para Saturno, e sabes como?
Tu irás sobre o Hippogrypho, eu no Pegaso.

Fim do canto nono.

NOTAS

AO

CANTO NONO

---

(1)

Maria Thereza Agnesi, irmã da condessa Maria Caetana Agnesi da qual já fizemos mensão honrosa no canto 9.º, foi auctora de muitas cantatas, e da musica de tres operas, *Sofonisba, Ciro in Armenia* e *Nitocri*.

---

(2)

N'esta aria da cantata conservamos, quanto foi possivel, não só a ideia, mas ainda alguns versos de uma estrophe do famoso e bem conhecido *hymno do Minho*, tambem chamado da *Maria da Fonte*. Salva ligeira alteração, é a quadra seguinte :

> Eia, ávante, ó portuguezes,
> Eia, ávante, e não temer ;
> Pela sancta liberdade
> Triumphar ou perecer.

(3)

O Dr. Manuel José Pereira da Silva, graduado em 24 de dezembro de 1777, foi lente da faculdade por obra e graça do P.e Monteiro (José Monteiro da Rocha). Nos actos de machanica celeste chamava *raio vector* á *funcção perturbadora!*

CANTO DECIMO

VIAGEM A SATURNO

I

Qual Logistilla ao principe Rogeiro,
Dante ensinou-me a governar o Hippogrypho.
O bom corcel, que um nigromante mouro
Já possuira em tempo, era mais manso
Do que eu me persuadia. Algum receio
Tive ao principio de perder firmeza,
Equilibrio, e coragem; mas bom mestre
Me foi o sabio poeta italiano.
Na arte de equitação de novo genero
Elementares regras tendo ouvido,
Passei praticamente a ver o modo
Como o proscripto vate florentino
D'ellas sabia usar; com algum 'studo
E especial cuidado observei como
O fazia subir a grande altura,
D'onde bem se podesse um horizonte
Mais vasto descobrir; a um lado e outro
Vi como usava dirigir o curso
Aquelle cavalleiro p'ra os diversos
Logares percorrer, e finalmente
Resolvi-me a tentar egual viagem.
De ir a Saturno era chegado o tempo,
Nem coisa nova já p'ra ver em Jupiter

Havia mais. Os dois corceis alados
Promptos já 'stão, e n'elles cavalgamos.
Dante, montando o Pegaso, ao meu lado
Tinha-se collocado ; uma varinha,
Qual bastão de mar'chal, ou qual batuta
De regente de orchestra, na direita
Trazia ; a mão esquerda era p'ra as redeas.
Por castão de tal vara uma boquilha,
Como de clarinete ou de requinta,
'Stava a servir, e logo faz d'ella uso,
Soprando fortemente : os dois ginetes,
Batendo então as azas, pelo espaço
Voam com marcha egual, porém tão rapida,
Como do ether vibrado o ondulatorio
Movimento costuma propagar-se,
E assim preciso foi p'ra em pouco tempo
A um dos anneis chegarmos do planeta.
Por que, disse eu, meu caro amigo Dante,
Não quizeste pousar n'algum satellite
Antes de aqui chegar? De tantas luas
De este velho planeta, uma não achas
Que mereça ser vista ou visitada ?
— Parece-me melhor, responde o poeta,
Vir sómente aos anneis, e um d'elles basta
Até para formares uma ideia
Da pena que é aqui dada aos invejosos,
Aos soberbos e infames intrigantes.
Os gigantes na lua, os carniceiros
Animaes que por Marte andam correndo
P'ra devorar a condemnada gente,
Nada mais são que demos encarnados
Em taes monstros ou fórmas as mais proprias
Para dar o castigo áquelles reprobos.
Dos infernaes espiritos se encontram
Outras encarnações n'este planeta.
Uns demonios a fórma de cavallos
Ligeiros, vigorosos teem tomado ;
Outros diabos são gryphos, milhafres,
Ou abutres immundos, de grandeza
Como a da ave *rochedo* nas novellas

Das decantadas *mil e uma noites.*
Os homens (e mulheres) que na terra
Vis intrigas teceram, machinaram,
Levados por inveja ou por soberba,
Ás caudas dos cavallos arrastados
São sobre dois anneis de este planeta,
(No segundo ou terceiro) ; os membros d'elles
Dispersos, espalhados pouco a pouco,
Comidos, devorados pelas aves
De rapina são logo, e os duros ossos
Vão essas mesmas aves sem demora
Sobre o globo central deitar em covas
Das quaes, como um dos dez do oitavo circulo
Do inferno, e que é chamado Malebolge,
Está cheio o espheroide de Saturno.
Estas covas ou fossos similhantes
São todas ao segundo do tal sitio,
E no qual eu vi 'star a lisongeira
Tahide e Aleixo Interminei de Lucca (1).
N'esses fossos depois, entre excrementos
De aquelles gryphos, gaviões immundos,
Vão pouco a pouco a fórma retomando
Que na terra tiveram os perversos ;
De ali são transportados ao primeiro
Dos anneis do planeta. Ora é sabido,
Até pelos astronomos, que a massa
De este primeiro annel é transparente ;
É toda agua a cem graus. Um banho tomam
Que dura ás vezes annos vinte ou trinta ;
Veem depois nos anneis de massa opaca
Começar de tormentos novo p'riodo.
Os vapores do annel que está mais proximo,
E do globo central nocivos gazes
Evitar nos convém ; por tal motivo
Só n'estes dois anneis de terra firme
Nós devemos passar. Mas 'spera ; eu vejo
Caminhar para aqui um dos demonios
Com fórma de cavallo. Olha. —

II

Em verdade
Um valente cavallo a trote largo
Eu avistei; montado vinha n'elle
A figura de um homem de roupeta.
—Todos estes cavallos (continuava
O meu bom cicerone) á cauda preso
Arrastam o infeliz, que foi na terra
Intrigante ou soberbo; a sua imagem
Do que fôra na vida é do solipede
O ridiculo jockey.—Segundo isso,
Disse eu, notar fazendo o tal boneco,
Traz algum Malagrida este ginete;
Poderemos detel-o?—A coisa é facil,
Diz Dante, por estarmos bem montados;
Eu dou signal aos bichos.—Outra nota
Menos forte e mais grave na boquilha
Fez resoar o poeta; os dois alados
Fazem cerco ao cavallo que arrastava
Um padre jesuita á cauda sua.
Era bravo o cercel que pela terra
Arrastado trazia o tal sujeito,
E parar não queria; mas o Hippogrypho
Levanta uma das patas dianteiras,
E as garras lhe espetou com tal vontade,
Que aquelle diabo teve de render-se
E ficar manso e quedo tanto tempo,
Quanto gastamos para ouvir parados
A narração dos crimes do velhaco,
Intrigante e soberbo jesuita.
Era o padre Rodin o condemnado
Do qual o punidor deter fizemos,
Algum allivio dando ao desditoso
Que, sendo interrogado, assim começa
As maroteitras suas confessando (2):

III

— Um estado no estado a companhia
Dos theocratas filhos de Loyola
No mundo organisara. Os reis, o povo,
Sem o saberem, eram dominados
Pelos padres jesuitas; o papado
Excepção não fazia á geral regra.
Angariar testadores argentarios,
Que para enriquecer nossa igreginha
Deixavam na miseria os seus parentes,
E vinham elles proprios filiar-se
N'ordem de Sancto Ignacio; as almas fracas
Intimidar com 'scrupulos niquentos,
Mulheres sobre tudo, e que attrahiam
Á nossa companhia a juventude
Que render promettia ou bons legados,
Ou talentosos padres que mais tarde
Seriam grandes mestres na ordem nossa;
Aos governantes (reis ou presidentes)
Dar conselhos traiçoeiros, em proveito
Só do nosso dominio e sob'rania,
Eram ardis frequentes, não deixando
Algumas vezes de o punhal, veneno,
Empregar com cautela e em bem da causa.
Eu fui membro d'aquella sociedade,
E não só dos mais 'spertos e velhacos,
Mas dos mais corajosos nas emprezas.
Por artimanhas dos confrades nossos
Deviam ser da herança despojados
Do infeliz Rennepont os descendentes.
Grande batalha de infernaes intrigas
Foi preciso travar, mas dirigida
Foi tão bem por meu tino e astucia immensa,
Em acção pondo já feroz ciume,
Já a sancta caridade, a bebedice,
Denuncias na policia, e mil tramoias
De igual jaez, que um só vivo deixamos

Dos herdeiros do conde. Este sancto homem,
Padre do nosso gremio, na esparrella
Soubemos apanhar, e áquella herança
Seus direitos testára á companhia.
Para ser toda nossa era preciso
Fazer morrer ,como morrer fizemos,
Os outros infelizes seus parentes;
Já disse, a minha astucia descartar-se
Soube d'aquella gente. A bella Adriana
Envenenada morre com seu Djalma;
Do valente Simão, mar'chal de França,
Morrem as lindas filhas Branca e Rosa
No hospital dos cholericos (a astucia
Teve o devido effeito), e foi do errante
Judeu tornada inutil a valia
E notaveis soccorros. Finalmente
Todos, menos Gabriel, morrer fizemos.
O general fui eu n'esta campanha,
E em premio consegui de taes serviços
Subida promoção, mas, oh desgraça!
O cofre dos valores avultados
Queima o depositario; e inda era o menos,
Porque o velhaco, infame Faringhea
Que Malpighieri, o cardeal soberbo,
Soubera industriar, artes arranja
E soube envenenar-me! E perdi tudo,
A vida (que era o menos) e o papado
Que meu devia ser em pouco tempo.
Foi pequeno o castigo o ver por terra
Meus planos de ambição e de grandeza,
Ao qual sacrifiquei victimas tantas;
E agora n'este reino dos tormentos
Ando pagando os roubos, assassinios,
E as lagrimas amargas que verteram
As minhas desditosas, tristes victimas. —

IV

Avante, diz o poeta; então deixamos
Seguir aquelle par o seu fadario,
E de Saturno sobre o annel maldicto
Fomos andando mais algum caminho.
Outro roupeta então se nos depara,
Mas borla doutoral traz na cabeça
E nos hombros capello azul e branco;
Do padre Zé Monteiro era o phantasma,
Que o marau vinha a traz rompondo as pedras
Do maldicto logar. Alto, detem-te,
Disse Allighieri ao corredor solipede;
E o bicho, que nas unhas viu do Hippogrypho
Sangue do camarada, foi mais docil
Do que o primeiro, e pára *in continenti.*
Agora falla tu, diz logo Dante
Ao condemnado, que d'est' arte conta:
— Em Coimbra eu fui já lente, e dos primeiros
Da nova faculdade, que o ministro
De Dom José creara e instituira
Para o ensino das sciencias mathematicas.
Aos meus conhecimentos, competencia,
Soube dar o marquez util emprego,
E confiou-me a direcção, o ensino (3).
  Os outros dois doutores italianos,
Franzini e Ciera, pouco tempo foram
Em serviço, depois de constituida
E posta em bom caminho a faculdade;
Mas um nosso doutor (lente de espada!)
Sombra fazia ao meu saber, prestigio
Que eu ter queria entre os doutores novos.
Este rival da Cunha era o Anastacio;
E eu, que padre jesuita houvera sido,
E soberbo e invejozo sempre muito,
Taes calumnias e intrigas mover sube,
Que aquelle official, doutor e lente,
Só quatro annos serviu. P'ra desfazer-me

De quem a primazia me affrontava,
Da Inquisição o tribunal tremendo
Muito veio a servir; a minha victima
Foi mettida em processo, encarcerada,
Depois penitenciada, e de Lisboa
Nunca mais regressou para em Coimbra
Continuar no serviço. Alguns capachos,
Verbos de encher ao menos, melhor gente
Me pareceram ser p'ra companheiros;
Manel José Pereira (que chamaram
Tambem *Raio Vector*), e inda alguns outros
Brutos encapellados, d'esta sorte
Eu fiz introduzir na confraria,
Ou eu não fosse da ordem jesuitica.
Inda assim alguns homens de talento
Não cheguei a afastar da faculdade;
Manel Pedro de Mello um d'elles era (4),
Mas este nas viagens pela *estranja*
Andou bastante tempo, e mais andára
Pela minha vontade, p'ra o ver longe
Dos geraes e da sala dos capellos:—

V

Mais ia por deante o monstro infame,
Quando, avistando ao longe um corcovado,
Com sceptro e c'roa, eu disse ao florentino:
Deixa esse biltre e vamos ao encontro
Do condemnado, cujo simulacro
Para aqui se dirige e nos indica
Que na vida foi já de povos chefe.
'Sta dicto, me volveu o grande poeta,
E partimos. O demo que o tirava,
Como já haviam sido os dois primeiros,
Foi por nós embargado; e o tal monarcha,
Que na Inglaterra o fôra por tramoia,
Nos contou d'esta sorte os seus delictos:
—A ambição de reinar e cingir c'roa,

Usar do manto regio e empunhar sceptro,
Contra os parentes meus, e dos mais proximos,
Me fez usar crueldade. Eduardo Quarto,
Que era irmão meu, e de Inglaterra o throno
Tinha occupado em vida, uns dois filhinhos
Deixara. Protector logo me apropmpto
De estes meus dois sobrinhos, e na torre
De Londres, segundo o uso, recolhidos
Foram por meu mandado; o mais edoso
De lá sair devia em tempo justo
Para o sceptro empunhar dos seus maiores.
Mas como assim, se eu era pretendente
Do meu defuncto irmão ao regio throno?
P'ra os grandes ambiciosos é facilima
A solução de taes dificuldades;
Que importa a vida de creanças duas?
Fil-as envenenar, e os partidarios,
Um dos quaes era o Duque de Buckingham,
Que eu bem sube arranjar, me conseguiram
A regia acclamação. Subido ao throno,
Por actos de justiça a minha astucia
Conciliar procurou do povo o affecto;
Baldado empenho. Um throno conquistado
Com crimes e delictos não é firme;
Henrique Tudor e outros descontentes,
Buckingham inclusive, se conspiram
Para me desthronar, e a civil guerra
Agitam no paiz. Umas sobre outras
Derrotas supportei; na decisiva
Batalha, onde perdi a vida e o throno,
Debalde a regia c'roa dar queria
Em troca de um cavallo, p'ra d'est'arte
Novamente na força da peleja
Saciar minhas iras, meus furores.
Cruel, dissimulado e astucioso
Eu fui na vida: agora, desgraçado,
Do orgulho de ser rei as penas soffro
De tão grande ignominia e eternas dores. —

VI

Assim fallou Ricardo de Inglaterra,
O terceiro do nome; e mais ávante
Nós caminhamos, vendo, entre outros muitos,
Um alferes famoso por seus crimes.
O simulacro de homem tão *honesto*
Trazia um estandarte; e o bom ginete
Arrastava esse infame, o *honesto* Yago.
Sua intriga infernal assim nos conta
O vil official do negro Othelo:
— A inveja, que já foi de um fratricidio,
O primeiro no mundo, a causa e origem,
E é de mil outros males a motora,
Minha eterna desgraça ha produzido.
De esse mouro valente, que a republica
De Veneza empregara em seu serviço,
Eu fui o alferes mór; sincera estima
Do general eu tinha, e confiança
Em mim depositara o bravo mouro.
Uma nobre patricia, a linda filha
Do senador Brabancio a apaixonar-se
Chegou pelo africano, que, não menos
Apaixonado, foi aos pés da bella
Amor exp'rimentar. A narrativa
Dos infurtunios, que soffrido houvera,
A chave foi do affecto de Desdemona,
Coisa pouco vulgar. Não que as patricias
Inaccessiveis sejam á ternura
De qualquer Ferrebraz ou Rodomonte,
Mas a chave p'ra abrir aquelles cofres
De amor e de meiguice a querem de ouro,
E bem pesada; quando algum valente,
Na espada pondo a mão, disser *é ouro*
O que ouro valer sabe (5), adeus amores,
Que bata a uma outra porta, ellas respondem.
Mas aquella pombinha veneziana
Era exepção da regra (e não ha regra

Que não tenha excepção), do bravo Othelo
Chega a compadecer-se, e dentro em breve
A compaixão se torna em doce affecto.
Quem não gostou da historia foi Brabancio,
O senador soberbo e infatuado,
Não sei se por ser negro aquelle genro,
Ou se por seu vermelho o sangue de este.
É certo que queixar-se amargamente
Foi ante o nobre Doge, e não queria
Aquelle casamento; mas Su' Alteza,
Tendo ouvido o queixoso e os accusados,
Houve por bem fazer justiça á bella
E ao seu querido mouro. E' grande coisa,
Para justiça obter dos governantes,
Que um homem tenha em si valor tão grande
Como o Achilles de Homero; os venezianos
Imitar não queriam Agamemnon,
Fazendo affronta de Peleu ao filho,
Conheciam a sorte do primeiro
Por Briseida tirar ao mais valente
Dos principes da Grecia. É bem sabido
Como o brioso Achilles a coberto
Se poz, e grande sova os inimigos
Deixou dar nos heroes soldados gregos;
A campo só voltou para vingança
Tomar da morte do fiel amigo,
O generoso filho de Menecio,
E dando-lhe Agamemnon orgulhoso
Grande reparação da antiga offensa.
Bem o sabia o Doge, e mais que em Chypre
O valente africano era preciso
Para amançar os turcos. Embarcamos,
E Desdemona parte acompanhando
O valente marido que escolhera.
D'aquella bella dama eu bem quizera
Tambem colher meiguices e carinhos,
E tentei a aventura; mas debalde
Que uma Suzana ella era a toda a prova.
Quiz vingar-me e tramei cruel intriga,
Conhecendo a cegueira do meu chefe;

Minha *honesta* pessoa com tal arte
Soube calumniar a desditosa,
Que o marido acredita que é trahido,
E matou sua esposa, estimulado
Por ciume feroz, cruel, selvagem.
Minha alma, inda mais negra do que o corpo
De Othelo valoroso e destemido,
Vingada estava dos desdens da bella
E virtuosa esposa do tal mouro;
Mas de perto o castigo o crime segue
Algumas vezes, e o illudido esposo
Não tarda em conhecer toda a tramoia.
A punição me deu (que foi despacho
Para eu vir para aqui) e apunhalou-se;
Agora de invejeso e de intrigante
O castigo mer'cido estou soffrendo.—

VIII

Assim fallado havia o *honesto* Yago,
E seguiu seu caminho. Um grande grupo
Encontramos depois; entre elles vinha
Um doutor portuguez, que foi de physica
Já professor na lusa academia.
Era o Sanches Goulão (6). De este sujeito,
Disse eu para Allighieri, a historia eu conto
Que aqui o faz estar. Era insolente;
Soberbo, e malcreado varias vezes
Nos cursos se mostrou, algum discipulo
Maltratando com phrases desabridas
De uma descompostura, e com doestos.
De visita o faltar-lhe co' um bilhete
(E n'isto inda ha Goulões, sem ter o nome)
Para elle vinha a ser pesada offensa!
Ainda n'outras coisas revelava
Goulão alma orgulhosa e vingativa,
E a grande telha sua. Quando em furias
Da civil guerra Portugal ardia,

E dos Cabraes o jugo o bravo povo
Sacudir pretendeu, correndo ás armas,
Houve em Coimbra um batalhão cartista.
Lentes, bedeis, artistas e outra gente
Adversa ao movimento da revolta,
Eram de esta milicia; e tambem tinham
Os da facção contraria de academicos
Jovens um batalhão nobre e luzido,
Que marchou p'ra o serviço. Ora o cartista,
Entre outros officiaes, contava aquelle
Lente da faculdade azul escura,
E tambem o bedel como soldado
Simples e raso, ou pouco mais do que isso.
  Distrahido o bedel um dia passa
Pelo Sanches Goulão sem continencia
Militar lhe fazer; agora é vel-o,
O soberbo official puxar da espada
E dar pranchadas á direita, á esquerda,
Como quem malha no centeio verde.
Se o povo não acode ao desgraçado,
Ali morria o triste ás mãos de um doido!
Tão falto de juizo e tão sanhudo
Não ficou Dom Lourenço, bispo de Elvas,
Quando Lara, o deão, não compar'cera
Para offertar o hyssope ao seu prelado.

Fim do canto decimo.

NOTAS

AO

CANTO DECIMO

(1)

Veja-se DANTE, *Inferno*, canto XVIII.

(2)

Este episodio é um resumido argumento do romance de Eugenio Sue — *O judeu errante.*

(3)

O P.e José Monteiro da Rocha, foi doutorado em mathematica conjuntamente com Miguel Franzini e Miguel Antonio Ciera, no dia 9 de outubro de 1772; e estes tres doutores inauguraram em Coimbra a Faculdade. Em 1774 foi despachado 4.º lente e mandado doutorar o official de artilheria José Anastacio da Cunha.

Manda a verdade que se diga que ambos elles illustraram e enobreceram pelos seus trabalhos as lettras portuguezas; mas a gloria do primeiro está manchadissima pela sua soberba, orgulho, e miseravel inveja. Effeito d'esta foi a intriga que o ex-jesuita moveu contra o segundo, e com a qual conseguiu desembaraçar-se de um collega que lhe fazia sombra.

Não permittindo a extensão d'estas notas demasiada largueza para provar, com documentos que existem da questão, as rivalidades entre os dois mathematicos portuguezes, remettemos o leitor para os trabalhos sobre este assumpto publicados no *Jornal Litterario* (Coimbra 1869 — Imprensa Litteraria) nos seguintes artigos:

Questão entre José Anastacio da Cunha e José Monteiro da Rocha, pag. 97.

Copia de uma carta de José Anastacio da Cunha, pag. 105.

Notas á carta de José Anastacio da Cunha, pagg. 125, 129, 139, 147, 156, 165.

—

Para os leitores que não podem haver á mão aquelle jornal aqui apresentamos alguns extractos, e remettemos tambem para os artigos respectivos no Diccionario Bibliographico do Sr. Innocencio da Silva.

....

....

...... Não devemos porém esquecer, que José Monteiro da Rocha, que dispunha então da faculdade, havia pertencido á ordem dos jesuitas, e, posto que justamente possuia a reputação d'um sabio, que nos faz muita honra, era um invejoso tambem, cheio de ambição insaciavel, e vendo sempre em tudo a sombra do seu rival, cujo admiravel engenho a consciencia lhe advertia irrecuasvelmente ser, em grau elevadissimo, superior ao seu.

(*Jornal Litterario*, pag. 99)

COPIA DE UMA CARTA DE JOSÉ ANASTACIO

...... Ha mais de dez annos, que eu vejo errar crassissimamente o nosso oraculo, sem isso me importar. Roubou-me a minha extracção da raiz cubica ; não fiz caso. Teve o desémbaraço de fazer imprimir por ordem da Universidade, para uso da minha aula, depois de eu lá estar, a mais longa, escura, e informe compilação de Trigonometria, que jamais se viu ; não me servi d'ella e ensinei por uma que occupa uma só folha de papel, mas tambem não fiz caso, etc.

Pedem-me da academia real das sciencias, haverá cinco annos, alguns assumptos para propôr...

....

A sabia academia não propoz então nenhum dos meus assumptos, propoz um que remetteu o padre Monteiro, difficultoso sobremaneira, por não dizer impossivel, e que tem mais de cem annos. *Tant pis pour eux*, nada d'isso me importa. Porém passaram dois annos inteiros, sem o padre Monteiro poder achar mais nenhum problema velho, por mais que o buscasse ; estava chegado o termo ; a reminiscencia do padre Monteiro cada vez mais inexoravel ; a academia em trances. Ora veja o que faz o padre Monteiro dos meus assumptos, que a sabia academia lhe tinha mandado á mostra. Remette-lhe o mais facil, porém de tal sorte viciado, que quem não souber, que o additamento absurdo, sobre a determinação dos casos de convergencia, é d'elle, e não meu, terá razão de me julgar ignorante, e mentecapto. Que lhe parece? Esbulhou-me do que é meu, e não fiz caso ; até ahi chega a minha philosophia. Mas pôr-me em risco de se me imputar o que é d'elle? Oh senhor!

Questo è troppa crudeltà.

Para passar esta vergonha, não tenho eu constacia.

La mia virtù non giunge a tanto.

Então, *mon cher ami*, não me será licito ao menos mostrar aos meus amigos a verdade?

Pois toda a vingança, que em similhantes casos costumo desejar não se extende a mais.

....

....

Não perca os oculos, que levou de Lisboa, e em todo o caso não use dos d'essa terra, que fazem muito mal á vista.

O my dear friend! Be awre of Monteirism, Franzinism, Brunellism, Conimbricism.

(*Jornal Litterario*, pagg. 111 e 112)

---

(4)

Manuel Pedro de Mello, doutor e lente da faculdade de Mathematica, graduado a 19 de junho de 1795, socio da academia real das sciencias de Lisboa, deputado ás côrtes ordinarias de 1822, etc.

....

....

Ou por ter sido discipulo de José Anastacio da Cunha, ou por outro motivo que ignoramos, incorreu no desagrado de José Monteiro da Rocha, levando em consequencia apenas informações *redondas* no doutoramento tendo-as tido aliás *distinctissimas* (3 MBB, 1 B) na formatura em 1793. Não obstante José Monteiro fez depois justiça ao seu grande merecimento, como se vê dos seguintes documentos:

Extracto d'uma carta de José Monteiro da Rocha dirigida de Coimbra ao Reitor da Universidade, D. Francisco de Lemos, em 30 de Agosto de 1801.

«Parece-me bem, que Manuel Pedro faça a via-
«gem que lhe lembra, e muito mais tendo a op-
«portunidade de a fazer em companhia do ministro

«que torna para a Hollanda, e que lhe pode faci-
«litar muito o desempenho da sua commissão. Esta
«porém não deverá limitar-se ao objecto da sua
«cadeira, mas extender-se á de *Astronomia*, visi-
«tando elle os observatorios que lhe ficarem em
«caminho, e trazendo as noticias, que a esse res-
«peito achar dignas de attenção; objecto, de cujo
«desempenho elle é muito capaz. Sobre isso man-
«darei a V. Ex.ª alguns artigos mais especifica-
«dos.»

Carta de José Monteiro da Rocha, dirigida de Lisboa a D. Francisco de Lemos, em 6 de Fevereiro de 1808.

....

....

«Manuel Pedro póde ficar por mais tempo, a
«titulo de acabar a traducção de que se encar-
«regou, e deixar arranjadas as correspondencias.
«Com esse titulo poderá lá ser util á Universidade;
«e ao mesmo reino, segundo as instrucções, que
«se lhe enviarem. Mas isto deve ser tudo segredo,
«porque (segundo são os caprichos dos homens)
«não gostará o criado, de que se tracte immedia-
«tamente com seu amo.

«Deus guarde a V. Ex.ª muitos annos. Lisboa 6
«de Fevereiro de 1808,

De V. Ex.ª

Att.º fiel subdito e cr.º obrigadissimo

José Monteiro da Rocha.

Mas em 2 do Junho de 1816 já lhe continuava a apparecer a má vontade contra Manuel Pedro de Mello, como se vê do seguinte:

Extracto de uma carta, dirigida da quinta de S. José de Ribamar a D. Francisco de Lemos, n'aquella data:

«Manuel Pedro frequenta muito a audiencia de

«Pereira e Sousa, e talvez cuide em algum alvitre «para vencer aqui, como beneficio simples, a ca- «deira da Universidade. Entretanto não ha remedio «senão de fazer sempre conta com elle.»

(*Jornal Litterario*, pag. 125 e 126)

---

(5)

Ouro é o que ouro vale conta-se ter sido resposta dada por um grande navegador ao Duque de Santa Fé. O illustre capitão, cheio de brilho e gloria, indicára a sua espada ; o grande de Hespanha perguntara pela acquisição de riquezas ao pretendente de sua filha.

---

(6)

Antonio Sanches Goulão foi doutor em Philosophia, lente de esta faculdade, e bacharel formado em Medicina. O facto dado com o bedel (já fallecido ha muitos annos) é ainda hoje lembrado e contado pelos seus camaradas e outros coevos ; o mesmo acontece a respeito do procedimento com alguns dos seus discipulos, aliás distinctos estudantes, e que não só na carreira academica, mas ainda na das obras publicas e outras profissões, teem feito logar brilhante.

CANTO UNDECIMO

VIAGEM A URANO; COSTUMES SINGULARES DO REINO DA ASNEIRA

I

Nem tanto ao mar, nem tanto á terra. Uns orbes
Por mansão de almas boas, virtuosas,
Têm sido designados; já tres d'elles (1)
Visitados por mim na grande viagem
Foram, primeiro que em Saturno eu visse
O padre Zé Monteiro e mais velhacos.
Outros, em maior numero, escolhidos
Foram p'ra punição d'almas perversas;
Tal é Marte e Saturno, os anneis d'este,
Além dos seus satellites, a Lua,
Que o é da Terra, e ainda os outros muitos
Pequeninos planetas como Vesta,
Ao qual eu tambem fui, acompanhado
Pela famosa Olympia.

II

Algum reparo
Os leitores maldosos poderiam
Fazer a este respeito; pois em Venus
Tendo tão nobres damas e illustradas

Não achou Patrocinio outra parceira
Senão a Olympia Gaia? Eu já respoudo:
Certo é que Isabel Vera (2), Edith Bellenden,
Herminia d'Antiochia, Anna de Geirstein (3),
Outra Isabel, esposa de Zerbino,
A nobre Flordeliz, Gildippe bella (4),
A extremosa Julieta, cujas cinzas
Verona inda conserva (e tem mais honra
Com tão nobres reliquias do que a sabia
Coimbra co' o *Mata Frades*); qualquer d'estas
Respeitaveis senhoras, além de outras
Que fôra longo nomear agora,
A commissão com gosto acceitaria
De ser minha instructora e companheira.
Eu tive a honra da sua convivencia,
Demos muitos passeios, conversamos,
Jogamos o xadrez, e até no piano
Algumas a fineza me fizeram
De acompanhar-me n'uma phantasia
De Alard, facil mas linda, sobre varios
Motivos de Bellini; mas com tudo
Para o fim instructivo mais que todas
A competencia tinha a esperta Olympia.
Pois Julieta sabia astronomia?
Romeo não lhe a ensinou, nem coisas d'essas
Elle proprio sabia; a grata Herminia
Tambem não, nem tão pouco as outras damas.
Mas Olympia, essa sim, que por amantes
Em vida teve astronomos; na *chronica*
Dos astros era *teso* e muito fino
Um d'elles. Florentino o illustre vate
Fez acertada escolha, convidando-a
Para me acompanhar, e sem com isso
Causar alguma offensa ás outras damas.
Isto é razão bastante, e com despreso
Seria recebido o juizo errado
De algum mau, que objecções propôr viesse.
Da vida os infortunios, ou desgraças,
Muitas vezes não quebram a nobreza
De caracter de uma alma bella e grande;

Injusta é a sociedade cá no mundo,
Mas lá por cima faz-se mais justiça.
Não da fortuna, da alma as qualidades
Sómente dão valor e mer'cimento;
E ao passo que uma *honrada* Leonor Telles,
Carolina de Napoles, e muitas
Outras grandes senhoras, o castigo
Estão soffrendo no planeta Vesta,
Margarida Gauthier, Timandra esbelta
[Que o galante Alcibiades tirara
De um lupanar d'Athenas (5)], meiga Olympia,
E algumas outras mais, inda que poucas,
Residem de Neptuno, ora de Jupiter
Ou de Venus nos orbes fortunados.

III

Mas, estava eu dizendo, um meio termo
Inda não temos visto, e é tempo agora
De novamente cavalgar o Hyppogrypho,
Não para ir ao paiz das priscas fadas
E de genios travessos saber contos
De Titania e Oberon, da linda Resia,
Mas para de Urano ir á superficie,
Onde estão a exhibir segundas provas
De vicios ou virtude alguma gente
Que equilibrara aqui virtude e vicio.
É assim mesmo, pois não? Succede ás vezes
Um julgador achar-se no embaraço
Sobre qual decisão tomar-se deva,
Approvar? reprovar? dar premio, ou pena?
Ha razões para um lado e para o outro;
Quaes d'ellas pesam mais? optima ideia,
Quando não vae contra os regulamentos,
É mandar novas provas serem dadas
Para desempatar. Ora alguns homens
E mulheres sentença em tal sentido
Obtem no julgamento, quando findam

A vida que viveram sobre a terra;
Vão então habitar d'Urano o globo.
Segunda encarnação alguns recebem;
Outros na mesma edade em que morreram,
Ou de alguns poucos lustros minorada,
Continuam vivendo em tal planeta.
  Tendo já visto muitos condemnados
Que a punição recebem em Saturno
Do orgulho seu, soberba, inveja, intrigas,
Disse Dante p'ra mim: — doutor amigo,
Partir vamos agora p'ra o planeta
Que o sabio Guilherme Herschel descobrira (6)
Com seu grande, monstruoso telescopio.
Pela amplificação de este instrumento
Herschel achou diametro sensivel
No astro, que estrella fixa par'cera
A Mayer, Lemonnier e a Flamstead,
Que observadores foram seus primeiros.
Depois de muitos dias achou n'elle
Pequeno, mas sensivel movimento,
E cometa o julgou; então 'studando
Mais posições do mesmo, determina
Do seu planeta os elementos da orbita.
  Herschel, que de organista abandonara
E mestre de capella a vida artistica
Para dos astros se botar ao 'studo,
(E fez Jorge Terceiro um bom serviço
Á sciencia, convidando homem tão util
Com mer'cido honorario e mais larguezas);
Herschel, pondo de parte as semifusas,
O oboe, a batuta, ao telescopio,
Que elle mesmo formara só se entrega.
Descobre então com elle estrellas duplas,
Que, mais bem observadas, nos revelam
Que até lá n'esses paramos longinquos
Inda a lei da attracção se dá, vigora.
  De Jove o achatamento, o tempo gasto
Na rotação de este astro, e inda outras muitas
Descobertas faz elle; no catalogo
De estrellas, que formara, a sciencia deve

Muito ao sabio, e egualmente agradecida
É á notavel dama, irmã do astronomo,
Carolina Lucrecia, que o ajudava,
Fazia observações, e alguns cometas
Ella só, descobrindo, os fez sabidos.
Veremos o planeta, nos satellites
Não entramos porém; que a mesma cousa,
Que n'um d'elles se dá, se dá nos outros
E no globo central, onde já vamos.—

IV

Disse, e de novo sopra na boquilha
A nota aguda e forte; os dois alados
Palafrens o seu vôo soltam logo,
E dentro em pouco tempo tomam terra
Na superficie de Urano. Pousamos
N'uma arida montanha, e chegar vemos
Pouco depois, descendo á mesma serra,
Um balão aer'ostatico, trazendo
O nosso amigo Ariosto por piloto.
— Cá 'stou, me disse o poeta, e aqui vos trago
Dois magicos anneis; têm a virtude
Que o tolo Calandrino insanamente
Achar queria n'umas pedras negras,
As quaes com gran trabalho andou buscando,
Fazendo rir do logro os seus collegas (7).
Se no annular da dextra anda trazido,
O dono de essa mão torna invisivel;
Mas quem quer suspender-lhe a qualidade,
Muda-o para a esquerda e está servido.
Tenho inda outro p'ra mim, e poderemos,
Ora invisiveis, ora manifestos,
Ver os costumes de estas terras de Urano,
Onde ha gente que nasce, outra que morre,
E outra aqui consome muitas vidas
Sem uma vez ao menos ter morrido.

Parece um paradoxo, mas o caso
Passa-se de este modo:

V

Qual o pendulo,
A lei das forças vivas observando,
Se afasta p'ra a direita, para a esquerda,
Chegando sempre assim á mesma altura,
Quando attritos não ha nem resistencia;
Ou quaes as ordenadas da cycloide,
Que vão de zero a zero, percorrendo
Pela continuidade ora os crescentes
Valores até o maximo *dois erre*,
Depois os decrescentes até zero
E tornam a crescer ao mesmo maximo
P'ra decrescer depois, e assim por diante;
Do mesmo modo vive muita gente
No paiz em que estamos, de criancinhas
Indo á virilidade pouco a pouco,
Depois descendo a velhos p'ra voltarem,
Retrogradando, a serem pequeninos;
E tornam a crescer, tornam a velhos,
E assim continuamente, mais felizes
Sendo, por certo, que de Aurora o esposo
Na novella de Giam-Battista Casti.
Mas, estava eu dizendo, muita cousa
Ha para ver aqui; por isso vamos
Já p'ra a cidade proxima, onde ha hoje
Commissão districtal, e alguns mancebos
Têm graça nas razões com que pretendem
Do serviço das armas ser isemptos.—

VI

Assim fallara Ariosto, e sem demora

Deixando o seu balão aos dois alados,
Que são bons e fieis guardas, caminhamos
P'ra a cidade mais proxima; cabeça
De districto era ella de uma terra
A qual *Reino da Asneira* se chamava.
Anneis na mão direita, e entrando fomos
No governo civil até chegarmos
A' sala da sessão; ouvimos varias
Reclamações de muitos recenseados,
Quasi todas fundadas em mentiras;
Mas bons padrinhos tinham os sujeitos,
E attendidos ficavam, por que em troca
Na farça eleitoral se dava a paga.
Mas cae a discussão sobre uma celebre,
Muito ratona e singular escusa,
E a todos tres nos faz tão 'strepitosa
Gargalhada soltar, que os conselheiros
Do districto ficaram espantados
Por ouvir quem não viam. Nós sahimos
Sem demora da sala, e o facto é este:
De um rico proprietario o primogenito,
Que á edade de ter praça era chegado,
Não queria servir, mas egualmente
A remissão pagar menos queria.
Era forte, robusto e corpolento,
E, por mais que quizessem, não podiam
Dal-o por incapaz os inspectores.
Pois livrou-se o forreta, apresentando
Attestado de medico, e dizia
Uma tal certidão que esse mancebo
Era tolo e idiota! Quando fóra
Nos achamos da sala, perguntando-me
O jocoso Ariosto qual sentença
Eu daria, se fosse cá na terra,
Respondi: duvidar não poderia
Do motivo allegado, era bastante
Que o mancebo acceitasse tal diploma;
Mas fazia-o 'star preso em Rilhafolles
Por tantos annos, quantos no serviço
Lhe competisse andar, sentando praça.

VII

Era tempo de exames, e quizemos
Ver como lá se ensina a mocidade,
Preparando-a p'ra estudos sup'riores.
Entramos no lyceu ; os estudantes,
Na sua maior parte, ou se calavam,
Ou diziam tolices, disparates,
Em resposta ás perguntas que eram feitas
Por homens nomeados, escolhidos
Em commissão para ir examinal-os.
Os examinadores bem sabiam
Fazer o seu dever, e em resultado
De tantos estudantes admittidos
Alguns trinta por cento, ou inda menos,
Na media só ficavam approvados.
A sujeito entendido na materia
Perguntei o motivo por que tantos
Ignorantes entravam sem vergonha
A exame, e esta resposta me foi dada:
—Achando ter descido o ensino publico
Na instrucção secundaria, de este reino
O governo, zeloso pelas coisas
Da publica instrucção, faz esta emenda
Na lei que vigorava : o nivel sobe
Da bitola de exames, nomeando
P'ra tal serviço gente competente ;
Mas obriga a descer ao mesmo tempo
O ensino das materia leccionadas,
Dando uns ignorantões, uns *residentes*,
Por mestres aos mancebos. Jornaleiros,
Não professores, são os nomeados
Sem concurso e sem provas de sciencia,
Que por cinco doz'avos do ordenado
As vagas vão supprir dos fallecidos
Ou dos aposentados professores.
A quem um curso tem de theologia
De introducção entregam a cadeira ;

Um bacharel jurista a mathematica
Ensina officialmente, o de desenho
É professor um mercador fallido!
Algures de latim a um mestre mandam
Que ensine geographia, embora nada
Ou menos que os discipulos entenda
Do que vae leccionar; e d'esta sorte
É nos lyceus do reino feito o ensino.
Ha tambem leccionistas, porém estes
Regulam seu serviço pelo feito
Pelos *sabios* que envia o bom governo;
Em resultado augmenta a ignorancia,
E a razão aqui tens do que estás vendo.—

VIII

Fomos a outra cidade de provincia,
Que era tambem cabeça de districto.
Lá chegamos em dia de espectaculo
Que mais era de gosto aos habitantes
De aquella boa terra, e ver quizemos
O seu divertimento predilecto.
Fomos logo uns logares no amphitheatro
Tomar p'ra ver a festa; ao som de musica
Vimos um cavalleiro andar em circulo
A fazer cortezias e zumbaias
Aos bons espectadores. Concluidos
Do estylo os cumprimentos, sae de um curro
Um touro corpolento, e á sua conta
Alguns homens o tomam para farpas
Agudas, penetrantes espetarem
N'aquelle ruminante; os 'spectadores,
Quanto mais maltractar viam o touro,
Mais gritavam com jubilo e contentes,
Applaudindo gostosos os toureiros.
Damas havia até que se inter'savam
Por ver o animal bem cravejado
De farpas, e investir com furia e raiva

Contra os capinhas barbaros, perversos!
 Uma selvageria, e de crueldade
Par'ceu-me escola pratica a tal festa;
Mas gostava Zé Povo do espectaculo,
E o theatro ficar deixava ás moscas!

IX

Fomos a outra cidade. Os habitantes
Tractavam de eleger do municipio
Os seus vereadores, e a politica,
Mais do que os eleitores, escolhia
Os taes representantes de Zé Povo.
Um cidadão sensato, e que sabia
Dos *mysterios* da terra muita cousa
Me contou varios casos de um sujeito
Que ha muitos annos fôra presidente
De esse tal municipio.— Pela imprensa,
Me disse o cidadão d'aquella terra,
Chegou a accusações soffrer diversas
O sucio presidente, e incurso estava
De concussão no crime, a ser verdade
O que então se dizia nos p'riodicos;
Mas que faz o ratão? Vae em resposta
Avisar os leitores que suspendam
O juizo que devam formar d'elle,
Por que mui brevemente provaria
Ser falso o que nas folhas se espalhava.
E até hoje, apesar de muitos annos
Haverem decorrido, nada veio
Publicar p'ra provar sua innocencia.
 Esse mesmo sujeito (continuava)
Já mettido em processo em tempo fôra
Por certos peculatos; mas amigos
Abafadores teve, e nem por isso
Deixou de presidir ao municipio
Em tempos post'riores. De esta sorte
Por aqui a honradez é compr'endida.

X

Ha n'esta nossa terra um seminario,
Que dos fieis christãos foi com esmolas
Em tempo edificado, p'ra os mancebos
Aspirantes ao 'stado ecclesiastico
N'elle terem collegio e instrucção propria.
O virtuoso prelado, que empr'endera
Fundar de sacerdotes tal escola,
E inda os bons, dadivosos bemfeitores,
Que contribuiram p'ra a fundação d'esta
Casa sacerdotal, mal poderiam
Pensar que no futuro aquella casa
Em *hotel* de estudantes se tornasse,
E os ordinandos fossem só pretexto
P'ra a nova empreza industrial ao fisco
Não dar contribuição da sua industria.
Já chegou a tal ponto o monopolio,
Que tem seu matadouro para as rezes,
E de carnes e vinho ao municipio
Os direitos não paga de consummo,
Quando os outros hoteis, hospedarias,
Collegios de estudantes, pagam todos
A quota industrial. Os governantes
Sabem d'isto, e os abusos não corrigem;
Por outra parte a gente da igrejinha,
Para aos moinhos seus agua levarem,
Illudem, quanto podem, as familias
Dos mancebos que querem sup'riores
Estudos cultivar, e vão d'est'arte
Monopolio e apanagios conseguindo.—

XI

Tal era a informação que nos foi dada

Por aquelle sujeito; e nós, querendo
Ver do Reino da Asneira outras cidades,
Seguimos mais ávante. Em nossa viagem.
Um conhecido achei, que em vida fôra
Meu lente de mechanica celeste;
Era o doutor Sarmento, e remoçado
Estava lá, mas pude conhecel-o.
Tu aqui, lhe disse eu? cuidei que em Jupiter,
Como ao Thomaz d'Aquino, ao Guerra Osorio,
Logar te fôra dado. Então com magua
O meu antigo mestre assim me disse:
— Depois da minha morte a julgamento
Fui chamado, e nos pratos da balança
Do archanjo Sam Miguel foram lançados
Meus crimes e virtudes. No direito
Meu amor de familia, os meus trabalhos
Aturados, seguidos, p'ra arranjar-lhe
Alguns bens de fortuna, os meus desvelos
Para educar os filhos, ensinal-os,
Fazel-os bons e honrados, foram postos;
Porém no esquerdo collocadas foram
Bastantes injustiças que eu fizera,
Ou por medo e pressão de alguns collegas
Dos quaes eu dependia, ou por fraqueza.
O *De natura rerum* de Lucrecio,
Compendio de atheismo, fôra em tempo
Minha leitura muito predilecta
Antes de me passar para outra seita;
Pois tambem foi no prato dos delictos
Da judicial balança collocado.
Mas longe do equilibrio ficaria
Inda assim, se não fôra a maroteira,
Que eu fiz o doutor Manso preterindo
P'ra proteger Coelho infamemente,
E p'ra servir depois este collega
Dar ao doutor Falcão mais do que justas
Informações devidas ao seu merito.
Bom professor foi sempre o Manso Preto,
E não seria ingrato como os outros
Que eu tanto protegi contra justiça.

Informado já fui que foram estes
Dois, que eu tanto elevei, os que em consolho
Se opposeram a serem premiados,
Como bem mereciam, os meus filhos,
E os outros meus collegas pretendiam.
Vê como elles pagaram meus favores!
Nos orbes de tormentos eu teria,
Por certo, algum logar, se o grande affecto
Aos meus filhos, á 'sposa, os sacrificios
Que eu fiz pela familia, não viessem
Equilibrar o peso dos delictos.
Segunda prova agora aqui vou dando,
Mas emendado estou; e com certeza,
Quando de novo for chamado a juizo,
Melhor collocação me será feita,
Pois roedores e aves de rapina
Eu não protejo mais, nem por acinte
Offensa hei de fazer a gente mansa.—

Fim do canto undecimo.

NOTAS

AO

CANTO UNDECIMO

(1)

Venus, Jupiter e o seu 1.º satellite.

(2)

Veja se a novella de Walter Scott, intitulada *O anão das pedras negras.*

(3)

Veja-se do mesmo auctor a novella *Anna de Geirstein ou a donzella do nevoeiro.*

(4)

Veja-se o poema epico *Gerusalem libertada* de Torquato Tasso.

(5)

Veja-se a obra do Debay, intitulada *As noites corinthias.*

(6)

Guilherme Herschel nasceu em Hanovre em 1738, falleceu em 1822. Era filho de um musico e foi tambem, nos seus primeiros annos, musico das guardas hanoverianas, instrumentista de oboe. Mais tarde foi professor d'esta arte, organista e mestre de capella.

Em 1774 construiu um telescopio, tomou gosto pelas observações astronomicas e começou a entregar-se a ellas. Com outro e grande telescopio, do qual elle foi ainda o constructor, e cuja amplificação era superior á de todos os até então construidos, passou a fazer importantes observações, e descubriu o planeta Urano, o qual em 1690 a Flamstead, em 1756 a Mayer, e em 1765 a Lemonnier tinha parecido estrella. Então o rei Jorge 3.º o convidou, com boa dotação para não precisar de exercer outros trabalhos, a vir em Slough, perto de Windsor, entregar-se ás observações e estudos do seu gosto.

Além das indicadas no texto foram ainda muitas mais as descobertas de este distincto astronomo. Na sua principal obra, o *Catalogo de estrellas*, collaborou sua irmã Carolina Lucrecia Herschel, e a descoberta de alguns cometas é devida ás observações e estudos de esta dama notavel.

Guilherme Herschel foi socio correspondente do Instituto de França, presidente da real sociedade astronomica, e a Universidade de Oxford lhe deu o grau honorario de doutor em leis.

---

(7)

Veja-se no *Decamerone* de Boccacio a *novella* 3.ª da *giornata* 8.ª

CANTO DUODECIMO

VIAGEM A NEPTUNO; *O PIMPAO.*
REGRESSO Á TERRA

I

Mais do Reino da Asneira outras cidades
Visitamos e vimos, porém tempo
Par'cendo aos dois poetas de partirmos
Para o orbe de Neptuno, em certo dia
A um valle fomos ter onde os alados
Ginetes o balão tinham trazido.
Entramos na barquinha, e os voadores
Corceis a um leve aceno de Allighieri
Tomaram seu destino; o illustre Ariosto
A proa dirigiu sobre Neptuno,
E tal velocidade ao machinismo
Soube dar, que tão rapido não chega
Do Porto a Coimbra algum comboyo expresso,
Como nós aportamos ao planeta
Que o sabio Le Verrier tivera a dita
De achar pela theoria.

II

Já formado
Tinha Bouvard, servindo-se das formulas
De Laplace, umas tabuas astronomicas

Para o planeta de Herschel, que devia
De Saturno e de Jupiter notaveis
Perturbações soffrer. Mas conformavam-se
Com as observações por alguns annos
(Trinta e nove eram elles); discordavam
Os logares assim determinados
Dos observados fóra de tal praso.
  Qual a razão d'aquellas differenças?
Algum planeta incognito por certo
De Urano o movimento transtornava,
E o caso era encontrar pelos effeitos
As co'rdenadas e outros elementos
De este novo planeta. O grande astronomo
Soube o *problema inverso dos tres corpos*
Habilmente tractar; retoma d'Urano
A theoria, e compara o resultado
Com as observações recentes, boas;
Liga por equações as quantidades
De tão grande problema, e por incognitas
Tomando os elementos da nova orbita,
Além d'outros, achou grosseiramente
A posição buscada. Então de novo
Outros calculos fórma mais exactos,
E prediz, com leve erro, o grande achado.
Por convite do sabio, o illustre Galle
Em Berlim se encarrega de observal-o;
E até no mesmo dia em que recebe
Tão honroso convite, o astro procura
Ver no céu, e o descobre com diff'rença,
Menor inda que um grau, do calculado.

III

D'este pois astro errante, e que servira
De contra-prova, a mais frizante e bella,
Da lei segundo a qual as massas todas
Dos corpos entre si se ligam, prendem,
Chegamos todos tres. Junto de um porto

De larga e franca entrada nós pousamos
E, deixando o balão, seguimos logo
P'ra a *Cidade dos Grandes Almirantes.*
Um lindo palacete o amigo Dante
Possue na cidade, e lá reside
Nos mezes em que vae passar o estio;
Na noite da chegada ahi ficamos,
E depois de cear fomos nos leitos
Dscançar de tão longa caminhada.
Chega o dia seguinte, e dispozemo-nos
P'ra passear e ver o mais notavel
Que na terra se encontra, mas primeiro
Nos 'stava preparado um bom almoço.
Na occasião de pormo-nos á mesa,
Do poeta florentino uns dois amigos
Visita vem fazer-nos; sem demora
O prazer de ajudar-nos acceitaram
N'aquelle bom serviço. Eram não menos
Que dois notaveis capitães distinctos:
Um d'elles, atheniense, era Alcibiades;
Outro, patricio nosso, era Fernando
De Magalhães, o grande navegante.

IV

O primeiro já fôra na sua patria
Notavel cidadão; do mestre Socrates
Aprendera licções, mas seus talentos,
Seu juvenil ardor, o amor da gloria,
E não menos da pandiga as delicias,
Uma vida exquisita lhe arranjaram.
Rival de Nicias, fez quebrar as treguas
Entre Athenas e 'Sparta; uma outra guerra
Moveu a ser tambem emprehendida
Contra a Sicilia, e teve então da esquadra
Dividido com dois, Nicias e Lamacho,
O commando geral. Mas, que ratisse!
Na vesp'ra da partida andou de noite

Com mais alguns trocistas mutilando
As 'statuas de Mercurio, e dos mysterios
De Eleusis ravelara as intrujisses.
  Partiu porém, e capitão valente,
Grande cabo de guerra se mostrava
Nas costas da Sicilia; eis se não quando,
Em processo mettido, despachada
Parte a galera sacra, ordem levando
P'ra trazer Alcibiades a Athenas.
Mas o filho de Clinias bem sabia
O fim com que o chamavam; subtrahiu-se
Co' a fuga á morte a que iam condemnal-o.
Depois quando, julgado á revelia,
Informado elle foi de que lhe deram
A pena capital: *ah, sim, é isso?*
Disse o valente joven; *convencel-os*
Cumpre-me agora de que vivo ainda,
E por seu grande mal exp'rimental-o
Ha de Athenas ingrata, injusta e barbara.
A 'Sparta a off'recer corre os seus serviços,
Que á rival grandes males, perdas muitas
Tiveram de custar por seu castigo.
  Mas foi varia a fortuna d'este bravo,
Notavel capitão da antiguidade;
Já prospera, já adversa era-lhe a sorte,
E até os athenienses receberam
Com pomposo triumpho esse Alcibiades
Que á morte já tiveram condemnado!
Os revezes da vida, e inda outros coisas,
Fizeram que no exilio terminasse
Os dias, mas morrendo como um bravo
Com as armas na mão, forçando as chammas
Da casa que inimigos incendiaram,
E batendo-se só contra os malvados.
A Pharnabaso, o satrapa corrupto,
Que da hospitalidade pouco soube
Os deveres cumprir, tão grande mancha
A historia perdoar inda não pôde.

V

Mais feliz que Alcibiades não fôra
O nosso Magalhães. Fizera na India
E na Africa proezas e bravuras,
E uma conspiração de gente indigena
Contra os seus portuguezes em Malaca
Malograr conseguiu. Mas, das intrigas
Da côrte e camarilha sendo victima
Quando ao reino voltou (desconsid'rado
Pelo monarcha foi), com Ruy Faleiro
A Hespanha quiz servir, e Carlos Quinto,
Cesar do sacro imperio, aos seus talentos
Soube dar galardão. De cinco vasos
Equipados e promptos o commando
Lhe dera o imperador; sulcando o Atlantico,
E tendo em varios pontos 'stacionado
Da America do Sul, já para o inverno
Abrigado passar, já por diversos
Outros motivos, entra n'esse estreito
Que o nome herdou do navegante illustre.
Depois, dobrado o cabo da Victoria,
Eil-o no Grande Oceano, e foi singrando
Durante mezes tres e dias vinte,
Té que aportou ás ilhas Philippinas.
   Bom gasalhado dera o povo indigena
Ao bravo Magalhães e á gente sua;
E Zebo, o rei da terra, até quizera
Receber o baptismo. Mas em breve
Da visinhança co'o feroz gentio
Em guerra se encontrou. Acabrunhado
Do malaio inimigo pelo numero,
Nunca pelo valor, a vida perde,
Mas com honra e bravura de soldado
Tendo off'recido resistencia heroica.
   Tres navios restavam da esquadrilha;
Dos cinco um desertou, o outro perdera-se,
Antes já de singrar pelo Pacifico.

N'esses tres vasos gente havia a bordo,
Mas foi prudente um d'elles dar ás chammas,
Dividindo a equipagem por dois outros,
O *Trindade* e o *Victoria*. Então levantam
Ancora, a pôpa dando á roxa aurora;
Mas o Trindade fôra aprisionado
Por gente portugueza, o outro navio,
Que Sebastião del Cane commandava
Pôde voltar á patria pelo oriente.
Pela primeira vez foi circumdado
Nosso globo terrestre por maritimos,
Havendo-se gastado em tal viagem
Annos tres e ainda uns bons quatorze dias.

VI

Saimos de manhã p'ra ver a terra,
Acompanhados pelos dois amigos,
E depois de jantar, uma regata
Fomos não só gozar, vendo as porfias,
Mas do grande Pericles o sobrinho,
Tão brioso inda ali como em Athenas,
Quiz ser dos contendores. Dar podemos
Parabens ao notavel Alcibiades;
Fôra o seu escaler o mais ligeiro,
E a bandeira ganhou do desafio.
Terminada a funcção, sendo já noite,
De Christovam Colombo no palacio
Havia grande festa; um sarau poetico,
Entre outros mais recreios, lá se dava.
Ao genovez distincto apresentado
Fui pelo meu patricio, e noite bella
Lá passamos os tres recem-chegados.
De entre as varias poesias que tiveram
A honra de ser *bisadas*, uma d'ellas
Me agradou mais que as outras; das bravuras
De um navio pimpão era o elogio.

VII

O PIMPÃO

Não ha na extensão das aguas
Vaso mais bem equipado
Que o navio couraçado
P'ra a capital defender;
Á maior 'squadra do mundo,
Sendo d'ella commandante
Nelson, o grande almirante,
Medo até póde metter.

Nem de Orlando á durindana,
De Astolfo á lança encantada (1),
Tal valentia foi dada
Como ao navio pimpão;
Elle só co'os pimponetes
Contra o mais bravo inimigo
Póde bem livrar de p'rigo
Ameaçada a nação.

Que venha a *Deusa dos Mares*
Que venha a *Flor de Lisboa*,
Zombar de coisa tão boa,
Suas iras provocar;
Com balasios no costado
Serão vistas n'esse instante
Do couraçado chibante
Severa licção levar.

E isto inda é por amisade;
Que se for coisa estrangeira,
De mais brilhante maneira
O negocio correrá.
Que tente, se é capaz d'isso,
Qualquer capitão famoso

A aventura, e portentoso
Caso raro se verá.

De Oberon co' a trompa eburnea
Um paladim façanhudo
Notavel peça de entrudo
A um califa já pregou;
Mesmo á vista do monarcha
Dois beijos vae dar na filha,
Toca a trompa, e maravilha
Inaudita se mostrou.

A força do encantamento
Faz singular contradança,
E até o Califa dança
Agarrado ao Gran-Visir;
Hugon, o estrangeiro amante,
Não deixa perder o tempo,
Antes de algum contratempo
Co' a bella deita a fugir (2).

Outro facto. O de Munchhausen
Barão, assás conhecido,
De repente enriquecido
Por uma aposta se viu;
Tendo ao Sultão da Turquia
Muito ouro e prata ganhado,
Co' estes metaes embarcado
De Stambul logo saiu.

Porém retomar por força
O que perdera imprudente
Qu' rendo o Sultão, de repente
A sua esquadra mandou
Seguir logo sem demora,
Dando caça ao forasteiro,
Que todo, tanto dinheiro
Sem ceremonia levou (3).

Pouco depois tinha á vista

O barão a turca armada,
Mas com isso não se enfada
Que boa emenda lhe dá.
A um criado que trazia
Manda soprar contra aquella
Esquadra, e fragata bella
Que possa avançar não ha.

Do nosso pimpão fatidica
E mais portentosa é a sorte;
Basta um sopro só, mas forte
No cano da porta-voz.
P'ra o mar largo repellidas
São logo as imigas frotas,
E vem o homem das botas
Oppor-se á entrada da foz (4).

VIII

N'aquella terra e n'outras do planeta
Demoramo-nos inda muitos dias,
Gozando lindas viagens sobre os mares
Rios e lagos, de que está coberto
De Neptuno o grande orbe. Mas saudades
Eu tinha já de regressar á patria,
A este globo terreste, e os meus amigos,
Por haver muita gente convidada,
Fizeram equipar um *scapharmonio* (5)
De lotação maior do que o primeiro,
No qual eu, Dante, Olympia, os tres doutores
Mais duas damas, e inda outro meu mestre,
Que esperado me haviam no satellite,
Aportamos de Jove á superficie.
Entre muitos, diff'rentes passageiros
Dos que na torna-viagem me quizeram
Acompanhar té ao planeta Venus,
Para onde o scapharmonio tomou rumo,
Vinha Cortez, que conquistara o Mexico,

Alcibiades, Nelson, Villaneuve,
Infeliz mas brioso commandante,
O prudente Gravina, Collingwood,
Magon, que de Algesiras era o chefe
Em Trafalgar, mostrou bravura immensa,
E com machado em punho rechaçara
Aquelle general e a gente sua
A abordagem que dera o inglez Tyler
Ao navio francez. De immortal gloria
O digno commandante se cobrira;
Mas do inimigo as balas projectadas
Por certeiro arcabuz a vida tiram
Áquelle general, que tanto honrava
A marinha franceza (6). A mesma sorte
No combate naval, o mais sangrento
Que as maritimas aguas supportaram,
Ao chefe vencedor, o bravo Nelson,
Veio a caber tambem (7). Estes e inda outros
Notaveis officiaes foram a Venus
Viajar no barco harmonico.

IX

Aportamos
Depois de algumas horas de caminho,
Á cidade onde estava Edith Bellenden.
Dois dias de descanço nós tivemos
Antes da despedida. Então, chegado
O dia de esse adeus, a nobre dama
Para um jantar convida em seu palacio
Os forasteiros vindos de Neptuno,
E de Jove tambem os habitantes
Que estavam lá 'sperando o meu regresso.
Principesca era a festa; optimos vinhos
Viandas excellentes, e mais que isso
Escolhida era a honrosa companhia;
Mas no fim do banquete, e tendo todos
Os convivas passado p'ra outra sala,

Lá fui achar o album de retratos
Volumoso e já cheio. O illustre Dante
Pega n'elle e me diz: — Vê se os conheces. —
Abro o livro, e um retrato logo vejo,
Tendo esta nota em baixo p'ra clareza:

De pano azul por linda cazaquinha
Com botões amarellos enfeitada,
Do pae presente ad hoc, *a namorada*
Este achou que trocar bem lhe convinha.

Viro a folha, e deparo co' um retrato
De conhecido hypocrita; uma quadra
Revelava d'est'arte o seu caracter:

Este velhaco e sonso na Catholica,
Noiva rica p'ra obter, quiz alistar-se;
Injusto sabe ser com muita manha,
E com seiscentos contos foi casar-se.

Folheei mais adeante, e vejo um sucio
Pondo a luneta em ar de mofa e riso;
Em baixo estava a quadra que o define:

Com reboques de tios e quejandos
Consegue um petimetre, um asno, um Cria,
Par'cer alguma cousa e, achando pouco,
A um camafeu em nupcias se vendia.

Mais n'outra folha encontro a *vera effigie*
De um sujeito; eram cinco hendecasylabos
Indicadores de um caracter d'elle:

Se alguma vez este homem se descuida
E bebe de cerveja um copo mais,
Então, caso estupendo e pavoroso!
Arrebenta-lhe o ventre portentoso,
E sae de dentro Wronsky e outros que taes.

Basta, basta (digo eu, fechando o livro),

Ideia formo já do que elle encerra;
Com mais vagar porém vel-o é preciso.
— Podes leval-o, é teu (Dante me torna);
Por lembrança das viagens o conserva,
E se te faço assim este presente,
É para agradecer-te a estima e apreço
Em que sempre tiveste o meu *Inferno*. —

X

Chega a hora da partida; abraço amigos,
De todos me despeço, e de Allighieri
A capa novamente me seguro.
Então desprende o vôo o illustre Dante,
E do Cidral na fonte vem pousar-me.
  Qual do Ulysses ficara o amante filho
Do seu caro Mentor na despedida,
Tal fiquei eu, ao ver partir p'ra Jupiter
O vate florentino. Alguns momentos
Depois p'ra minha casa regressava
Á vida do costume, e entre outras coisas
A compôr um poema co' este titulo:
Viagens no systema planetario.

Fim.

NOTAS

AO

CANTO DUODECIMO

(1)

Leia-se o *Orlando Furioso* de Ariosto, ou o *Ricardete*, poema no mesmo genero por Nicolau Forteguerri.

(2)

Leia-se o *Oberon*, poema de Wieland. Em portuguez ha uma traducção por Filinto Elysio, e outra de só metade do poema por Alcipe (Marqueza de Alorna).

(3)

Leia-se a novella do auctor Raspe intitulada *Aventuras do Barão de Munchhausen*.

(4)

A historia do Sancto-milagre de Santarem muitas vezes tem andado com a historia do reino; e já n'este seculo, no tempo da guerra da independencia, veiu prender com um dos factos mais im-

portantos, e tambem com a mais curiosa aventura de que em Lisboa ha memoria.

Alludo nada menos que ao *homem das botas*. E perdoem-me as senhoras beatas a irreverencia apparente, que bem sabem não ser eu de motejar com as coisas serias e sanctas. Mas o facto é que a historia do Sancto-milagre está ligada com a celebre historia do *homem das botas*.

Saiba pois o leitor contemporaneo, saiba a posteridade... que pela invasão de Massena, o grande paladio scalabitano foi mandado recolher a Lisboa, e ahi se conservou alguns annos até muito depois da retirada dos francezes.

Passado todo o perigo de que o exercito invasor roubasse — ou profanasse — que era o mais provavel — a sancta reliquia, começou a reclamal-a o senado e o povo santareno, e a mostrar muito pouca vontade de lh'a restituir o senado e o povo ulyssiponense. Era uma questão d'entre Alba e Roma que dava serio cuidado aos reflectidos Numas da regencia do Rocio.

Em poucas perplexidades tão graves se viu aquelle pobre governo que tantas teve, e de quasi todas se sahiu mal.

Não assim d'esta, que a evitou com o mais inesperado e admiravel stratagema, digno de ornar os maravilhosos fastos do grande Aaroun-el-Raschid, ou de qualquer outro principe de bom humor, d'esses poucos felizes que em felizes tempos reinaram a brincar, e zombaram com o seu povo, mas fazendo-o rir.

Pois, senhores, apertada se via a regencia d'estes reinos com a restituição do Sancto-milagre que era de justiça fazer-se a Santarem, mas que Lisboa recusava, e ameaçava impedir. Temia-se alborôto no povo.

Não sei de quem foi o alvitre, mas foi de maganão de bom gosto; e bom gosto teve tambem o governo em o aceitar e aprovoitar. Para o dia em que o Sancto-milagre devia sahir de Lisboa Tejo

acima, o que se esperava fosse com grande solemnidade e pompa ecclesiastica, — fez-se annunciar por cartazes que um fulano de tal passaria o rio, de Lisboa a Almada, em umas botas de cortiça nas quaes se teria direito e inchuto, navegando a pé sem mais embarcação, vela nem remo.

A logração era gorda e grande; melhor e mais depressa foi engullida. No dia aprazado despovoou-se a capital, e uns em barcos, outros por navios, outros por essas praias abaixo, tudo se encheu de gente de todas as classes, e todos passaram o melhor do dia á espera do homem das botas.

No emtanto, muito surrateiramente embarcava o Sancto-milagre no seu barco de agua-arriba, e navegava com vento e maré para as ditosas ribeiras de Santarem.

Ninguem o viu sahir, nem soube novas d'elle em Lisboa senão quando constou da sua chegada a Santarem, e das grandes festas que lhe fizeram aquelles saudosos e devotos povos ribatejanos.

Os Arouns-el-Raschids do Rocio riram de soccapa: e nunca tão innocentemente se riu governo algum de ter enganado o povo.

VISCONDE DE A. GARRETT, *Viagens na minha terra*, cap. 37.º

---

(5)

Palavra formada das raizes gregas σκαφή *barca* e ἁρμονία *harmonia*. Do mesmo modo formara Baiardo de ἵππος *cavallo* e γρύψ *grypho* o substantivo hippogripho.

---

(6) e (7)

Veja-se em Thiers, na *Historia do consolado e do imperio (Liv. XXII)*, a descripção da batalha de Trafalgar.

INDICE

ERRATAS MAIS NOTAVEIS

Pag.	*Linh.*	*Erros*	*Emendas*
17	25	*furfuris*	*furf'ris*
18	10	manta	manto
33	28	prova	povoa
42	37	sonhoo	somno
51	1	abaixa	abaixe
»	8	terminava	terminara
52	6	E	E
124	9	Deum	De um
»	10	Dane	Dante
134	33	negcios	negocios
141	14	outra	outras
147	11	Hospedes e amigos meus, o illustre	Meus hospedes e amigos, então
152	9	este	estes
177	33	Leverrier	Le Verrier

PUBLICAÇÕES

DO

MESMO AUCTOR

ARTAXERXES, drama imitado de Metastasio, Coimbra 1868.

THESES EX ADPLICATA MATHESI, Conimbricae 1869.

DISSERTAÇÃO INAUGURAL, sobre o argumento: *Haverá vantagem, no ensino da mechanica racional, em subordinar as leis do equilibrio dos corpos ás do seu movimento?* Coimbra 1869 (esgotada).

FLORES DE ESPINHOS, poesias e opusculos litterarios, 2 volumes. Braga 1871.

DETERMINAÇÃO DE FUNCÇÕES ANALYTICAS, estudos sobre analyse infinitesimal. Coimbra 1873.

OBRAS INEDITAS

THEATRO LYRICO, contendo as operas comicas: *Josephina — A peste de Florença — O suffragio*

universal — Uma grève de dançantes — Por causa dos lazaristas.

SATYRICON, collecção de satyras, sonetos, epigrammas e algumas odes anacreonticas (parte d'estas já sahiram em jornaes e n'um folheto em 1875).

Preço .... 500 réis